UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE SAÚDE PÚBLICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AMBIENTE, SAÚDE E SUSTENTABILIDADE

TERRITÓRIOS EM TRANSFORMAÇÃO: FATORES QUE INFLUENCIAM AÇÕES COLETIVAS DE USO E CONSERVAÇÃO DE UM ESPAÇO PÚBLICO

Natalia Zafra Goettlicher

SÃO PAULO
2022

NATALIA ZAFRA GOETTLICHER

TERRITÓRIOS EM TRANSFORMAÇÃO: FATORES QUE INFLUENCIAM AÇÕES COLETIVAS DE USO E CONSERVAÇÃO DE UM ESPAÇO PÚBLICO.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente, Saúde e Sustentabilidade como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de concentração: Ambiente, Saúde e Sustentabilidade.

Orientadora: Profa. Dra. Sonia Maria Viggiani Coutinho

Versão corrigida

SÃO PAULO

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação da Publicação

Ficha elaborada pelo Sistema de Geração Automática a partir de dados fornecidos pelo(a) autor(a) Bibliotecária da FSP/USP: Maria do Carmo Alvarez - CRB-8/4359

Goettlicher, Natalia Zafra
Territórios em Transformação: fatores que influenciam ações coletivas de uso e conservação de um espaço público. / Natalia Zafra Goettlicher; orientadora Sonia Maria Viggiani Coutinho . -- São Paulo, 2022.
184 p.

Dissertação (Mestrado) -- Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 2022.

1. Ações coletivas. 2. Espaços públicos urbanos. 3. Praças e parques. 4. Áreas verdes. 5. Participação social. I. Viggiani Coutinho , Sonia Maria, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO (DISSERTAÇÃO)

GOETTLICHER, Natalia Zafra

Territórios em Transformação: fatores que influenciam ações coletivas de uso e conservação de um espaço público.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Ambiente, Saúde e Sustentabilidade, da Faculdade de Saúde Pública, da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Aprovado em: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr._____ Instituição:_____
Julgamento:_____Assinatura:_____

Prof. Dr._____ Instituição:_____
Julgamento:_____Assinatura:_____

Prof. Dr._____ Instituição:_____
Julgamento:_____Assinatura:_____

Dedico esta dissertação às iniciativas urbanas e movimentos sociais compostos por pessoas do bem, que lutam pelo direito à cidade e pela justiça ambiental, principalmente, aquelas que se dedicam ao uso e à conservação dos espaços públicos como praças e parques. Em especial às iniciativas da Praça da Nascente, aos voluntários do Mundo SEM Bitucas e ao meu falecido avô, Manoel Zafra Anaya (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

A vida e a regeneração de um novo ciclo!

Pela sobrevivência durante a pandemia do COVID-19. Ao mestrado por ter “me salvado” e me ajudado a ter ficado mais em casa, isolada de todos e com a cabeça cheia de atividades (de fato um dos momentos mais solitários da minha vida, já me diziam que fazer um mestrado era um trabalho solitário. Agora neste contexto mais ainda.). Ao Ser Superior pelas forças dadas neste período tão difícil e inexplicável. Acredito que um dos mais difíceis de todos em nossas vidas.

Ao meu avô Manoel Zafra Anaya, *in memoriam,* único professor da família, que me ensinou muito ao longo da vida e minha inspiração para seguir na área de educação e sustentabilidade com valores tão claros. A toda a minha família e amigos por todo apoio, paciência e compreensão neste momento tão importante para mim.

À minha orientadora, profa. Dra. Sonia Maria Viggiani Coutinho, e banca avaliadora pelos ensinamentos, orientações dadas ao longo deste percurso e por acreditar no meu potencial. Aos coordenadores, professores e funcionários do Programa de Mestrado Profissional em Ambiente, Saúde e Sustentabilidade – FSP USP por todo apoio oferecido nesta oportunidade em estudar em uma das melhores universidades do Brasil. Aos colegas do programa, que compartilharam momentos de conhecimentos e palavras de apoio. Ao programa de apoio à saúde mental da USP, meu terapeuta *coach* psico-orgânico Herberto Bergmann e profa. Dra. Monica Ferreira da Costa (UFPE). Agradeço à Rede Mundo SEM Bitucas por ser a minha força inicial e motivação para entrar no mestrado. Transformou a minha vida, sem dúvidas!

A todos que participaram das entrevistas e me ajudaram de alguma forma na pesquisa. Ao coletivo Ocupe & Abrace e todas pessoas e iniciativas, que contribuíram, diretamente ou indiretamente, com esta pesquisa. Em especial à Miriam (*in memoriam*), que em meio à pandemia se dispôs a apresentar a Praça da Nascente para mim e relatar toda a sua história. Estas iniciativas transformam vidas e olhares de todos que por ali passam mais atentos. Trazem reflexões sobre a importância da vida em sinergia com a natureza, promovendo bem-estar, saúde física-mental e relações mais amorosas. Viva a Praça da Nascente, viva as Águas do Córrego Água Preta, viva o Cerrado, viva as águas e áreas verdes! Viva a vida! Viva a Ciência e Educação!

Apesar das diversas dificuldades e um caminho diferente do imaginado inicialmente devido à pandemia COVID-19 e outras dificuldades ao longo da trajetória, estou feliz e agradecida pelo caminho percorrido. Mesmo neste momento atípico foi possível colher muitos frutos e aprendizados. Agradeço a todos que acreditaram em mim e no meu potencial. Acredite em você em primeiro lugar!

APRESENTAÇÃO

Sou administradora de empresas de formação, empreendedora, oficineira, palestrante, educadora e ativista ambiental. Acredito no desenvolvimento de um mundo melhor para se viver em comunidade por meio de métodos participativos. Formada em Administração pela UNICAMP, tive a minha jornada profissional transformada profundamente por uma intervenção artística de um ex-morador de rua no Vão Livre do MASP, chamado Piauí Ecologia (*in memoriam*), tendo uma plaquinha escrito “Aqui foram coletadas 50 mil bitucas” em um globo gigante de bitucas em meados de 2014, quando ainda trabalhava na área de *marketing* em uma multinacional na Avenida Paulista.

A partir deste dia comecei a observar mais o chão dos espaços públicos com resíduos pós-consumo e a quantidade absurda de itens no chão começou a me incomodar e me indignar. Comecei a tirar fotos e divulgar nas redes sociais para as pessoas terem acesso sobre esta reflexão e/ou se identificarem com a questão; busquei informações sobre o tema, participei de diferentes eventos e fiz cursos na área, e juntamente com 02 estudantes de Gestão Ambiental pela EACH-USP, desenvolvemos uma página no Facebook unicamente para falar sobre os impactos e possíveis soluções sobre o tema. Assim nasceu a página Mundo SEM Bitucas (MSB), em janeiro de 2016, de forma totalmente espontânea e voluntária. Eu ainda trabalhava no corporativo, quando fazia as postagens e participava de eventos nos horários livres de noite ou finais de semana.

Com o crescimento da iniciativa, migrei de carreira e fiz o curso Designer para Sustentabilidade pelo Gaia Education, e mudei da área de Gestão de Projetos e Qualidade de TI para a área de Sustentabilidade Corporativa, ainda no Rio de Janeiro. Desligada da empresa, em 2017, voltei para São Paulo, em 2018, para empreender na área socioambiental e me capacitar na área - na Saúde Pública (FSP) e na Fundação Instituto de Administração (FIA), por meio do Programa Jovens Talentos da Fundação Arymax.

Conclui a especialização e, em janeiro de 2020, iniciei mestrado no Programa de Mestrado Profissional em Saúde, Ambiente e Sustentabilidade na FSP-USP. A intenção inicial do meu projeto de pesquisa era totalmente relacionada à problemática das bitucas de cigarro no município de São Paulo por meio de métodos participativos,

mas acabei me interessando por ações no espaço público voltadas às iniciativas individuais e coletivas para o uso e conservação de áreas verdes como praças.

Um breve resumo do meu Currículo Lattes e o de minha orientadora estarão nos apêndices.

“O segredo é não correr atrás das borboletas... é cuidar do jardim para que elas venham até você.” (Mário Quintana)

RESUMO

GOETTLICHER, Natalia Zafra. **Territórios em Transformação: fatores que influenciam ações coletivas de uso e conservação de um espaço público**. 2022. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU, 2017), mais da metade da população mundial vive em áreas urbanas, o que não é diferente no contexto brasileiro. O recorte desta pesquisa foi o município de São Paulo que, com o processo de urbanização, perdeu muitas áreas verdes, indicando a relevância da conservação das praças e parques existentes na cidade. Ações de movimentos sociais e ações coletivas têm surgido como forma de ocupar os espaços públicos com motivações diversas, seja no sentido de mudanças concretas em seus usos regulares, seja por razões de ordem pessoal. O objetivo da pesquisa foi mapear iniciativas; identificar motivações e analisar fatores que possam influenciar o uso e a conservação de um espaço público a partir de ações coletivas e de moradores do entorno de praças já existentes. Para tanto, foi conduzido um estudo tendo como *locus* a Praça da Nascente, localizada no Bairro da Pompeia, no município de São Paulo. Foi utilizada análise qualitativa com informações coletadas por meio de observação participante, registros fotográficos e entrevistas semiestruturadas, envolvendo moradores, comerciantes, o coletivo Ocupe & Abrace, entre outros grupos. A análise dos resultados das entrevistas foi realizada por meio de análise de conteúdo, segundo Bardin. Espera-se que com a identificação e a análise das motivações e fatores que podem influenciar os usos e a conservação destes espaços seja possível contribuir com estudos e a gestão destes espaços.

Palavras-chave: ações coletivas; espaços públicos urbanos; praças e parques; áreas verdes; participação social.

ABSTRACT

GOETTLICHER, Natalia Zafra. **Transforming Territories: factors that influence collective actions for the use and conservation of a public space.** 2022. Dissertation (Master of Science) – Faculty of Public Health, University of São Paulo, São Paulo, 2022. Portuguese.

According to the United Nations (UN, 2017), more than half of the world's population live in urban areas, which is no different in the Brazilian context. The focus of this research was the city of São Paulo that, due to the urbanization process, lost many green areas, indicating the relevance of the conservation of the existing squares and parks in the city. Actions of social movements and collective actions have emerged as a way of occupying public spaces with different motivations, whether in the sense of concrete changes in their regular uses, or for personal reasons. The purpose of the survey was to map initiatives; to identify motivations and analyze factors that may influence the use and conservation of an urban public green space based on collective actions and those of residentes in the vicinity of existing squares. Therefore, a study was conducted at the locus Nascente Square (Praça da Nascente), located in the Pompeia neighborhood, in the city of São Paulo. Qualitative analysis was used with information collected through participant observation, photographic records and semi-structured interviews, involving residents, traders, the collective Ocupe & Abrace, among other groups. The analysis of the results of the interviews was carried out through content analysis, according to Bardin. Hopefully, the identification and analysis of the motivations and factors that can influence the uses and conservation of these spaces will contribute to studies and the management of these spaces.

Key-words: collective actions; urban public spaces; squares and parks; green areas; social participation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da Cobertura Vegetal no Município de São Paulo em 1988, Escala 1:500.000. 25
Figura 2 – Mapa da Cobertura Vegetal Total no Município de São Paulo em 2020. .26
Figura 3 – Mapa do índice de áreas verdes por habitante no município de São Paulo, 2017. 27
Figura 4 – Representação gráfica da Cobertura Vegetal na Região Oeste, município de São Paulo. 28
Figura 5 – Linha do tempo com a Gestão Política do município de São Paulo e adesão dos Movimentos Sociais (2006 – 2021).....31
Figura 6 – Mapa da Subprefeitura da Lapa com destaque para o Distrito de Perdizes. 45
Figura 7 – Mapa digital da Hidrografia presente na Subprefeitura da Lapa com destaque para a Bacia Hidrográfica do Córrego Água Preta e a localização da Praça da Nascente. 46
Figura 8 – Mapa digital Político Administrativo do Município de São Paulo sobrepondo a Carta Geotécnica e o Mapeamento da Cobertura Vegetal 2020 com destaque para a Praça da Nascente e seu entorno. 47
Figura 9 – Mapa digital da Área Verde presente na Praça da Nascente, no Município de São Paulo, Ortofoto 2017 - PMSP, Escala 1:2.000. 49
Figura 10 – Descrição das etapas de pesquisa.....50
Figura 11 – Mapa da representação da área pesquisada com destaque para as ruas do entorno da Praça da Nascente, Ortofoto 2017 - PMSP, Escala 1:2.000. 51
Figura 12 – Linha do tempo com o histórico de acontecimentos importantes na Praça da Nascente e seu entorno. 53
Figura 13 – Ilustrações das atividades realizadas na Praça da Nascente. (a) postagem “Foto Manifesto”; (b) Convite Workshop LABVERDE e O&A. 55
Figura 14 – Ilustrações das comunicações postadas sobre os primeiros Festivais da Praça da Nascente. (a) divulgação do primeiro Festival da Praça da Nascente; (b) divulgação de agradecimento pela participação.....56
Figura 15 – Ilustração das casas sendo demolidas ao lado da Praça da Nascente..57

Figura 16 – Ilustrações educativas postadas pela “Água, sua linda!” em 2016. (a) divulgação “Como um edifício pode matar uma nascente?”; (b) divulgação “Contra o mosquito, peixes e sapos são melhores que o fumacê!”. 58
Figura 17 – Ilustrações das atividades de protestos e participação de audiências públicas. (a) protesto em proteção às nascentes; (b) protestos ao empreendimento ao lado da Praça da Nascente; (c) chamada para participação de audiência pública. ..59
Figura 18 – Ilustrações das atividades de mapeamento da biodiversidade presente na Praça da Nascente. (a) banner de divulgação “Desafio Natureza nas Cidades 2018”; (b) observações registradas da Praça da Nascente na Plataforma iNaturalist. 60
Figura 19 – Ilustrações das atividades realizadas para manutenção da área verde e águas das nascentes na Praça da Nascente. (a) análise da água da nascente pelo programa “Observando os Rios”; (b) cultivo de jabuticabeira próximo a arquibancada; (c) manutenção do lago. 61
Figura 20 – Ilustrações das publicações de divulgação do documentário “A Nascente Mora Aqui” (NASCAR, 2020). (a) comunicado de estreia do documentário; (b) comunicado com os nomes dos participantes do documentário; (c) comunicado sobre o painel de debate. 62
Figura 21 – Imagem Ortofoto IGC 2007 com as delimitações da Praça da Nascente, Praça Nossa Senhora do Carmo, Escadaria da R. Dr. Paulo Vieira e novos empreendimentos - Escala 1:2.500. 63
Figura 22 – Ortofoto com a localização dos afloramentos d’água dentro do relatório técnico emitido pelo IGC em 2015. 64
Figura 23 – Áreas de preservação permanente definidas pelas nascentes existentes na Praça Homero Silva e entorno. Imagem de satélite Google Earth anterior à demolição das residências na área do projeto do edifício. 65
Figura 24 – Imagem do terreno comprado pela incorporadora ao lado da Praça da Nascente. 66
Figura 25 – Registros fotográficos da autora durante as primeiras visitas à Praça da Nascente. (a) placa Praça Homero Silva; (b) lagos das nascentes; (c) placas de sinalização sobre a vida no lago; (d) placa sobre a água; (e) placa sobre a vivência na praça; (f) placa colorida escrito Praça da Nascente; (g) mulher passeando com cachorro; (h) criança na gangorra; (i) casal de idosos sentados no banco. 71
Figura 26 – Registros fotográficos da autora durante a quarta visita pela Praça da Nascente e seus frequentadores em um sábado pela manhã. (a) homem deitado no

banco; (b) homem e criança observando o lago; (c) plantio de plantas nativas do Cerrado. 72
Figura 27 – Escadaria da Rua Doutor Paulo Vieira e sua nascente no entorno da Praça da Nascente. (a) antiga torneira com água de nascente; (b) água de nascente escoando pela sarjeta. 74
Figura 28 – Atividade presencial, Roda de tambores, na Praça da Nascente. (a) instrumentos no chão da praça; (b) pessoas tocando tambores em roda; (c) roda com criança tocando tambor. 76
Figura 29 – Alteração na quantidade de vegetação presente no lago Praça da Nascente. 76
Figura 30 – Registros fotográficos da autora durante as últimas visitas pela Praça da Nascente e seu entorno em 18/02/2022 e 19/03/2022. (a) cartaz sobre a petição de ampliação da praça; (b) novo banco de concreto; (c) árvore caída no chão; (d) abelha sem ferrão no tronco. 77
Figura 31 – Registros fotográficos de intervenções artísticas observadas durante as visitas de campo na Praça da Nascente. (a) Busto de madeira com máscara; (b) “Transbor Ar”. 83
Figura 32 – Registros fotográficos sobre a manutenção observadas durante as visitas de campo na Praça da Nascente. (a) máscara descartável no chão; (b) vestígios de fogo; (c) pichações. 84
Figura 33 – Casas de vila e geminadas no entorno da Praça da Nascente com anúncios de venda e aluguel. (a) casa com anúncio de venda; (b) casa germinada com anúncio de aluguel; (c) kitnets com anúncio de aluguel. 90
Figura 34 – Praça da Nascente com linha pontilhada em amarelo para indicar os diferentes níveis presentes no espaço. 94
Figura 35 – Representação dos pontos de centralidade da Praça da Nascente como pontos de encontro observados. (a) arquibancada; (b) platô nível 02, próximo da escadaria do Cerrado Infinito. 95
Figura 36 – Representação de espaços com luz solar em diferentes horários do dia na Praça da Nascente. (a) visualização do sol no nível 03 – fim de tarde; (b) sol nível 02 pela manhã; (c) sol nível 01 pela manhã; (d) sol na região do lago pela manhã; (e) reflexo do sol no lago – horário de almoço; (f) sol na arquibancada – horário de almoço. 96

Figura 37 – Registros fotográficos das observações de espécies animais durante a permanência na Praça da Nascente. (a) sapo no lago do nível 01; (b) girinos na nascente do nível 02; (c) borboleta no Cerrado Infinito. 98
Figura 38 – Registros fotográficos de espécies vegetais frutíferas observadas durante a permanência na Praça da Nascente. (a) bananeira; (b) jerivá; (c) frutos do jerivá. 99
Figura 39 – Registros fotográficos da vegetação do Cerrado observadas durante a permanência na Praça da Nascente. (a) lantana; (b) ananás e (c) sena empenada. 99
Figura 40 – Registros fotográficos das placas explicativas do Cerrado Infinito observadas durante a permanência na Praça da Nascente. (a) placa “Por que tem água aqui?”; (b) placa “Como o Cerrado ajuda a preservar as nascentes?”; (c) placa sobre as espécies presentes no Cerrado Infinito. 100
Figura 41 – Registros fotográficos das espécies típicas de regiões úmidas observadas durante a permanência na Praça da Nascente. (a) taiobas e samambaias; (b) sombrinhas chinesas. 100
Figura 42 – Cartão postal desenvolvido pelo Ocupe & Abrace para representar as reuniões iniciais na Praça da Nascente.....109
Figura 43 – Representação de ação coletiva para revitalização da Praça da Nascente. 111
Figura 44 – Intervenções artísticas e educativas presentes na Praça da Nascente. (a) intervenção sobre a vivência; (b) intervenção sobre a vida presente no lago. 113
Figura 45 – Implementação de cacimbas, parte da canalização em telhas para escoamento das nascentes do Córrego Água Preta até o lago no primeiro nível da praça como uma forma de abastecimento. (a) cacimba; (b) canalização em telhas; (c) localização da nascente. 117
Figura 46 – Ilustração dos encontros de workshops e do planejamento do projeto para a Praça da Nascente como uma requalificação socioambiental. (a) primeiro workshop; (b) segundo workshop; (c) projeto apresentado. 118
Figura 47 – Antes e depois da retirada do muro de arrimo no nível superior da praça. (a) muro de arrimo; (b) arquibancada. 119
Figura 48 – Implementação do parquinho de madeira no nível 02 da praça com o destaque no “trepa-trepa”. (a) trepa-trepa de metal; (b) parquinho de madeira. 120
Figura 49 – Representação dos bancos presentes na praça, sendo o de madeira desenvolvido com apoio do Movimento Boa Praça e abaixo dele o de concreto no

modelo padrão “antimendigo”. (a) banco visualizado de frente; (b) banco visualizado de trás. 120
Figura 50 – Representação da estação de equipamentos para a terceira idade na Praça da Nascente. 121
Figura 51 – Sistemas Naturais e Antropológicos segundo Herzog (2013). 122
Figura 52 – Representação de intervenções ativistas em parceria com a iniciativa “(se)cura humana”. (a) “Parque Aquático Móvel”; (b) Lago de nascentes na calçada do terreno da Exto. 124
Figura 53 – Diagrama dos fatores internos e externos que influenciam os indivíduos a ações. 133
Figura 54 – Registro fotográfico durante o fechamento dos Parques Municipais de São Paulo. 137
Figura 55 – Representação do Parque Linear das Corujas em São Paulo. (a) portão de entrada do parque; (b) caminho principal; (c) placa educativa sobre os rios; (d) placa sobre intervenção da escola. 140
Figura 56 – Representação dos cartazes espalhados na Praça da Nascente para mobilizar os usuários pela ampliação da praça, faixa e encontro presencial dos representantes. (a) cartazes da petição; (b) faixa “#Pela ampliação da Praça da Nascente”; (c) reunião presencial na praça. 142
Figura 57 – Boas práticas do Coletivo Ocupe & Abrace para replicar em outros espaços públicos como praças. 154

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Autores com publicações sobre o Coletivo Ocupe & Abrace, a Praça da Nascente e o Córrego Água Preta. 67
Quadro 2 – Relação de outras visitas em campo no município de São Paulo e externas à Praça da Nascente. 78
Quadro 3 – Descrição dos entrevistados de acordo com o perfil de roteiro utilizado e nomes das iniciativas, instituições ou comércios representantes. 80

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AC - Análise de Conteúdo

Anvisa - Agência Nacional de Vigilância Sanitária

APP - Área de Preservação Permanente

Av. - Avenida

CADES - Conselho Municipal do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável

CAEx - Centro de Apoio à Execução do Ministério Público

CETESB - Companhia Ambiental do Estado de São Paulo

CI - Cerrado Infinito

CMSP - Câmara Municipal de São Paulo

COVID-19 - Corona Virus Disease 2019

CP - Comunidade de Prática

CU - Comitê de Usuários

DIY - Do It Yourself

DNA - Ácido Desoxirribonucleico

E. - Entrevistado

EP - Espaço Público

FAO - Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura

FAU - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

FSP - Faculdade de Saúde Pública

GEE - Gases de Efeito Estufa

Hab. - Habitante

IAV - Índice de Áreas Verdes

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IEA - Instituto de Estudos Avançados da USP

IGC - Instituto Geográfico e Cartográfico

LABVERDE - Laboratório Verde

MBL - Movimento Brasil Livre

MBP - Movimento Boa Praça

MCTI - Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação

Mov. - Movimento

MPSP - Ministério Público do Estado de São Paulo

MPL - Movimento Passe Livre

MS - Movimentos Sociais

N.I. - Não Identificado

NUA - Nova Agenda Urbana da ONU-HABITAT

O&A - Coletivo Ocupe & Abrace

ODS - Objetivos do Desenvolvimento Sustentável

OMS - Organização Mundial da Saúde

ONGs - Organizações não Governamentais

ONU - Organização das Nações Unidas

OPA - Organismo Parque Augusta

PANCs - Plantas Alimentícias Não Convencionais

Pç. - Praça

PDE - Plano Diretor Estratégico

PIB - Produto Interno Bruto

PL - Projeto de Lei

PN - Praça da Nascente

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNI - Política Nacional do Idoso

PNUMA - Programa das Nações Unidades para o Meio Ambiente

Pq. - Parque

PUC-Rio - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

QR Code - Quick Response Code

R. - Rua

RR - Rios e Ruas

SABESP - Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo

SbN - Soluções baseadas na Natureza

SE - Serviços Ecossistêmicos

Secovi-SP - Sindicato de das Empresas de Compra, Venda e Administração de Imóveis de São Paulo

Sesc - Serviço Social do Comércio

SOS MA - SOS Mata Atlântica

Sub. - Subprefeitura regional

SMDU - Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano

SVMA - Secretaria do Verde e Meio Ambiente

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TIC - Tecnologia da Informação e Comunicação

TS - Tecnologia Social

TSGA - Tecnologias Sociais para a Gestão da Água

UC - Unidade de Conservação

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

UNEP - United Nations Environment Programme

USP - Universidade de São Paulo

VPR - Vem Pra Rua

WRI Brasil - World Resources Institute do Brasil

ZEPAM - Zona Especial de Proteção Ambiental

ZO - Zona Oeste de São Paulo

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO 25

1.1. JUSTIFICATIVA 33

1.2. PERGUNTAS NORTEADORAS.....33

1.3. OBJETIVOS DE PESQUISA 34

1.3.1. Objetivo Geral.....34

1.3.2. Objetivos Específicos 34

1.4. ESTRUTURAÇÃO DO TRABALHO 34

2. REFERENCIAL TEÓRICO-CONCEITUAL.....34

2.1. MOVIMENTOS SOCIAIS, COLETIVOS URBANOS E SUAS REDES 34

2.1.1. Movimentos sociais no contexto internacional 34

2.1.2. Movimentos sociais no contexto nacional 36

2.2. DIREITO À CIDADE, DESENVOLVIMENTO URBANO E OCUPAÇÃO EM ESPAÇOS PÚBLICOS 39

3. ABORDAGEM METODOLÓGICA.....44

3.1. *LOCUS* DE ESTUDO - JUSTIFICATIVA.....44

3.2. DESCRIÇÃO DA METODOLOGIA.....49

4. MAPEAMENTO DAS INICIATIVAS EXISTENTES 52

4.1. MAPEAMENTO DAS INICIATIVAS EXISTENTES, COM DESTAQUE DA PRAÇA DA NASCENTE E SEU HISTÓRICO DE ATIVIDADES 52

4.1.1. Linha do tempo de ações na Praça da Nascente (2013 - 2022) 53

4.1.2. Mapeamento e análise de publicações sobre a Praça da Nascente e iniciativas em sinergia.....67

5. VISITAS DE CAMPO.....69

5.1. VISITAS TÉCNICAS À PRAÇA DA NASCENTE: LEVANTAMENTO DE CAMPO E IDENTIFICAÇÃO DAS AÇÕES COLETIVAS (2020 – 2022) 69

5.2. VISITAS DE CAMPO EM OUTROS ESPAÇOS PÚBLICOS PARA ALÉM DA PRAÇA DA NASCENTE E SUAS INICIATIVAS.....78

6. REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS.....79
7. RESULTADOS E DISCUSSÕES 81
7.1. RESULTADOS, ANÁLISES E DISCUSSÕES DAS ENTREVISTAS.....85
7.1.1. Bloco 01 - Relação com o bairro, a Praça da Nascente e seu entorno. 85
7.1.1.1. Perfil dos entrevistados 85
7.1.1.2. Importância da Praça da Nascente para os entrevistados 92
7.1.1.3. Motivações para apoiar e/ou participar do coletivo e outras iniciativas na praça 103
7.1.1.4. Causas de luta para os respondentes 106
7.1.2. Bloco 02 - Transformações percebidas no território 107
7.1.2.1. Transformações observadas no território da Praça da Nascente.....107
7.1.2.2. Relação das iniciativas nas transformações executadas e percebidas 125
7.1.2.3. Fatores percebidos que influenciam as ações coletivas sobre o espaço público. 126
7.1.2.4. O que faz as pessoas participarem destas ações? Quais os principais interesses? 135
7.1.3. Bloco 03 - Desejo para o futuro da Praça da Nascente.....139
7.1.3.1. Qual é o seu desejo para o futuro da Praça da Nascente? 139
7.1.3.2. Quais as oportunidades e dificuldades para o seu desejo ser realizado? ..141
7.1.3.2.1. Oportunidades relatadas pelos entrevistados.....141
7.1.3.2.2. Dificuldades relatadas pelos entrevistados 144
7.1.3.3. Estes desejos estão alinhados com as iniciativas que representam? 146
7.1.3.4. Como você vê a praça daqui para frente?.....147
8. CONCLUSÕES 149
9. RECOMENDAÇÕES 152
10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 155
11. ANEXOS E APÊNDICES 165

APÊNDICE A – Quadro de iniciativas mapeadas no Catálogo Territórios em Transformação - Sesc São Paulo, 2017. 165

APÊNDICE B – Quadro dos critérios selecionados para escolha da iniciativa do estudo com base no mapeamento acima realizado pelo SESC SP 2017. 166

APÊNDICE C – Protocolo Operacional Padrão utilizado nas visitas a campo. 167

APÊNDICE D – Roteiros aplicados nas entrevistas semiestruturadas 167

APÊNDICE E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) 168

APÊNDICE F – Protocolo Operacional Padrão realizado nas transcrições de cada entrevistado. 172

APÊNDICE G – Quadro com a descrição e período da realização das entrevistas semiestruturadas por perfil de roteiro. 172

APÊNDICE H - Quadro com o resumo do perfil dos entrevistados na fase de entrevistas semiestruturadas. 174

APÊNDICE I - Quadro com o resumo dos resultados das entrevistas semiestruturadas. 176

APÊNDICE J – Quadro com a descrição do foco dos movimentos, subcategorias, iniciativas representadas, descrição das iniciativas nas redes sociais e forma de atuação na Praça da Nascente. 183

APÊNDICE K - Resumo dos Currículos Lattes 184

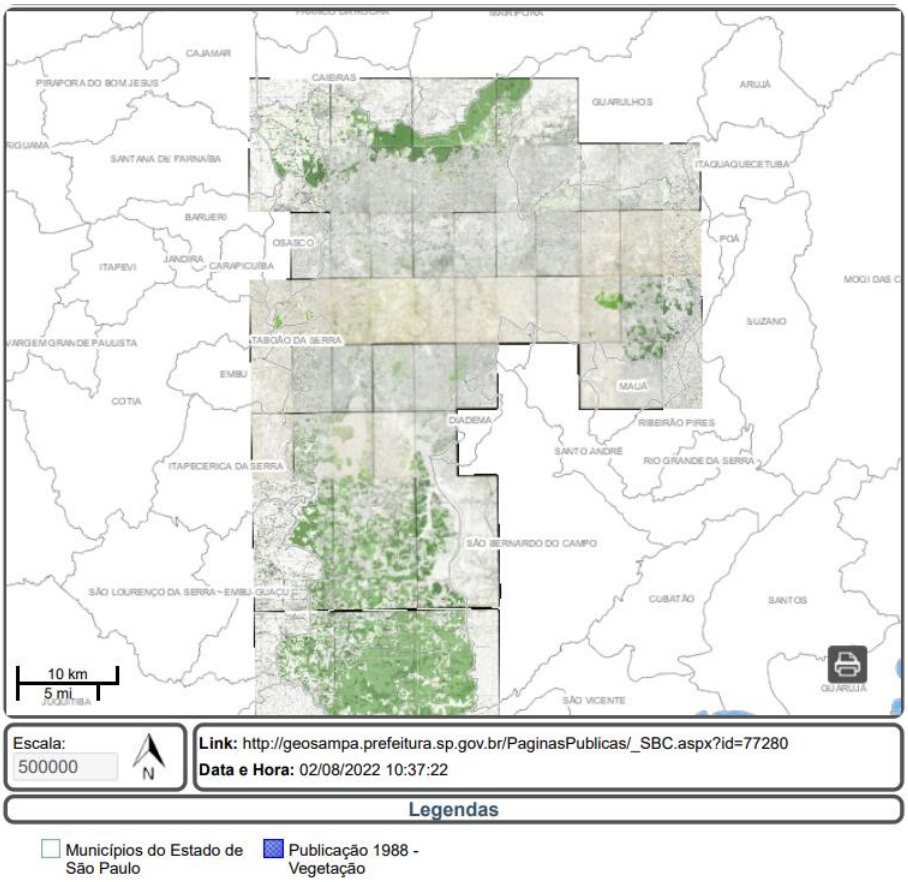
1.INTRODUÇÃO

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU, 2017), 55,3% da população mundial vive em áreas urbanas e a expectativa é de que esta proporção aumente para 60%, até 2030. No contexto brasileiro, mesmo sendo um país territorialmente rural, possui 84,72% da sua população vivendo em áreas urbanas (PNAD, 2015).

O recorte desta pesquisa será o município de São Paulo - uma megacidade com mais de 12 milhões de habitantes em seu território (IBGE, 2019).

Com o processo de urbanização do município de São Paulo houve redução de áreas verdes, indicando a relevância da conservação destas áreas, incluindo praças e parques. Sendo possível observar esta redução da vegetação no município pelo mapeamento publicado em 1988, o qual já apresentava redução em áreas centrais e concentração em seus extremos (Figura 1).

Figura 1 – Mapa da Cobertura Vegetal no Município de São Paulo em 1988, Escala 1:500.000.

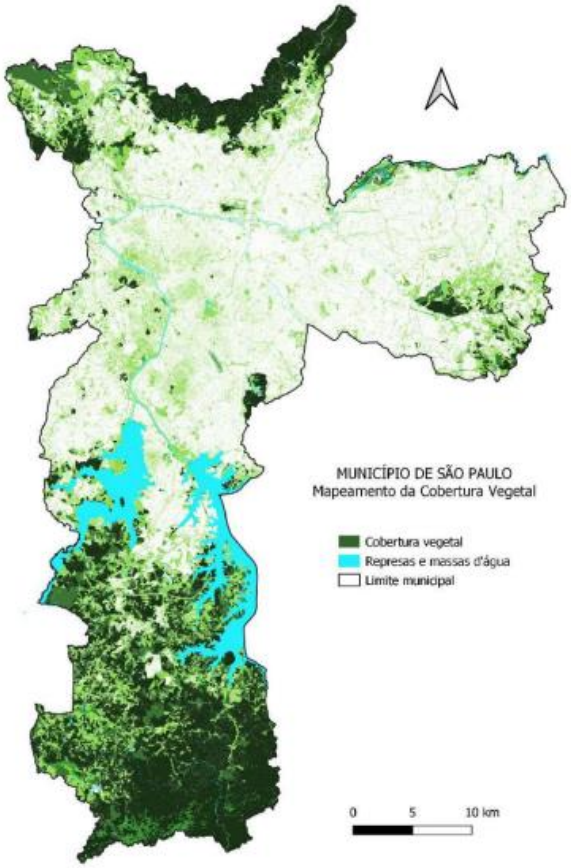


Fonte: GeoSampa, 2022.

De acordo com o Relatório final de Mapeamento digital da cobertura vegetal do município de São Paulo publicado pela SVMA (2020), concluiu-se que não é

recomendável comparar o mapa de cobertura vegetal de 1988 (Figura 1) com o resultado do mapeamento de 2020 (Figura 2), pois ambos possuem escalas empregadas diferentes. Ou seja, no primeiro considerando as limitações metodológicas, tecnológicas e cartográficas disponíveis, estima-se que na época existia 33,58% de cobertura vegetal no município; já o segundo totalizou-se em 48,18%, mas que não necessariamente significa que houve expansão da cobertura vegetal quando analisados os resultados dos mapeamentos (SVMA, 2020).

Figura 2 – Mapa da Cobertura Vegetal Total no Município de São Paulo em 2020.



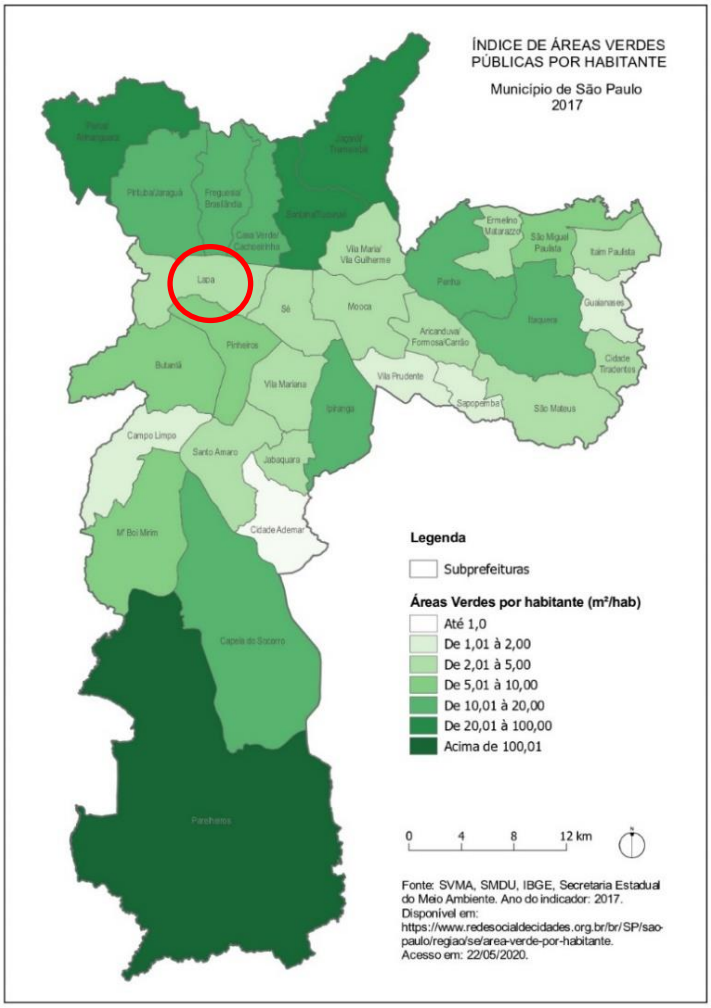
Fonte: SVMA, 2020, p. 48.

Para Moreira *et al* (2020), morar em uma megacidade provoca impactos adversos na saúde, que podem ser mitigados pela disponibilidade de áreas verdes. Os mesmos autores também afirmam que estes “benefícios na saúde derivam de fatores que incluem uma redução em poluentes atmosféricos, ruído e impacto do vento, diminuição das temperaturas, promoção de atividade físicas e coesão social” (MOREIRA *et al*, 2020, p.02). Para Herzog (2013, p.174), “as paisagens urbanas desempenham funções essenciais para a qualidade de vida humana”. Ou seja, que

faz destas áreas ainda mais importantes para qualidade de vida e saúde humana. Por isso, segundo Spirn (1995, p.21): “(...) A cidade precisa ser reconhecida como parte da natureza e ser projetada de acordo com isso”.

De acordo com Cavalheiro e Del Picchia (1992, *apud* HARDER *et al*, 2006, p.278) há a recomendação, atribuída à ONU, Organização Mundial da Saúde (OMS) ou Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), do índice de 12 m^2 de área verde por habitante como área ideal para uma boa qualidade de vida. Porém, na capital paulista existe uma grande desigualdade de áreas verdes públicas entre suas diferentes Subprefeituras regionais (Sub.), segundo levantamento realizado pela Secretaria do Verde e Meio Ambiente de São Paulo (SVMA, 2017) (Figura 3).

Figura 3 – Mapa do índice de áreas verdes por habitante no município de São Paulo, 2017.

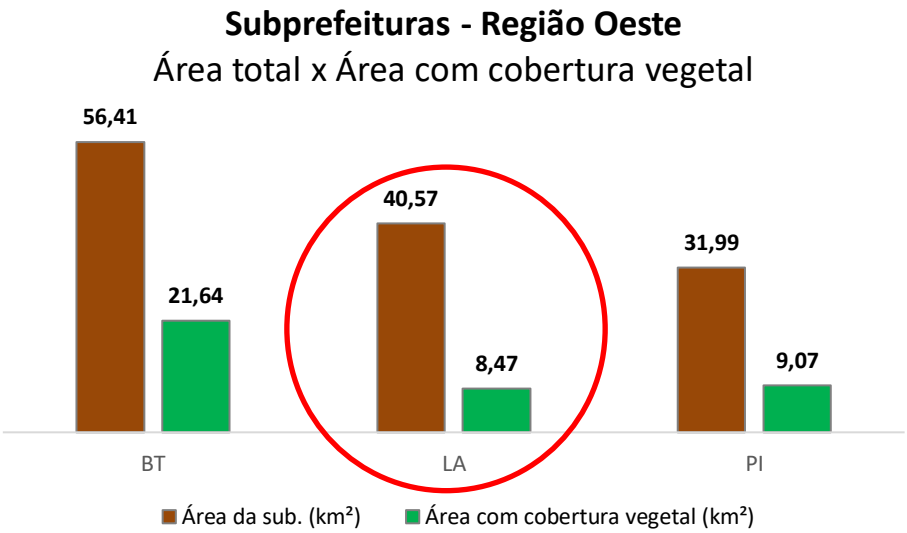


Fonte: Elaborado por Juliana Colli Munhoz com base na SVMA (2016), SMDU (PDE, 2014), IBGE (2017), IBGE (2017) (2020 *apud* XIMENES *et al* 2020, p.12).
Nota: Destaque em vermelho para a área de estudo, Subprefeitura da Lapa.

A maior parte das áreas verdes do município de São Paulo está concentrada nas regiões periféricas, na Zona Norte e Sul, com difícil acesso aos moradores mais centrais (Figura 2). Por isso, Ximenes *et al* (2020, p.11) afirmam que apesar do "Índice de Áreas Verdes (IAV) por Subprefeitura geral do município atingir atualmente 16,59 m^2/hab., considerando-se as Unidades de Conservação - UCs e as praças, há 16 Subprefeituras que apresentam índices abaixo de 5,0 m^2/hab.". Portanto, recomendam a necessidade de políticas públicas com objetivo de reduzir a desigualdade de acesso a praças e parques, além de colocá-las a distâncias acessíveis e próximas às moradias.

Neste estudo, o objeto será a Praça Homero Silva, mais conhecida como Praça da Nascente (PN), que está localizada no bairro Pompeia, distrito de Perdizes, Subprefeitura da Lapa - Zona Oeste (ZO) da capital paulista. Limita-se com os bairros: Perdizes, Vila Anglo Brasileira, Água Branca, Vila Romana, Lapa e Barra Funda. É considerado um bairro de classe média-alta, com facilidades de acesso a toda cidade - a menos de 300 metros de distância, possui o metrô Vila Madalena unido ao Terminal Urbano de Ônibus, com fácil acesso para o centro e outros bairros importantes da cidade. Segundo o Relatório Final de Mapeamento Digital de Cobertura Vegetal do Município São Paulo (2020), a Subprefeitura da Lapa possui uma área de 40,57 km^2, sendo que apenas 8,47 km^2 representam a área com cobertura vegetal totalizando apenas 4,54 m^2 de área verde por habitante (Figura 4), situando-se entre as 16 Subprefeituras da capital, que estão abaixo do índice recomendado pela OMS.

Figura 4 – Representação gráfica da Cobertura Vegetal na Região Oeste, município de São Paulo.



Fonte: Adaptado do Relatório Final de Mapeamento Digital de Cobertura Vegetal do Município São Paulo (2020, p.61).
Nota: Subprefeituras Região Oeste estão representadas por: BT - Butantã; LA - Lapa; PI - Pinheiros.

Para Meyer (2006), há necessidade de realizar uma revisão conceitual e propositiva sobre as cidades e as metrópoles, pois há transformações que estão alterando seus atributos. A autora reforça (2006, p.38-39):

> Enquanto prevaleceram as distinções que demarcavam claramente o campo e a cidade, a capacidade de descrever as duas entidades, seus atributos específicos, seus pontos de contato, suas fronteiras, os avanços da urbanização sobre o campo, e, principalmente, as relações que existiam entre ambas, a tarefa de intervir em cada uma delas foi exercida com alguma precisão e previsão. (...) A evidência de um processo de urbanização difusa que avança para áreas cujas características são muito indefinidas, nem propriamente urbanas nem tampouco rurais, aponta para a presença de uma forma de ocupação do território que vem sendo descrita como um tipo específico de suburbanização sem limites.

Meyer (2006) afirma que por décadas houve desencontro entre a teoria e a prática urbanística, que, por isso, é necessário rever algumas questões e parâmetros como: trabalhar a nova escala, e identificar e descrever os atributos físicos-espaciais associados às novas funções que o território está desempenhando na organização produtiva contemporânea. Para ela, o urbanismo é (2006, p.39-40):

> (...) Desafiado pelo próprio objeto de trabalho – a cidade – que se transformou em outro ente – o território – invalidando seus métodos clássicos, o urbanismo está hoje vivendo uma fase rica de criação de hipóteses de caminhos alternativos. Neste percurso, estabelecer uma relação mais exigente com o termo território tem se mostrado fundamental.

Neste contexto, a obra de Jacobs (2011) foi um marco ao descrever o funcionamento das cidades na prática, pois, segundo a autora, “essa é a única maneira de saber que princípios de planejamento e que iniciativas de reurbanização conseguem promover a vitalidade socioeconômica nas cidades e quais práticas e princípios a inviabilizam” (2011, p.02). Para ela, o uso constante e diverso dos espaços públicos por pessoas ao longo do dia é importante para a manutenção da vida e da segurança na cidade.

Porém, com o crescimento da cidade e suas edificações, os espaços públicos foram esquecidos entre os arranha-céus e perderam a sua potencialidade de troca, interatividade, diversidade e convívio social, os quais com o tempo viraram locais de medo dentro da cidade (CALDEIRA, 2011). A busca por uma cidade mais justa está pautada na luta pelo direito à cidade e de participar ativamente das discussões sobre seu destino e das relações sociais que nela ocorrem (HARVEY, 2014).

Tendo isso em vista, em 20 de outubro de 2016, em Quito (Equador), a Nova Agenda Urbana (NUA) foi adotada na Conferência das Nações Unidas sobre Habitação e Desenvolvimento Urbano Sustentável (Habitat III) com objetivo de reafirmar (ONU-HABITAT, 2016, p.04):

> (...) nosso compromisso global com a promoção do desenvolvimento urbano sustentável como um passo decisivo para a concretização do desenvolvimento sustentável de maneira integrada e coordenada nos níveis global, regional, nacional, subnacional e local, com a participação de todos os atores relevantes. A implementação da Nova Agenda Urbana contribui para a implementação e a localização da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável de maneira integrada e para o alcance dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e de suas metas, inclusive o ODS 11 de tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis.

Diante deste cenário, diversas ações de movimentos sociais (MS) e ações coletivas em São Paulo têm surgido como forma de ocupar os espaços públicos com objetivo de obter mudanças concretas em seus usos regulares e sobretudo aos direitos na vida do cotidiano da cidade (FRÚGOLI JR, 2018). De acordo com estudo de Hori (2017b), as concentrações destes movimentos e ações urbanas estão nas áreas Central, Sul e Oeste da metrópole paulista devido ao fato de que elas sofreram grande privação do uso dos espaços públicos pela proliferação dos espaços fechados.

Ao estimular os centros urbanos em seus novos protagonismos, ganham destaque os conceitos de coparticipação e cocriação, devendo o poder público definir os investimentos na valorização de intervenções e na condução de ações promotoras de maior justiça social e econômica. Por isso, existe a importância de fomentar e fortalecer o diálogo entre os diversos setores e a sociedade civil para a transformação do território (PHILLIPI JR; VASCONCELLOS; COUTINHO, 2017).

Segundo Gohn (2018), os MS possuem categorias empíricas denominadas de clássico, novos e novíssimos. A primeira categoria inclui sindicatos, sem-terra, estudantes, movimentos populares, comunitários de bairros e os sem-teto. Já na categoria novos estão movimentos de luta por direitos, identidades, gênero, geracionais, étnicos e ambientalistas. Por fim, os novíssimos, são movimentos da atualidade com sua maioria criados na cena pública na década de 2010, com diferenças entre correntes políticas, ideológicas e culturais. Dentre estes movimentos existem grupos formais e informais.

Ainda de acordo com a mesma autora, muitos jovens organizam-se em coletivos, mas não querem organizar-se em MS, pois veem os MS como formas

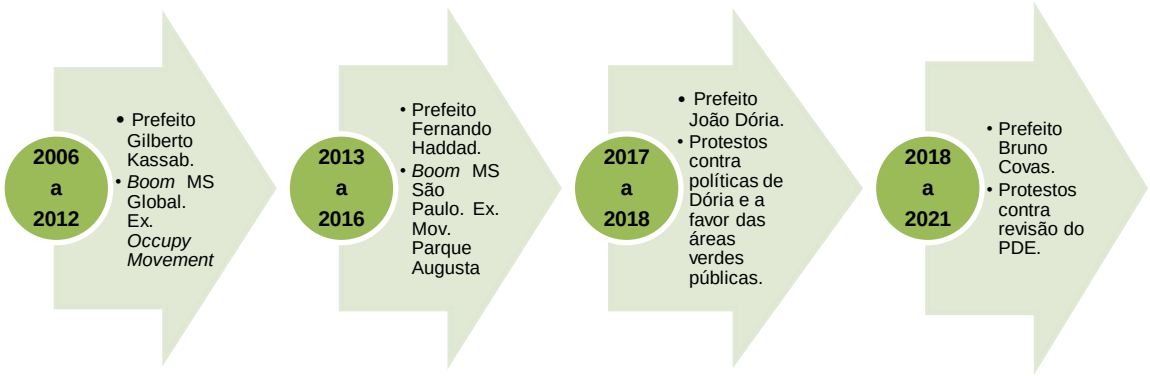
engessadas, tradicionais e estruturas centralizadoras. Já os coletivos enxergam como agrupamentos fluídos, fragmentados, horizontais com valores e princípios básicos. Contam também com uma nova forma de comunicação por meio da internet com grande potencial de mobilidade da sociedade civil e com poder de formação de opinião pública, sendo também um aspecto de caráter educativo. Alguns coletivos também fazem parte da educação não formal, com práticas educativas de formação voltadas para a construção da cidadania (GOHN, 2011).

Nesse sentido, a educação ambiental assume, cada vez mais, uma função transformadora, na qual a corresponsabilização dos indivíduos torna-se um objetivo essencial para promover um novo tipo de desenvolvimento, que é chamado de desenvolvimento sustentável (JACOBI, 2003). A noção de sustentabilidade implica, portanto, uma inter-relação necessária de justiça social, qualidade de vida, equilíbrio ambiental e a ruptura com o atual padrão de desenvolvimento (1997, *apud* JACOBI, 2003, p.196).

Para Grandisoli *et al* (2020, p.23), a educação para a sustentabilidade compreende:

> (...) uma aprendizagem mais participativa que cria vias de construção de conhecimentos mais contextualizados e, por tanto, mais significativos. Neste contexto, observamos a participação, a cocriação e a corresponsabilidade como aspectos centrais dessa abordagem. Esse tripé, o qual chamamos aqui de um novo "tripé" da educação para a sustentabilidade", foca na importância dos processos coletivos, colaborativos e democráticos na busca por sociedades mais sustentáveis. Trata-se de conceitos interconectados que enfatizam práticas sociais que visam fortalecer conteúdos e conhecimentos ligados a processos de aprendizagem voltados à promoção de uma visão que gera mudanças nas formas de pensar e agir.

Figura 5 – Linha do tempo com a Gestão Política do município de São Paulo e adesão dos Movimentos Sociais (2006 – 2021).



Fonte: Elaborada pela autora, 2022.

Os coletivos urbanos começaram a aumentar nos anos de 2010 durante a gestão do prefeito Gilberto Kassab (2006-2012) – Figura 5. Mas foi durante a gestão de Fernando Haddad (2013-2016), que houve a retomada fortificada dos MS e foram realizadas duas edições do edital público “Redes e Ruas”, uma iniciativa da Prefeitura de São Paulo por meio da parceria entre as secretarias municipais de Cultura, Direitos Humanos e Cidadania e Serviços, os quais selecionaram propostas de inclusão, cidadania e cultura digital para serem desenvolvidas em praças do programa WiFi Livre SP, em parceria com os Pontos de Cultura de São Paulo, com objetivo de promover e fortalecer ações de cultura, inclusão digital e promover iniciativas de ocupação dos espaços públicos na cidade.

Já na gestão seguinte, de João Dória (2017- 2018) e Bruno Covas (2018-2021), outro fato importante ocorrido, em âmbito municipal, foi a adesão da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável da ONU como diretriz de políticas públicas de acordo com a Lei 16.817 de 2 de fevereiro de 2018. Também neste período, instituiu-se o programa de sua implementação e autorizou a criação da Comissão Municipal para o Desenvolvimento Sustentável para debater práticas que melhorem a qualidade de vida dos paulistanos e paulistanas.

Este estudo foi realizado a partir do interesse em compreender a formação de iniciativas socioambientais urbanas, a partir da ação de moradores do entorno de espaços públicos como praças, incluindo movimentos sociais classificados como coletivos urbanos, e as motivações e os fatores que facilitam ou impedem resultados pretendidos por estes sobre o território.

O objetivo da pesquisa foi mapear iniciativas, identificar e analisar as motivações e os fatores que possam impulsionar ações coletivas ou individuais, visando o uso e a conservação de espaços públicos como praças. Indaga-se se a ação coletiva e de moradores podem colaborar com a melhoria do uso e conservação dos espaços públicos do entorno onde vivem? Qual o papel e importância de ações coletivas e individuais dos vizinhos à praça objeto do estudo? Quais as motivações e os fatores que influenciam estas ações?

Por fim, destaca-se a sinergia do tema com a atuação profissional da autora e a sua preocupação pela valorização de áreas verdes públicas como um meio para alcançar a qualidade de vida urbana e o direito à cidade.

1.1. JUSTIFICATIVA

Este estudo visa mapear iniciativas; identificar as motivações e os fatores que possam influenciar as ações coletivas sobre os espaços públicos, como praças e parques. Além disso, ao levantar e analisar a importância destas ações coletivas para a conservação e o uso sustentável destes espaços, aproxima-se de alguns dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Agenda 2030 (ONU, 2015).

Entre eles, os objetivos e metas mais relacionados ao estudo são:

- ODS 11 – Cidades e Comunidades Sustentáveis:
    - 11.7. Até 2030, **proporcionar o acesso universal a espaços públicos seguros, inclusivos, acessíveis e verdes**, particularmente para as mulheres e crianças, pessoas idosas e pessoas com deficiência.
- ODS 12 – Consumo e Produção Responsáveis:
    - 12.8. Até 2030, garantir que as pessoas, em todos os lugares, tenham informação relevante e conscientização para o desenvolvimento sustentável e **estilos de vida em harmonia com a natureza**.

1.2. PERGUNTAS NORTEADORAS

- Quais as iniciativas que podem ser mapeadas pelo estudo?
- Quais as motivações e os fatores que influenciam as ações coletivas sobre os espaços públicos, tais como áreas verdes urbanas, tendo como aprofundamento a Praça da Nascente?
- Quais as características que as pessoas que participam destas ações apresentam?
- Os coletivos e os moradores locais influenciam e transformam o território de estudo? De que forma?
- Qual a percepção do potencial de transformação do território destas pessoas?

1.3. OBJETIVOS DE PESQUISA

1.3.1. Objetivo Geral

O objetivo da pesquisa é mapear iniciativas; identificar motivações e analisar fatores que possam influenciar o uso sustentável e a conservação de uma praça a partir de ações coletivas e de moradores do entorno já existentes.

1.3.2. Objetivos Específicos

- Descrever aspectos ambientais, socioculturais, históricos, econômicos e políticos que estão presentes nos espaços públicos como praças;
- Mapear as iniciativas e ações existentes no território da Praça da Nascente e seu entorno;
- Identificar as principais características das pessoas que frequentam e atuam no território da Praça da Nascente e seu entorno;
- Identificar e analisar as principais motivações e fatores que movem, fortalecem ou desafiam a participação coletiva ou individual para uso e conservação do espaço público.

1.4. ESTRUTURAÇÃO DO TRABALHO

A pesquisa foi estruturada da seguinte forma: capítulo introdutório sobre a problematização; capítulo sobre o referencial teórico-conceitual dos movimentos sociais, coletivos urbanos, redes e direito à cidade; capítulo com descrição dos procedimentos metodológicos; capítulo de resultados e discussões e, por fim, as conclusões, as referências bibliográficas e os apêndices relevantes.

2. REFERENCIAL TEÓRICO-CONCEITUAL

2.1. MOVIMENTOS SOCIAIS, COLETIVOS URBANOS E SUAS REDES

2.1.1. Movimentos sociais no contexto internacional

O início da década de 2010 foi marcado pelo *boom* de movimentos sociais em diferentes países pelo mundo, sendo alavancados pelo meio digital, ou seja, nascem no meio *on-line* e vão para o meio *off-line* ocupar espaços urbanos para mostrar a indignação coletiva e protestar por direitos. Por isso, há especialistas que denominam

este período de “Revolução 2.0 ou Revolução do Facebook” (PLEYERS, 2016). Segundo Burchard-Levine (2019), os espaços urbanos “são mais do que apenas infraestrutura física, são palco de lutas de classes, iniciativas coletivas e confrontos, nos quais os cidadãos exigem acesso aos serviços públicos, recursos urbanos e vida digna a partir das fontes do poder político e econômico”. Sendo os espaços urbanos, frequentemente as praças públicas, utilizados como ponto de encontro retomando o modelo das antigas ágoras gregas, onde os cidadãos realizavam assembleias populares. Isto é, pode caracterizar-se por ser um espaço de encontro de indivíduos indignados com profundo sentimento de injustiça e revolta, que se reúnem, mobilizam-se em busca de seus direitos e lutam por mais democracia e justiça social.

Alguns exemplos de movimentos internacionais foram: o movimento em defesa da manutenção do histórico Parque Gezi, na Turquia, contra os especuladores imobiliários que desejavam construir um *shopping center* em seu lugar (CASTELLS, p.173-174) e os Indignados na Espanha, que acamparam nas principais praças espanholas contra a crise financeira instalada pelos banqueiros e especuladores em 2011. Além do Occupy Wall Street, denominado de *Occupy movements*, iniciados nos Estados Unidos e inspirado neste último movimento, que também buscavam ocupar espaços públicos para reivindicar seus direitos e promover a justiça social e econômica, em busca de uma democracia real.

O termo *bottom-up* também conhecido como “debaixo para cima” traduzido para o português, é um método de gestão bastante conhecido pelos MS, que simboliza uma gestão horizontal, ou seja, as decisões são decididas de forma coletiva e não por um único líder, o que contrapõe o termo *top-down*, de cima para baixo. O que pode ser um atrativo para um movimento iniciar em meio *on-line* tendo em vista que a internet permite uma cultura horizontal de participação (PLEYERS, 2016).

Na última década, os MS foram e ainda são fortalecidos por meio das redes digitais na Era da Internet. Para Castells (2017, p.18):

> Os movimentos espalham-se por contágio num mundo ligado pela internet sem fio e caracterizado pela difusão rápida, viral, de imagens e ideias. Começaram no sul e no norte, na Tunísia e na Islândia, e de lá a centelha acendeu o fogo numa paisagem social diversificada e devastada pela ambição e manipulação em todos os recantos deste planeta azul. Não foram apenas a pobreza, a crise econômica ou a falta de democracia que causaram essa rebelião multifacetada. (...) Mas basicamente a humilhação provocada pelo cinismo e pela arrogância das pessoas no poder, seja ele financeiro, político ou cultural, que uniu aqueles que transformaram medo em indignação, e indignação em esperança de uma humanidade melhor.

Castells (2017) também afirma que nas relações de poder estão embutidas as instituições da sociedade e do Estado. Reforça que onde há poder, há contrapoder. Ou seja, considera que é a capacidade de os atores sociais desafiarem o poder embutido nas instituições da sociedade com o objetivo de reivindicar a representação de seus próprios valores e interesses (CASTELLS, 2017).

O mesmo autor relata que ao longo da história, os MS são produtores de novos valores e objetivos em torno dos quais as instituições da sociedade se transformam a fim de representar esses valores criando novas normas para organizar a vida social. Ou seja, eles exercem o contrapoder e são livres do controle dos que detém o poder institucional. Eles também possuem a necessidade de construir um espaço público, onde a comunidade seja livre e que não se limite à internet, para que se torne visível nos lugares da vida social. Assim, conclui-se que os espaços públicos ocupados possuem um papel importante na história da mudança social (CASTELLS, 2017). Também reforça que as "suas raízes estão na injustiça fundamental de todas as sociedades, implacavelmente confrontadas pelas aspirações humanas de justiça" (CASTELLS, 2017, p.26).

Em Tarrow (2009), quando se olha para a morfologia dos MS, torna-se claro que são "grandes" apenas no sentido aritmético, pois atuam muito mais como uma rede interligada de pequenos grupos, redes sociais e as conexões entre elas.

2.1.2. Movimentos sociais no contexto nacional

No Brasil é possível afirmar que há historicamente dois momentos segundo Garcia (2009, p.189):

> (...) o primeiro que abarca o período de 1970 a 1988, que se caracteriza pela maturação desses movimentos como sujeitos políticos, período no qual a luta por direitos específicos (creche, moradia, luta contra a carestia) se juntava a uma luta mais geral pela redemocratização política; e o segundo, a partir de 1988 com as discussões e debates presentes no momento da Constituinte que assinala a inserção dos movimentos sociais no espaço político instituído.

Já Gohn (2017) relata um novo contexto brasileiro nos anos 2000, presente nas manifestações do país em 2013. Esta autora afirma que o sentimento de indignação estava vivo nestas manifestações e o define como uma combinação de raiva com valores morais, o qual foi responsável por levar milhares de pessoas a mobilizarem-se, saírem da zona de conforto, e aderirem causas de interesse coletivo como ir em uma manifestação.

De acordo com Castells (2017), isso ocorreu de forma espontânea, ou seja, não houve líderes ou partidos ou sindicatos ou apoio da mídia envolvidos em sua organização inicial. Assim, foi possível perceber, que foi a partir de um grito de indignação contra o aumento do preço dos transportes que se difundiu pelas redes sociais e foi se transformando em um projeto de esperança de uma vida melhor. Este cenário ocorreu por meio da ocupação das ruas em manifestações ocorridas em mais de 350 cidades brasileiras.

Algumas das frases mais ouvidas neste período relatadas por Castells (2017) em sua obra chamada “Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet” foram: “Não são os centavos, são nossos direitos” e “Trocamos dez estádios por um hospital decente”. Logo, o movimento iniciou pela indignação, que se transformou em reivindicações sobre a mobilidade, educação, saúde, condições de vida e outras defesas vinculadas à dignidade de cada um como ser humano e como cidadão.

As grandes manifestações brasileiras que ocorreram entre 2013 e 2016, de acordo com a obra de Gohn (2017, p.31), são articuladas pelos chamados “novíssimos sujeitos coletivos nas ruas” e ela destaca três principais, que tiveram destaque neste período: Movimento Passe Livre (MPL), Vem Pra Rua (VPR) e Movimento Brasil Livre (MBL).

Gohn (2017) categoriza os diferentes sujeitos sociopolíticos em: clássico, novo e novíssimos. Os primeiros são caracterizados por serem mais antigos e por serem parte da classe trabalhadora, que são herdeiros da luta por qualidade de vida e lutas estudantis. Eles utilizam a internet como ferramenta de apoio e não um veículo básico de comunicação, adesão e interação. As relações sociais são mais homogêneas e verticalizadas, as comunicações mais fechadas e organizam-se em departamento utilizando uma cultura mais organizacional. Os novos são caracterizados por manter o perfil de movimentos de luta pela identidade cultural, articulam-se junto a Organizações não Governamentais (ONGs), há processos participativos institucionalizados, articulam-se em redes de mobilização para defender seus direitos e seus territórios. Já os novíssimos são complicados em categorizar por serem diversos.

Um coletivo para Gohn (2017, p.23):

> (...) pode se transformar em movimento social, ou autodenominar-se movimento, ou articular-se a um conjunto de coletivos que configuram um movimento social. Ou, ainda, negar a forma movimento social por considerá-

> la presa aos modelos tradicionais de fazer políticas (...) O movimento social é algo mais estruturado, tem opositores, identidades mais coesas, determinados projetos de sociedade ou de resolução aos problemas sociais que demanda. Movimentos tem liderança, bases e assessorias (...). Os membros participantes de um movimento social são militantes de uma causa, são algo mais que ativistas casuais porque não foram convocados *on-line* (...)

São considerados criações na Era da Internet. Os coletivos ou novíssimos movimentos sociais possuem grande poder de formação da opinião pública. Também são plurais, mais autônomos, mais horizontais porque nasceram de redes de grupos ou coletivos (GOHN, 2017, p.24). As redes sociais virtuais são a forma básica de constituição e atuação da maioria dos coletivos. Transformam-se em ações conectivas.

De acordo com Gohn (2003, *apud* CASTELLS, 2017, p.25):

> O ambiente de comunicação afeta diretamente a construção e o significado das mensagens, portanto, afeta também a produção de relações de poder na sociedade. Ao possibilitar a participação de múltiplos protagonistas de maneira instantânea, desenvolvem-se processos de intersubjetividade e constroem-se processos discursivos que poderão gerar novos repertórios, novos direitos, novas propostas de processos que poderão vir a ser assumidos, no plano da sociedade civil e política, como novas pautas para institucionalização, para a criação de normas comuns válidas para todos.

Para Castells (2017), a compreensão de movimentos sociais está relacionada à avaliação do verdadeiro impacto da ação conjunta dessas redes de indivíduos sobre as instituições da sociedade, assim como para si mesmos. Assim afirma (CASTELLS, 2017, p.31):

> Em resumo, para que as redes de contrapoder prevaleçam sobre as redes de poder embutidas na organização da sociedade, elas têm de reprogramar a organização política, a economia, a cultura ou qualquer dimensão que pretendam mudar, introduzindo nos programas das instituições, assim como em suas próprias vidas, outras instituições, incluindo, em versões utópicas, a regra de não criar regras sobre coisa alguma. Além disso, devem acionar a conexão entre diferentes redes de mudança social (...)

O caráter educativo que destaca nas ações coletivas e MS também é pesquisado por Gohn (2011), onde afirma que educação e cultura política possuem juntas a finalidade de ser instrumento e meio para se compreender a realidade e lutar para transformá-la.

Outra pesquisadora que relaciona a educação com movimentos sociais é Garcia (2009), a qual afirma que os MS contribuem para a construção do campo da educação, pois eles vão além do que é regularmente na educação formal.

2.2. DIREITO À CIDADE, DESENVOLVIMENTO URBANO E OCUPAÇÃO EM ESPAÇOS PÚBLICOS

Atualmente as cidades possuem mais habitantes do que o campo (zona rural), por isso, é importante refletir como está sendo este modelo de habitação, como estão as relações e o convívio dentro do ambiente urbano no cotidiano dos moradores. Será que a natureza está presente como antigamente? Será que este tipo de convívio com os espaços verdes está dentro do estilo de vida atual? Se sim, como ele repercute na qualidade de vida e, como é confrontado com o modelo de mercado presente. A partir de uma relação conflituosa com o mercado imobiliário, por exemplo, como surgem os movimentos sociais urbanos que buscam no uso e na conservação de espaços públicos mais qualidade de vida urbana, resistindo às especulações imobiliárias? Estas são algumas das reflexões que serão abordadas a seguir.

No Brasil, o direito à cidade, está presente na Lei Federal nº 10.257, de 10/07/2001, denominada de Estatuto da Cidade, a qual "estabelece normas de ordem pública e interesse social que regulam o uso da propriedade urbana em prol do bem coletivo, da segurança e do bem-estar dos cidadãos, bem como do equilíbrio ambiental".

Na obra "O Direito à Cidade", Lefebvre (2011, p.105), questiona sobre estas necessidades urbanas:

> Enfim, a necessidade da cidade e da vida urbana só se exprime livremente nas perspectivas que tentam aqui se isolar e abrir os horizontes. As necessidades urbanas específicas não seriam necessidades de lugares qualificados, lugares de simultaneidade e de encontros, lugares onde a troca não seria tomada pelo valor de troca, pelo comércio e pelo lucro? Não seria também a necessidade de um tempo desses encontros, dessas trocas?

Também nesta mesma obra, o autor faz uma provocação sobre o direito à cidade ou ao campo, pois confessou que ocorre um percurso inverso ou ao menos estranho entre esta relação com a cidade e o campo (LEFEBVRE, 2011, p.117):

> Muito estranhamente, o direito à natureza (ao campo e à "natureza pura") entrou para a prática social há alguns anos em favor dos lazeres (...) Estranho percurso, dizermos: a natureza entra para o valor de troca e para a mercadoria; é comprada e vendida. Os lazeres comercializados, industrializados, organizados institucionalmente, destroem essa "naturalidade" da qual as pessoas se ocupam a fim de traficá-la e trafegar por ela.

Harvey (2014) em sua obra "Cidades Rebeldes" afirma que os movimentos pelo direito à cidade encontram-se em plena atividade em várias cidades pelo mundo

inteiro. Ele acredita que a ideia de direito à cidade não surge de caprichos e modismos intelectuais e, sim, das ruas, dos bairros, como um grito de socorro e amparo de pessoas oprimidas em tempos de desespero. Como pode ser vista a seguir a análise que fez sobre os escritos de Henri Lefebvre em “O direito à cidade” (2014, p.11):

> Esse direito, afirmava ele, era ao mesmo tempo uma queixa e uma exigência. A queixa era uma resposta à dor existencial de uma crise devastadora da vida cotidiana na cidade. A exigência era, na verdade, uma ordem para encarar a crise nos olhos e criar uma vida urbana alternativa que fosse menos alienada, mais significativa e divertida, (...).

O mesmo autor reflete sobre a transformação da cidade e o direito à cidade citando novamente os pensamentos de Lefebvre (2014, p.18):

> Lefebvre também percebe que a relação entre o urbano e o rural vinha passando por transformações radicais, que o campesinato tradicional estava desaparecendo e que o meio rural estava sendo urbanizado, ainda que esse processo gerasse uma nova abordagem consumista na relação com a natureza (substituindo os finais de semana e os períodos de lazer pelos subúrbios arborizados, em vertiginosa proliferação), e uma abordagem capitalista, produtivista, do suprimento de mercadorias agrícolas aos mercados urbanos, ao contrário do que ocorria com a agricultura camponesa autossustentável. Além disso, ele teve a presciência de perceber que esse processo se estava “globalizando”.

Por isso, ele reforça que o “direito” tem como definição a própria luta, e essa luta deve ser concomitante com a luta por materializá-lo. Relembra também a obra de Marx, “O Capital”, onde afirma que “entre direitos iguais, o que decide é a força” (HARVEY, 2014, p.20). Por mais que esta obra de Marx tenha sido publicada em 1867, ainda continua atual mesmo tendo mais de 100 anos de existência.

Na obra “Manifesto Convivialista”, os autores Véran e Vandenberghe (2016, p.09-10), introduzem o tema com uma reflexão relevante para relatar uma cidade ideal:

> Imaginemos um mundo perfeitamente convivial! Teríamos uma democracia direta, mais participativa do que representativa. Graças às novas tecnologias *peer to peer*, o modelo grego seria levado a uma nova escala, “glocal”. A economia seria plural, definitivamente, enraizada extirpada do binômio mercado/Estado e, novamente, enraizada no mundo da vida, com predominância dos serviços de proximidade e de solidariedade. (...) Numa sociedade na qual se trabalha menos para viver mais e melhor, as relações sociais seriam de colaboração e cooperação, e não de predação e competição. (...) O PIB não mais mediria o desgaste coletivo, mas o bem-estar de todos e a felicidade de cada um. Em resumo, o projeto milenar e universal da boa e bela vida com e para os outros, em instituições justas num mundo cosmopolita e num ambiente sustentável, seria finalmente realizado.

De acordo com os mesmos autores, muito provavelmente este tipo de sociedade convivial seria considerada mais uma dessas comunidades retrógradas

descritas por Marx e Engels nas últimas páginas da obra “Manifesto Comunista”. Além de que se fosse assim simples, a sociedade atual não estaria passando por mais uma crise civilizatória.

Caillé *et al* (2016, p.27) reforça as propostas acima consideradas ideais e relatam inúmeras iniciativas existentes hoje, que, por sua vez, já buscam atingir estes valores. Estas já se representam sob nomes, sob formas ou em escalas variadas. Mas que:

> Para que essas iniciativas tão ricas possam se contrapor, com força suficiente, às dinâmicas mortíferas de nosso tempo e para que elas não sejam confinadas a um papel paliativo ou de simples contestação, torna-se crucial reunir suas forças e suas energias, daí a importância de destacar e nomear o que elas têm em comum.

Logo, conclui o que elas possuem em comum: o modo convivialista. Ou seja, elas atuam por uma arte de viver juntos que valorize a relação e a cooperação, além de que permite se opor sem prejudicar-se, cuidando do outro e da natureza, e favorecendo a abertura cooperativa. Estes últimos autores, relembram uma necessidade humana desde o início da nossa história afirmando, que um fundamento sólido seria aquele, ao mesmo tempo ético, econômico, ecológico e político, ideal para a existência comum (CAILLÉ *et al*, 2016).

Assim, uma forma de alcançar o modo convivialista, que já está sendo aplicado em várias partes do mundo, é por meio de ações coletivas e regenerativas promovidas, por exemplo, pelo chamado Transition Towns. Este por sua vez é um movimento internacional de cidades em transição, que tem como objetivo desenvolver competências para a transformação de cidades atuais em sustentáveis. Ou seja, a sua missão em rede é construir cidades resilientes, menos dependentes dos combustíveis fósseis e mais integradas à natureza por meio de pessoas conectadas por este objetivo comum (TRANSITION BRASIL, N.I.), que “no sentido do “*buen vivir*” baseia-se na realização de um desenvolvimento pessoal dentro de um desenvolvimento coletivo, de uma comunidade fraternal”, de acordo com MORIN (2013, *apud* CAILLÉ *et al*, 2016, p.100).

Segundo Herzog (2013), para existir cidades sustentáveis (2013, p.173-174):

> (...) requer uma visão sistêmica sobre a paisagem e as relações socioecológicas que nela ocorrem. Muitos dos problemas que as cidades enfrentam atualmente vêm justamente da ocupação do solo, que ocasionou interferências predatórias aos processos e fluxos naturais das águas e da biodiversidade não só para dar passagem aos carros, mas também para dar lugar aos condomínios e *shopping centers* com imensos estacionamentos e jardins homogêneos. Nesses lugares, os moradores entram apenas como

> consumidores de bens e serviços, e não como cidadãos participantes ativos de uma vida em comunidade. Para que sejam sustentáveis e resilientes, as áreas urbanizadas devem ser ecológicas, mimetizando a natureza e seus processos.
> (...) Uma cidade sustentável é projetada para conviver com a natureza e suas funções. Seus habitantes têm consciência dos seus impactos e procuram reduzir ao máximo a sua pegada ecológica, minimizando as entradas e saídas de energia e matéria.

No Brasil uma das arquitetas referências no assunto é a Cecília Polacow Herzog, que é uma renomada pesquisadora e paisagista urbanista, especialista em Preservação Ambiental das Cidades e professora na instituição de ensino carioca PUC-Rio, descreve em sua obra “Cidades para Todos: (re)aprendendo a conviver com a Natureza” como desenvolver as infraestruturas verdes urbanas em várias escalas, as quais podem ser adaptadas e replicadas em diferentes contextos locais e regionais. Para isso, sintetiza recomendações como caminhos metodológicos para estabelecimento deste objetivo. Com base em seu conhecimento ela descreve os sistemas classificados em naturais (ecológicos) e sociais, relatando suas funções, recomendações, medidas de desempenho e metodologia de levantamento, análise e diagnóstico para planejar e projetar como uma forma de auxiliar aos profissionais e indivíduos interessados em aprender e aplicar (HERZOG, 2013).

Já um exemplo internacional de mobilização de habitantes conscientes, que ficou bastante conhecido por tornar uma antiga linha férrea elevada e histórica em um parque público, chamado *High Line*, na *West Side de Manhattan* em Nova York. Este espaço ficou abandonado por mais de 20 anos e, neste período, a vegetação natural voltou a regenerar. Foi quando a linha férrea estava ameaçada de demolição, dois moradores do entorno, Joshua David e Robert Hammond, defenderam a sua preservação como uma forma de ser um espaço aberto e gratuito de convívio social. Assim, nasceu a iniciativa “*Friends of the High Line*” em 1999, a qual até o momento supervisiona a manutenção, operação e programação do parque público. Ela por sua vez tornou-se uma organização sem fins lucrativos, “*The High Line”*, que se dedica a reimaginar o papel que os espaços públicos têm na criação de bairros e cidades conectados e saudáveis. Estima-se que há mais de 350 espécies de plantas, 450 programas e atividades realizadas por ano e 20 milhões de visitantes até julho de 2014 (THE HIGH LINE, 2014).

Assim como esta, outras iniciativas semelhantes surgiram ao redor do mundo por meio das ações coletivas de moradores do entorno em busca de desenvolver

espaços mais conviviais, saudáveis e com a preservação da natureza local. Estas ações caracterizam-se por serem uma luta por direito à cidade e justiça ambiental. Sendo esta última, de acordo com a obra “O que é justiça ambiental” de Acselrad *et al* (2009, p.16) como:

> (...) o direito a um meio ambiente seguro, sadio e produtivo para todos, onde o “meio ambiente” é considerado em sua totalidade, incluindo suas dimensões ecológicas, físicas construídas, sociais, políticas, estéticas e econômicas. Refere-se, assim, às condições em que tal direito pode ser livremente exercido, preservando, respeitando e realizando plenamente as identidades individuais e de grupo, a dignidade e a autonomia das comunidades.

Também estas ações podem ser percebidas como práticas de *advocacy,* que buscam defender uma causa de interesse público e realizar a mobilização social de forma organizada.

Para Brelàz (2007, p. 01-02):

> O conceito de advocacy é amplo e permite diversas interpretações. A maior parte dos estudos científicos nesta área são realizados nos Estados Unidos, país onde as organizações da sociedade civil possuem grande tradição em *advocacy* e *lobbying* (ANDREWS; EDWARDS, 2004). Estes dois conceitos, *advocacy* e *lobbying* muitas vezes são empregados como sinônimos, mas possuem diferenças significativas. Por *advocacy* entendemos o ato de identificar, adotar e promover uma causa. É um esforço para moldar a percepção pública ou conseguir alguma mudança seja através de mudanças na lei, mas não necessariamente. *Lobbying* é uma forma específica de fazer advocacy e é focada em influenciar a legislação (AVNER,2002). Sendo assim, *lobbying* pode ser entendido como parte da atividade de *advocacy*. No Brasil, o significado destes conceitos está em fase de construção e possui diferenças em relação ao significado norte americano.

Já para uma das principais organizações brasileiras sobre o assunto afirma que *advocacy* “é o uso estratégico de um conjunto de ferramentas para a defesa de uma causa de interesse público de forma transparente por meio da participação política sistematizada e mobilização social organizada” (ADVOCACY HUB, N.I.).

A partir da literatura, foi possível identificar as seguintes categorias de análise, que orientaram a elaboração das entrevistas:

1. Perfil da pessoa entrevistada;
2. Relação com o bairro, com o espaço (neste caso, com a Praça da Nascente) e seu entorno;
3. Motivação para atuar;
4. Causas de luta;
5. Percepção de transformações no espaço;

6. Fatores que influenciam as ações coletivas e os aspectos que fortalecem este percurso;

7. Oportunidades e Desafios futuros.

3. ABORDAGEM METODOLÓGICA

3.1. *LOCUS* DE ESTUDO - JUSTIFICATIVA

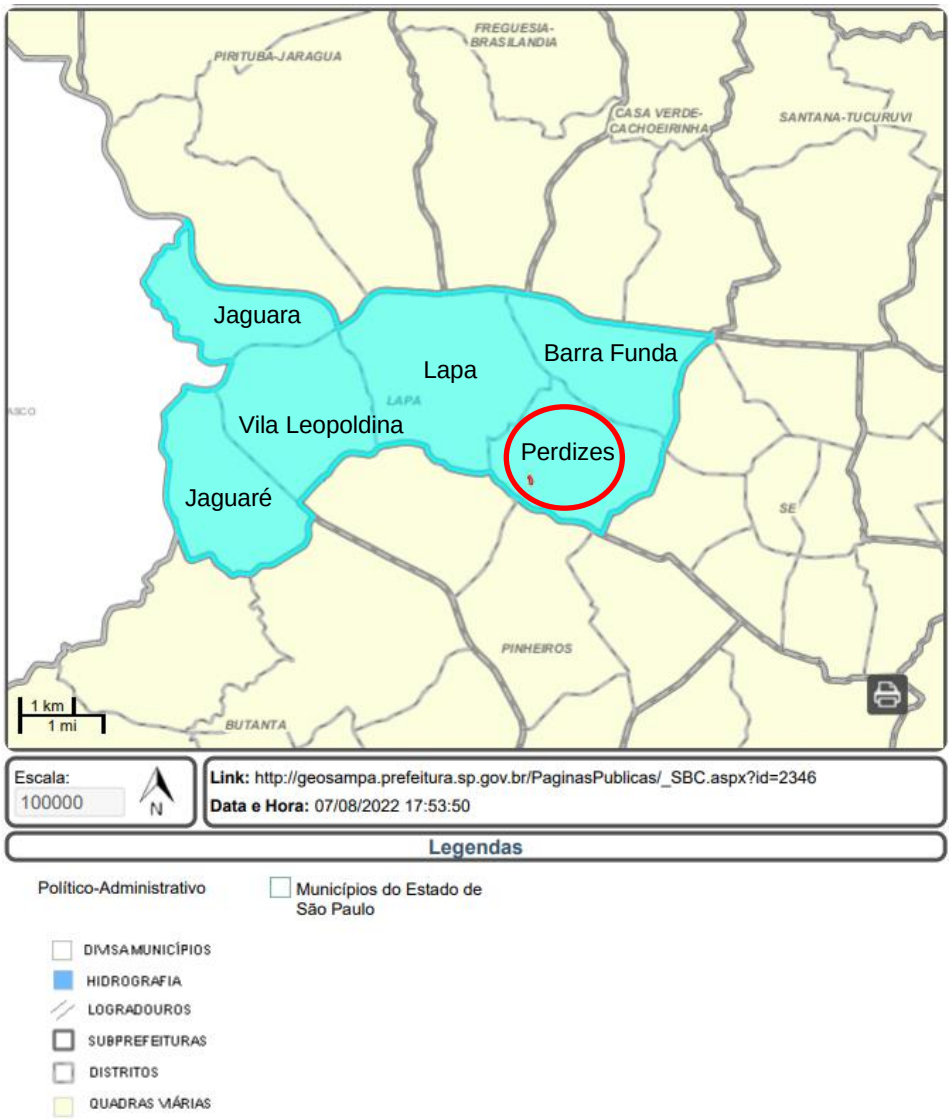
A escolha do local de estudo foi feita a partir do Catálogo do Sesc São Paulo 2017, denominado “Territórios em Transformação: Mostra de Iniciativas Socioambientais 2017”, a partir de 36 iniciativas socioambientais mapeadas no Estado de São Paulo. Trata-se de um levantamento realizado pela área de Educação para Sustentabilidade do Sesc de identificação de experiências sediadas no Estado de São Paulo, com envolvimento na área socioambiental, na valorização da comunidade local, no caráter educativo e no potencial de reverberação e de transformação em ações concretas (Apêndice A).

A partir do rol de iniciativas deste levantamento, o recorte foi realizado, seguindo os seguintes critérios:

1. Local (município de São Paulo),
2. Objeto da iniciativa (áreas verdes públicas) e
3. Sinergia com um maior número de ODS (Apêndice B).

Com base nestes critérios, foi selecionada para a pesquisa a Praça Homero Silva, localizada no município de São Paulo, no Bairro da Pompeia, que possui um coletivo urbano chamado Ocupe & Abrace (O&A) com atuação no local.

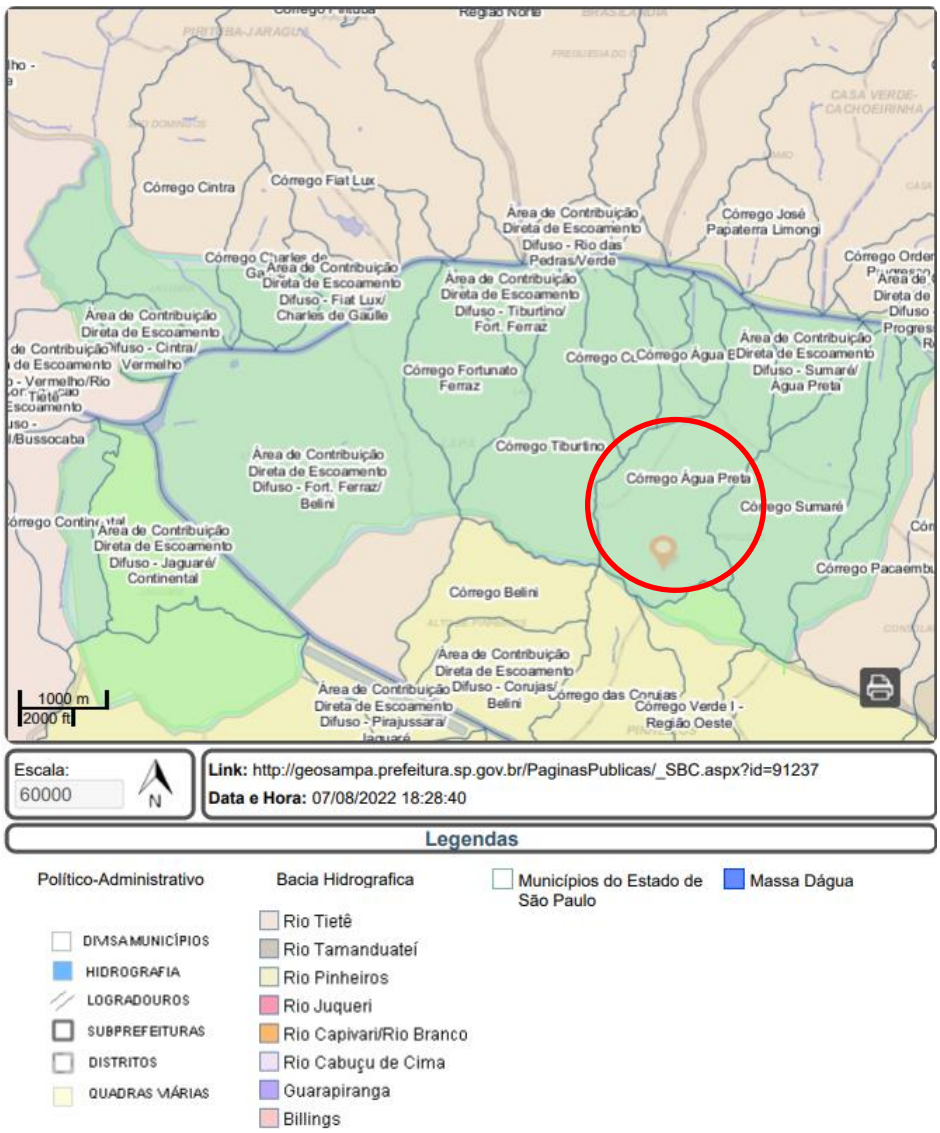
Figura 6 – Mapa da Subprefeitura da Lapa com destaque para o Distrito de Perdizes.



Fonte: GeoSampa, 2022.

A Praça Homero Silva, mais conhecida como Praça da Nascente (PN), está localizada no município de São Paulo, Subprefeitura da Lapa, no distrito de Perdizes, ZO (Figura 6). Este segundo nome é mais popular, pois traduz a riqueza hídrica que se localiza neste espaço, por haver várias nascentes do Córrego Água Preta (Figura 7), que percorre pelas galerias do município até o Rio Tietê.

Figura 7 – Mapa digital da Hidrografia presente na Subprefeitura da Lapa com destaque para a Bacia Hidrográfica do Córrego Água Preta e a localização da Praça da Nascente.

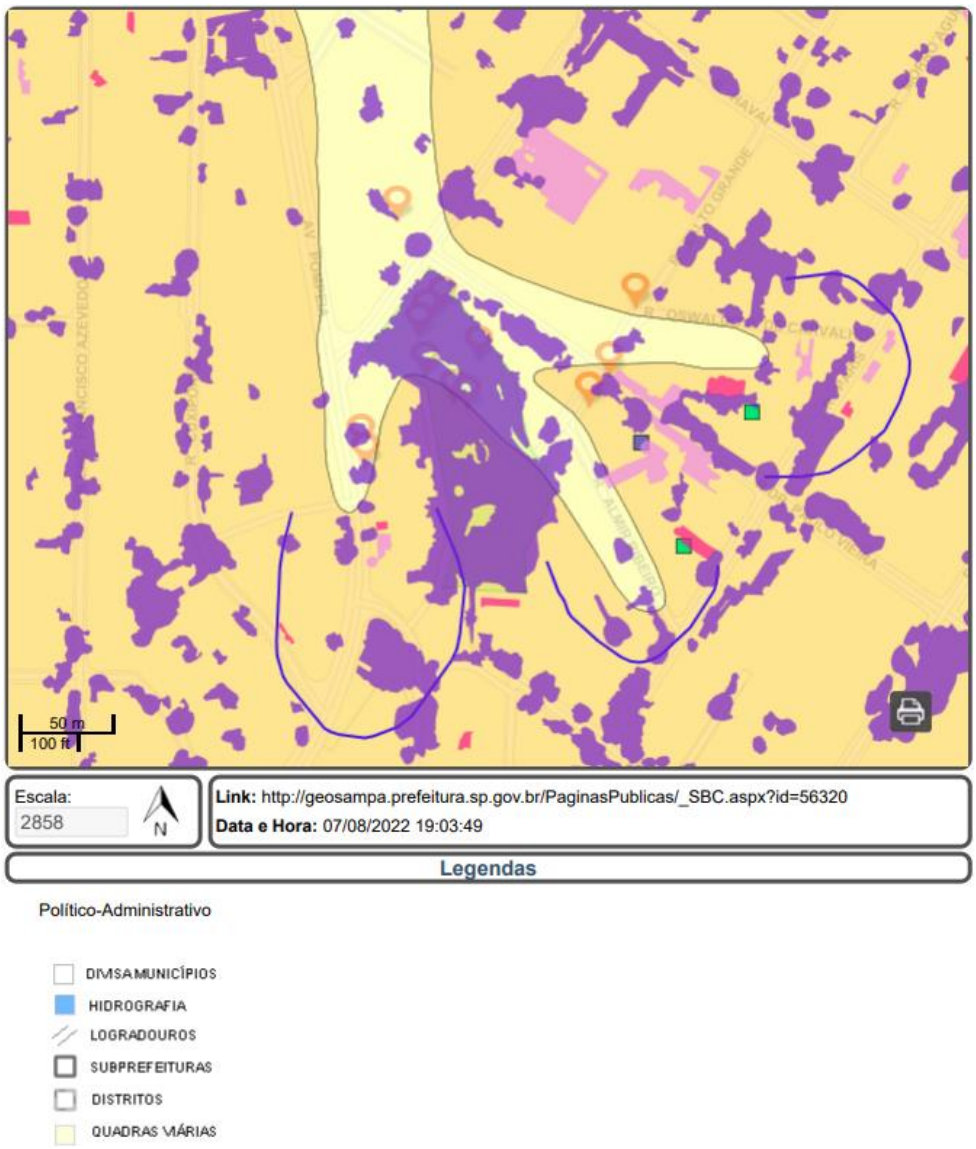


Fonte: GeoSampa, 2022.

Na Figura 8 é uma sobreposição em camadas que permite observar a localização aproximada dos afloramentos d'água na PN e em seu entorno (pontos vermelhos), além de identificar a sua formação de planície aluvial com 3 cabeceiras de drenagem e uma surgência de água pela Carta Geotécnica do Município de São Paulo (em amarelo e azul) e a sua vegetação pelo Mapeamento de Cobertura Vegetal 2020 (cor roxa). Por isso, a PN é um espaço público de importante função ecológica para o município de São Paulo, tanto pela presença das águas do Córrego Água Preta quanto pela sua concentração vegetal (Figura 9), sendo ela a maior área verde do

bairro. Neste caso, pode haver uma correlação da cobertura vegetal e permeabilidade do solo, que denota a importante manutenção de sua cobertura.

Figura 8 – Mapa digital Político Administrativo do Município de São Paulo sobrepondo a Carta Geotécnica e o Mapeamento da Cobertura Vegetal 2020 com destaque para a Praça da Nascente e seu entorno.



Fonte: GeoSampa, 2022.

Figura 9 – Mapa digital da Área Verde presente na Praça da Nascente, no Município de São Paulo, Ortofoto 2017 - PMSP, Escala 1:2.000.

Fonte: GeoSampa, 2022.

Ela está localizada a três quarteirões do metrô e terminal de ônibus Vila Madalena e encontra-se paralelamente à Avenida Pompeia. Embora bem localizada, acaba despercebida por muitos que ali passam.

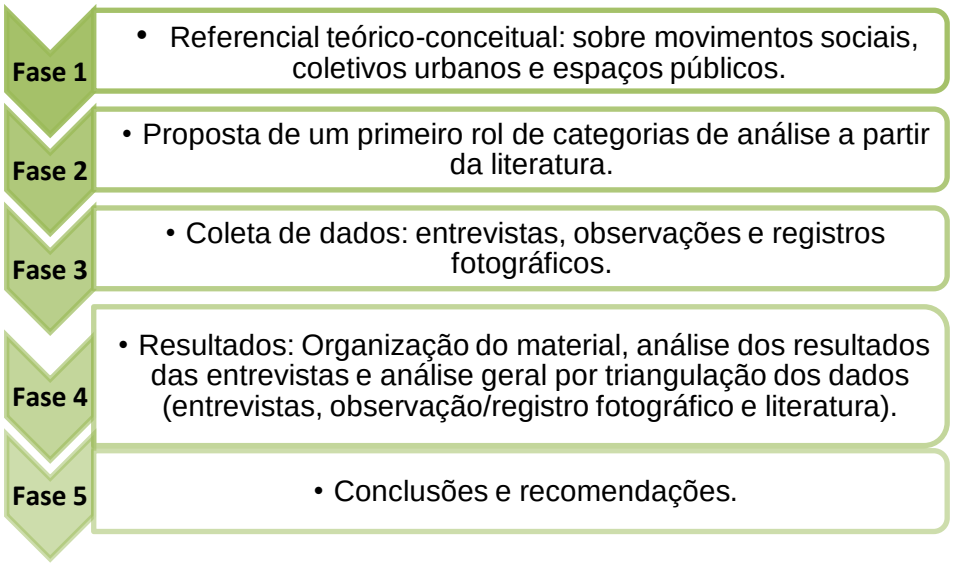
Um exemplo de coletivo urbano atuante na praça é o coletivo O&A. Ele nasceu em meados de 2013, por meio de um concurso chamado “A Pompeia que se quer”, promovido pela “Cidade Democrática” (GIARETTA e DI GIULIO, 2018) e, desde então, um grupo de moradores atua no local.

3.2. DESCRIÇÃO DA METODOLOGIA

A partir da seleção do *locus* de estudo, e o mapeamento de iniciativas, foram identificadas e analisadas as motivações e os fatores que podem influenciar as ações coletivas sobre espaços públicos urbanos, tais como parques e praças, utilizando como ferramentas de coleta de dados a observação participante, o registro fotográfico

e a realização de entrevistas semiestruturadas. A análise dos dados foi realizada por triangulação dos resultados das entrevistas, dos dados observacionais e da literatura. A partir da literatura foram propostas algumas categorias de análise para elaboração das entrevistas. A análise dos resultados das entrevistas foi realizada por meio de análise de conteúdo, segundo Bardin (2016). A seguir, a Figura 10, representa as etapas do desenvolvimento da pesquisa:

Figura 10 – Descrição das etapas de pesquisa.



Fonte: Elaborada pela autora, 2020.

A primeira fase de levantamento do referencial teórico-conceitual foi realizada a partir de bases de dados como *Web Of Science, Scopus* e Biblioteca Digital USP determinando o período de 10 anos, nos idiomas inglês e português com utilização das respectivas palavras-chave: *Urban collectives* / coletivos urbanos; *social-environmental movement* / movimento socioambiental; *civil society organization* / organização da sociedade civil e *public space* / espaço público.

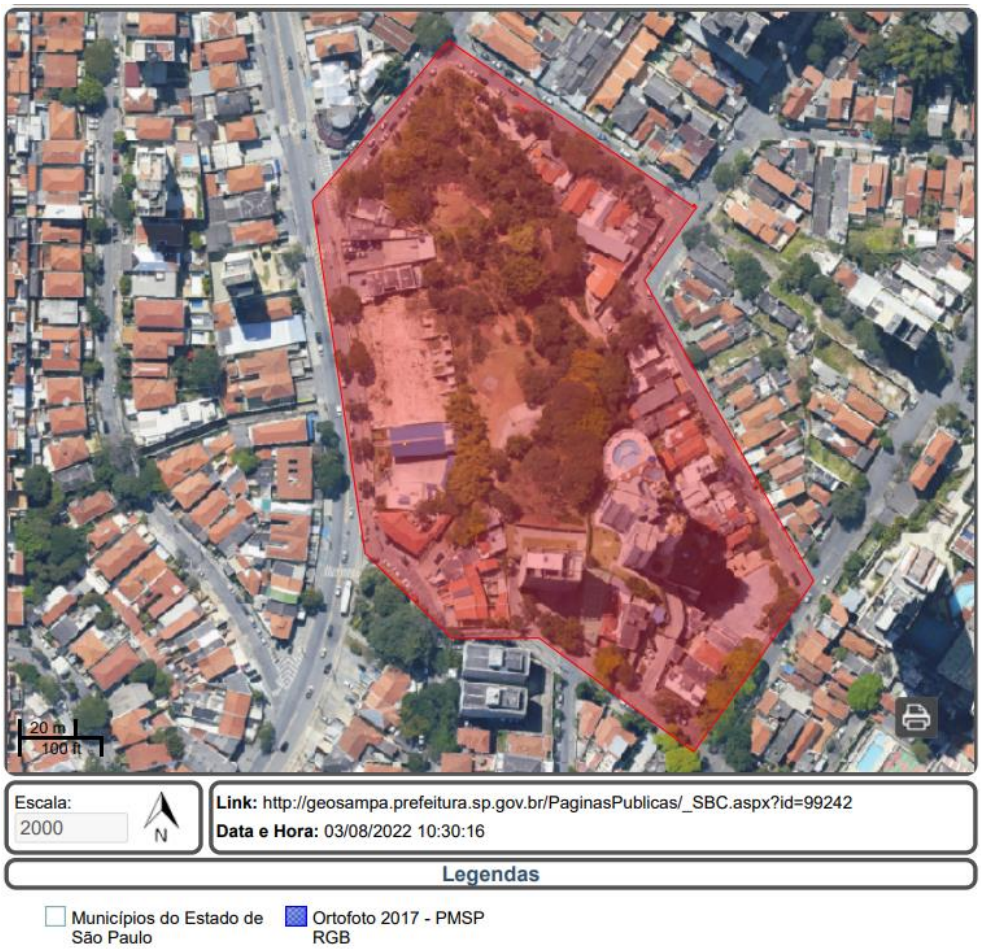
A segunda fase foi baseada na leitura dos trabalhos encontrados nas bases de dados e seleção dos trabalhos relevantes.

A terceira fase foi caracterizada pela coleta de dados de forma *on-line* com a realização de entrevistas semiestruturadas dos participantes das iniciativas coletivas e individuais, moradores e comerciantes do entorno da PN, tendo o roteiro de perguntas estruturadas de acordo com o perfil do respondente (Apêndice D). Também foram realizados registros fotográficos e observações participantes durante as visitas

a campo como forma de registrar as atividades realizadas pelos frequentadores da PN.

Sendo assim, a unidade de análise deste trabalho foi composta pelos participantes das iniciativas, moradores e comércios vizinhos da PN, que podem ser moradores e estabelecimentos comerciais (proprietários ou locatários), os quais localizam-se nas ruas que circundam a praça como: Avenida Pompeia, Rua André Casado, Rua Praça Homero Silva, Rua Salto Grande, Rua Almir Ribeiro, Rua Paris, Rua Herculano e Rua Padre Agostinho Mendicute (vide área marcada em vermelho - Figura 11).

Figura 11 – Mapa da representação da área pesquisada com destaque para as ruas do entorno da Praça da Nascente, Ortofoto 2017 - PMSP, Escala 1:2.000.



Fonte: GeoSampa, 2022.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com dois estabelecimentos comerciais no entorno da PN, treze indivíduos participantes de diferentes iniciativas

de ações coletivas promovidas na praça como o coletivo O&A e o projeto Cerrado Infinito (CI) e um pesquisador, que atuou neste território estudado. Sendo então uma amostra, heterogênea e intencional, de 16 entrevistas individuais com perguntas abertas, as quais foram realizadas de forma *on-line* ou presencial, além de serem gravadas para facilitar as análises e transcrições. Para a realização das entrevistas foi utilizado um guia de perguntas (Apêndice D).

A quarta fase constituiu na sistematização dos resultados e análise das informações coletadas, incluindo a organização do material, a análise dos resultados das entrevistas e a análise geral por triangulação dos dados (entrevistas, observações, registros fotográficos e literatura). Como técnica de análise dos resultados das entrevistas, foi utilizada a Análise de Conteúdo (AC), que de acordo com Bardin (1977), é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. A mesma autora sistematiza o conjunto dos tipos de comunicação segundo dois critérios: número de pessoas implicadas na comunicação e a natureza do código e do suporte da mensagem.

Desta forma, as respectivas fases ao longo do estudo foram:

1. Pré-análise que é a organização propriamente dita;
2. Exploração do material;
3. Tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Por fim, na última fase foram realizadas as conclusões e as recomendações de boas práticas para desenvolvimento de ações coletivas em espaços públicos. Estas recomendações poderão auxiliar no compartilhamento dos resultados da pesquisa com a comunidade, e para que possa ser utilizado como referência em pesquisas futuras e em outros espaços públicos.

4. MAPEAMENTO DAS INICIATIVAS EXISTENTES

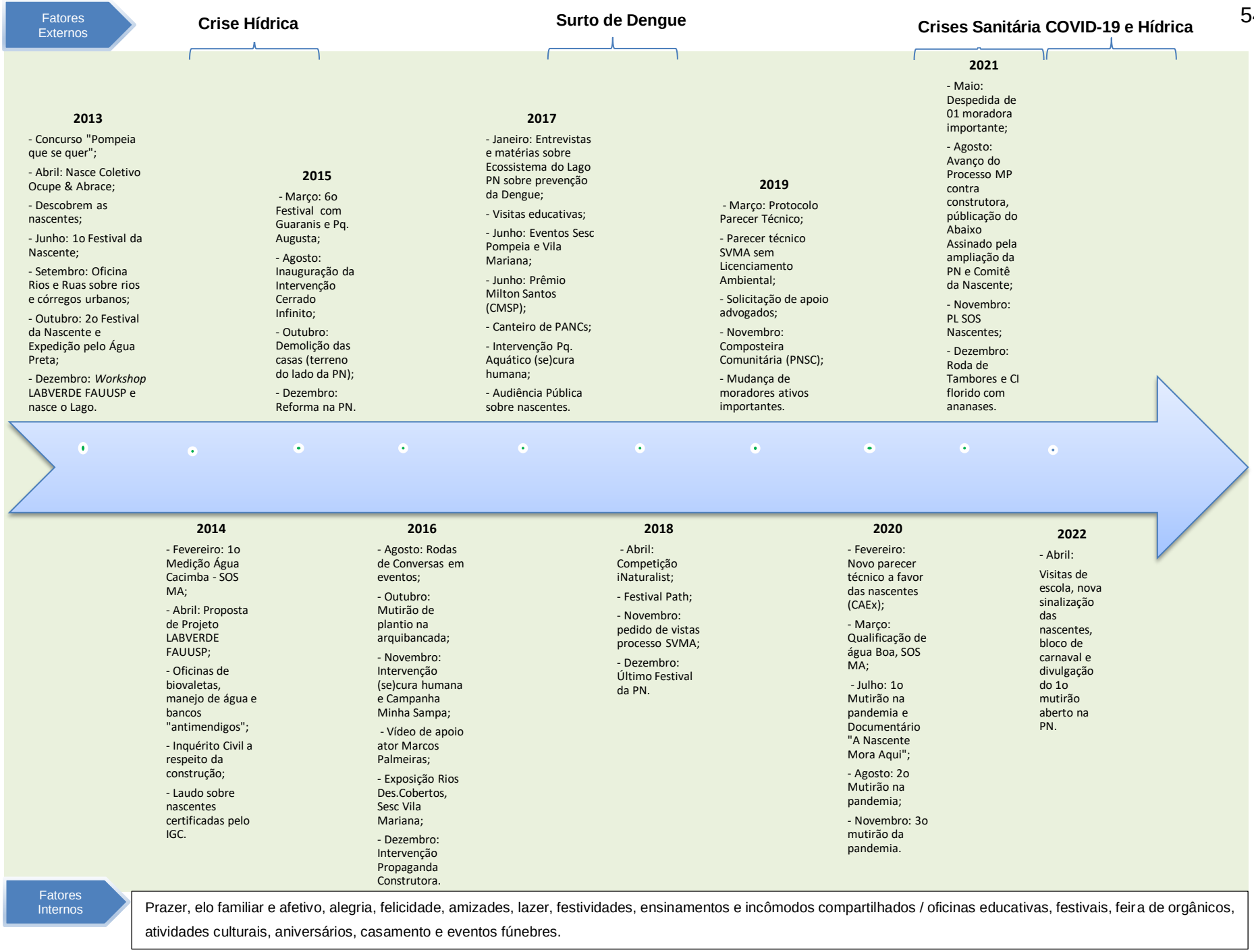
4.1. MAPEAMENTO DAS INICIATIVAS EXISTENTES, COM DESTAQUE DA PRAÇA DA NASCENTE E SEU HISTÓRICO DE ATIVIDADES

Durante o período de maio de 2020 a abril de 2022 por meio das redes sociais, foram observadas iniciativas em sinergia com a PN, como: Ocupe e Abrace, Cerrado Infinito, A Nascente Mora Aqui, Comitê da Nascente e Nossa Senhora da Composteira.

Por meio de levantamentos, em redes sociais e em pesquisas já publicadas, foi possível desenhar uma linha do tempo para melhor visualização do percurso dos fatos históricos da PN, desde 2013, quando iniciaram as primeiras iniciativas de intervenções coletivas e individuais com objetivo de revitalizar e dar vida ao espaço público. Muitas destas iniciativas serviram de motivação para o envolvimento das pessoas, como será visto, mais à frente, com os resultados das entrevistas.

4.1.1. Linha do tempo de ações na Praça da Nascente (2013 - 2022)

Figura 12 – Linha do tempo com o histórico de acontecimentos importantes na Praça da Nascente e seu entorno.



Fonte: Elaborada pela autora, 2021.

A partir da linha do tempo (Figura 12) observa-se que as primeiras mobilizações foram em 2013, e que ao longo da trajetória as atividades foram impactadas por alguns fatores externos como a crise hídrica (2014/2015), o surto de dengue (2017), a crise sanitária da COVID-19 (2020-2022) e novamente crise hídrica (2021). As intervenções na praça destacaram-se e chamaram mais atenção da comunidade e da mídia, com a grave crise hídrica, falta de água no bairro e o lago abastecido com água da nascente abundante, ou quando houve um surto de dengue no município e observou-se que o ecossistema presente no lago da PN impedia o desenvolvimento da larva do mosquito (o mosquito possivelmente deixava os ovos na água do lago, mas por ter peixes e sapos, os ovos viravam alimento e não evoluíam para a transmissão da dengue).

Em 2013, muitos fatos marcantes aconteceram na PN, como o concurso “Pompeia que se quer” (FEDERIZZI, 2014; HORI, 2016; GIARETTA, 2018), quando foi fundado o coletivo O&A; a descoberta de nascentes no terreno, a primeira edição do Festival da Nascente e, em parceria com a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), o primeiro *workshop* para desenvolvimento de um projeto de revitalização da praça (LOTUFO, 2013).

Figura 13 – Ilustrações das atividades realizadas na Praça da Nascente. (a) postagem “Foto Manifesto”; (b) Convite Workshop LABVERDE e O&A.

(a) (b)

Fonte: Extraído de (a) Instagram Ocupe & Abrace postagem em 10/08/2013 e (b) Revista LABVERDE n.07 (2013, p.242).

Figura 14 – Ilustrações das comunicações postadas sobre os primeiros Festivais da Praça da Nascente. (a) divulgação do primeiro Festival da Praça da Nascente; (b) divulgação de agradecimento pela participação.

(a) (b)

Fonte: (a) Instagram Ocupe & Abrace postagem em 11/08/2013 e (b) (a) Instagram Ocupe & Abrace postagem em 25/10/2013.

Em 2014, ocorreu a primeira medição das águas das nascentes pelo programa “Observando os Rios” da SOS Mata Atlântica (SOS MA); apresentação do projeto para a análise dos participantes do *Workshop* LABVERDE (LOTUFO, 2013); a propositura de um inquérito civil contra a obra ao lado da praça e o laudo das nascentes certificado pelo Instituto Geográfico e Cartográfico (IGC) (HORI, 2018)

Em 2015, houve visita dos Guaranis e dos movimentos Parque dos Búfalos e Parque Augusta no sexto Festival da Nascente, com expedição no percurso do Córrego da Água Preta, a inauguração da intervenção artística do Cerrado Infinito (CABALLERO, 2016), a demolição das casas ao lado da praça e, em dezembro, iniciou a primeira grande intervenção em infraestrutura por meio da articulação do O&A, em parceria com a LABVERDE - FAUUSP e a Subprefeitura da Lapa, com verba de emenda parlamentar (LOTUFO, 2016).

Já em 2016, as intervenções realizadas na PN ficaram mais conhecidas e tomadas como exemplo para outros espaços (HERZOG e ROZADO, 2019). O coletivo O&A começou a ser convidado para participar de vários eventos para compartilhar sua experiência. Neste ano, iniciou-se uma mobilização maior contra uma construtora, com intervenções na Avenida Pompeia junto a iniciativa “(se)cura humana” (HORI,

2016); desenvolvimento da Campanha na Minha Sampa; e o nono Festival da Nascente com intervenção “*Les Sources D´Eau*”, tradução livre do francês como “Fontes d´água”, sobre uma “Propaganda de Construtora” fictícia como uma forma de satirizar o mercado imobiliário e valorizar a área verde (HORI, 2018).

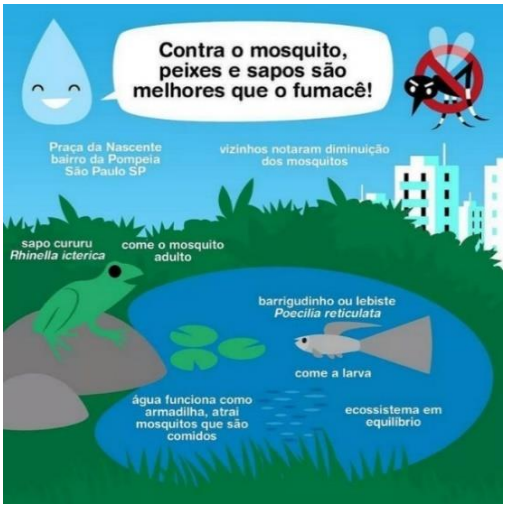
Figura 15 – Ilustração das casas sendo demolidas ao lado da Praça da Nascente.

Fonte: Extraído de Instagram Ocupe & Abrace publicação realizada em 15/10/2016.

Publicações educativas realizadas pela “Água, sua linda!” na época em apoio aos fatos acima descritos ocorridos na PN, respectivamente em 01/09/2016 e 20/01/2017 – Hoje tornou-se uma importante página social de educação ambiental chamada “Árvores e Água”.

Figura 16 – Ilustrações educativas postadas pela “Água, sua linda!” em 2016. (a) divulgação “Como um edifício pode matar uma nascente?”; (b) divulgação “Contra o mosquito, peixes e sapos são melhores que o fumacê!”.

(a)



(b)

Fonte: Extraído de (a) Instagram Ocupe & Abrace postagem em 01/11/2016 e (b) Instagram Ocupe & Abrace postagem em 20/01/2017.

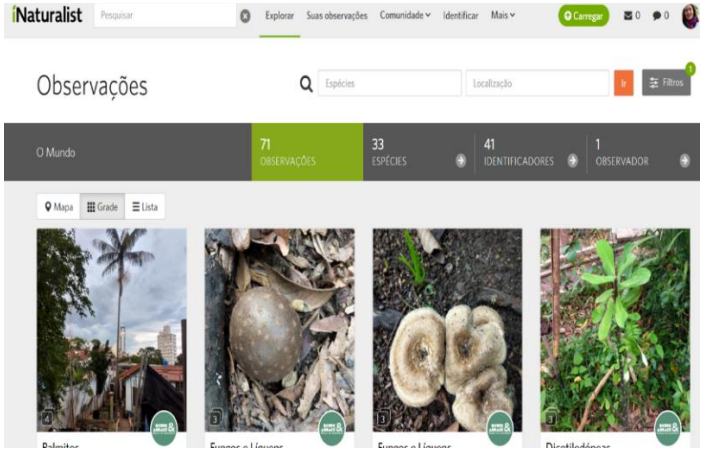
Em 2017, com o surto da dengue e o caso do ecossistema do lago para preservação da dengue tornou-se notícia em diferentes canais de comunicação a nível nacional. A partir disso, várias visitas educativas de escolas e faculdades tornaram-se frequentes como sendo uma forma de ensinar a importância na prática do ciclo da água e do ecossistema presente na PN. Neste mesmo ano, o coletivo O&A recebeu o Prêmio Milton Santos da Câmara Municipal de São Paulo (CMSP) pela revitalização na PN; realizou novamente em parceria com “(se)cura humana” uma intervenção, nomeada de Parque Aquático na Avenida Pompeia, como uma forma de chamar atenção para as nascentes presentes no terreno da construtora (HORI, 2018), e participou de Audiência Pública sobre a proteção das nascentes urbanas com apoio do mandato do vereador Toninho Vespoli na CMSP.

Figura 17 – Ilustrações das atividades de protestos e participação de audiências públicas. (a) protesto em proteção às nascentes; (b) protestos ao empreendimento ao lado da Praça da Nascente; (c) chamada para participação de audiência pública.

Fonte: Extraído de (a) Instagram O&A posta matéria do jornal Estadão em 16/11/2012; (b) Instagram "(se)cura humana" em 19/11/2017; (c) Instagram O&A postagem em 22/11/2017.

Em 2018, houve a participação da competição internacional sobre mapeamento de biodiversidade territorial por meio de uma plataforma de ciência cidadã chamado iNaturalist, a qual localizaram 33 espécies diferentes no local; a participação do Festival Path para compartilhamento de boas práticas da iniciativa O&A sobre o espaço público e no final do ano, em novembro, foi solicitada vistas no processo contra a construtora, pois a SVMA alegou não identificar as nascentes no terreno ao lado da praça contrariando o laudo técnico realizado pelo IGC. Por fim, no domingo dia 02 de dezembro, houve o último Festival da PN, que contou com uma programação repleta de atividades como a caminhada pelo Córrego Água Preta, yoga, roda de tambores, roda de coco, piquenique colaborativo, música circular e dança totalizando 13 festivais ao longo da história da praça.

Figura 18 – Ilustrações das atividades de mapeamento da biodiversidade presente na Praça da Nascente. (a) banner de divulgação “Desafio Natureza nas Cidades 2018”; (b) observações registradas da Praça da Nascente na Plataforma iNaturalist.



(a) (b)

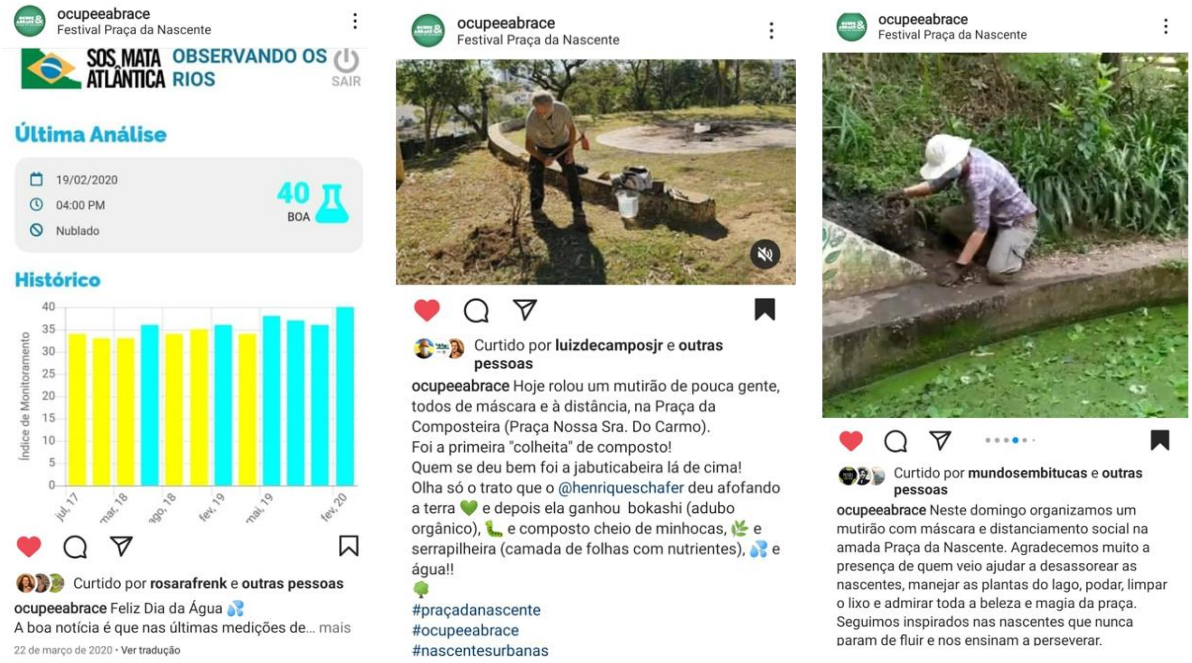
Fonte: Extraído de (a) Instagram Ocupe & Abrace publicado em 30/04/2018 e (b) Plataforma iNaturalist acessado em 01/12/2021.

Sem retorno, em março de 2019, o coletivo protocolou um parecer técnico e a SVMA comunicou que a obra não precisava de Licenciamento Ambiental. O coletivo foi às redes sociais solicitar apoio de advogados da rede, que fosse especializado no tema. Em novembro, uma nova iniciativa inspirada nas ações do O&A deu luz na praça ao lado, chamada Praça Nossa Senhora do Carmo, que logo em seguida foi renomeada de Nossa Senhora da Composteira, pois construíram uma composteira comunitária para que os moradores do entorno pudessem compostar seus resíduos orgânicos.

Em fevereiro de 2020, houve o novo parecer técnico do Centro de Apoio à Execução (CAEx) do Ministério Público do Estado de São Paulo (MPSP) a favor das nascentes. Em março, a medição das águas da nascente foi qualificada como “Boa” pelo projeto da SOS Mata Atlântica, o que foi um avanço muito positivo após a campanha educativa sobre o descarte inadequado dos resíduos sólidos na praça. Em seguida, foi decretado isolamento social devido à crise sanitária do vírus COVID-19. As ações presenciais das iniciativas atuantes na praça foram reduzidas para evitar aglomerações e possível contágio do vírus como forma de preservar a saúde de todos os frequentadores. Por tanto, mutirões para manutenção do espaço realizados com frequência foram cancelados e apenas em julho houve o primeiro mutirão durante a pandemia.

No mesmo mês foi lançado o documentário “A Nascente Mora Aqui” (NASCAR, 2020) com apoio de várias iniciativas parceiras como forma de defender a riqueza hídrica da praça e divulgar sobre o processo contra a construtora. Também pelas redes sociais do coletivo foram divulgados outros vídeos e conteúdos sobre evidências de nascentes no terreno da construtora como a existência de plantas típicas de espaços com água, por exemplo, a sombrinha chinesa (*Cyperus alternífolius*), que encontram-se em abundância mesmo em período de seca. Depois, apenas em agosto e novembro ocorreram novos mutirões de manutenção do lago e das nascentes na praça com a presença de poucos integrantes, protegidos com máscaras e uso de álcool em gel, e sem divulgação da atividade nas redes sociais para evitar aglomerações.

Figura 19 – Ilustrações das atividades realizadas para manutenção da área verde e águas das nascentes na Praça da Nascente. (a) análise da água da nascente pelo programa “Observando os Rios”; (b) cultivo de jabuticabeira próximo a arquibancada; (c) manutenção do lago.



(a) (b) (c)

Fonte: Extraído de Instagram O&A publicações respectivamente em 22/03/2020 (a), 04/07/2020 (b) e 11/10/2020 (c).

Figura 20 – Ilustrações das publicações de divulgação do documentário “A Nascente Mora Aqui” (NASCAR, 2020). (a) comunicado de estreia do documentário; (b) comunicado com os nomes dos participantes do documentário; (c) comunicado sobre o painel de debate.

(a) (b) (c)

Fonte: Extraído de Instagram “A Nascente Mora Aqui” postagens respectivamente em 05/07/2020 (a), 17/07/2020 (b) e Instagram O&A postagem em 17/07/2020 (c). Acessado em 02.04.2022.

Em 2021, a crise sanitária permaneceu e as atividades continuaram mais virtuais, porém com forte articulação em rede com a retomada do Comitê de Usuários (CU) da Praça da Nascente, avanço do processo do MP contra a construtora, publicação de um abaixo assinado para ampliação da PN e participação do Projeto de Lei nº 719/2021, chamado PL SOS Nascentes com autoria do vereador Toninho Vespoli para realização do mapeamento e proteção de nascentes dentro do município. Com o falecimento de uma moradora do entorno da praça e participante engajada das iniciativas, as redes sociais do O&A ficaram sem atualização de maio a agosto, e não houve mais a realização dos festivais. Ao todo foram somados 13 Festivais da PN, todos temáticos com diferentes programações culturais e apoiados por moradores, empresas e iniciativas da região. Em 2022, observou-se mais atividades no mês de abril com visitas educativas de uma escola, nova sinalização das nascentes, bloco de carnaval, os primeiros mutirões abertos de manutenção no Cerrado Infinito (CI) e divulgação de mutirão no lago.

Segundo Jacobs (2011), para o espaço público estar sempre ocupado, há necessidade da diversidade de atividades e perfis de frequentadores em diferentes horários do dia, tornando-o mais seguro. Na PN, por exemplo, tem-se o projeto CI, que atrai um público de frequentadores mais voltados para a arte; o O&A, que atrai

mais frequentadores locais para participarem de atividades socioambientais e culturais tornando a praça frequentada por indivíduos com diferentes interesses e horários de permanência.

Para entender melhor a localização da PN perante os empreendimentos, foi analisada a imagem de satélite ou ortofoto do IGC 2007 (Figura 21), o qual foi adaptada pela autora para melhor compreensão. O grande contorno em vermelho é a localização da PN, o quadrado vermelho abaixo dela está a Praça Nossa Senhora do Carmo (PNSC) e o retângulo vermelho a direta da primeira está a escadaria da Rua Dr. Paulo Vieira (ESC). Já os três com contorno azul escuro são as demolições de casas ou empreendimentos imobiliários, sendo: o retângulo ao lado da PN é o terreno embargado das casas demolidas pela Exto (T), ao seu lado esquerdo tem um grande triângulo que é um novo empreendimento já em fase de construção (C1) e o quadrado menor azul é um empreendimento em fase de construção aparentemente parado (C2).

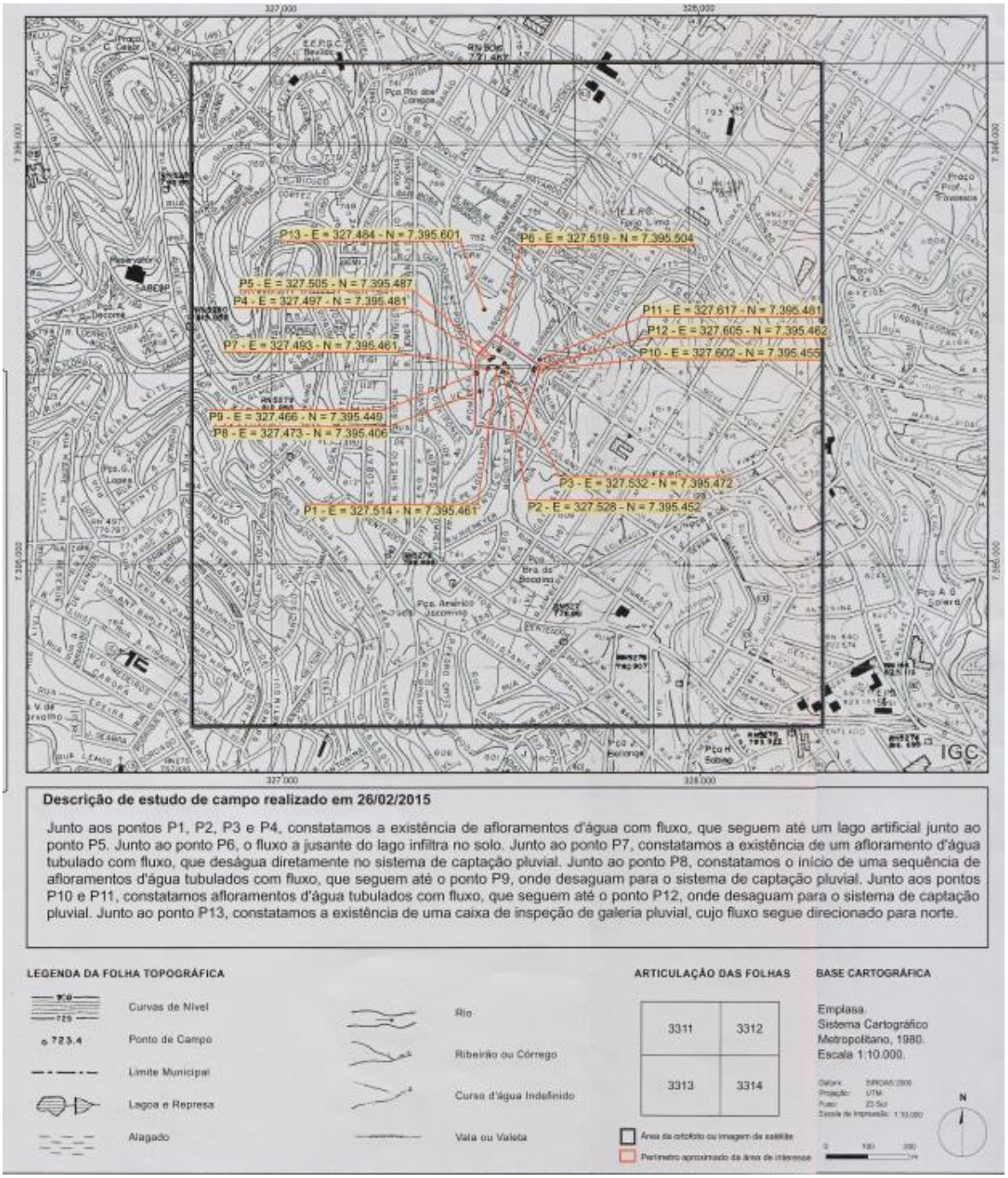
Figura 21 – Imagem Ortofoto IGC 2007 com as delimitações da Praça da Nascente, Praça Nossa Senhora do Carmo, Escadaria da R. Dr. Paulo Vieira e novos empreendimentos - Escala 1:2.500.

Fonte: IGC, 2007, adaptado pela autora. Acessado em 30/03/2021.
Nota: PN – Praça da Nascente; PNSC – Praça Nossa Senhora do Carmo; ESC – Escadaria R. Dr. Paulo Vieira; T – Terreno embargado; C1 – Construção em andamento e C2 – Construção parada.

O empreendimento embargado no terreno ao lado da PN, pode afetar as nascentes presentes tanto em seu próprio terreno, quanto no terreno da praça. Além de possivelmente prejudicar a incidência de sol na praça. De acordo com relatos dos entrevistados, um dos integrantes do coletivo O&A chamou e acompanhou um técnico do IGC em 2014, para que ele pudesse analisar tecnicamente sobre a existência das

nascentes. Em fevereiro de 2015, o laudo técnico foi assinado com o parecer de que aquela região possui 9 pontos de afloramentos d'água com fluxo, sendo 02 delas dentro do terreno do empreendimento ao lado da PN (Figura 22).

Figura 22 – Ortofoto com a localização dos afloramentos d'água dentro do relatório técnico emitido pelo IGC em 2015.



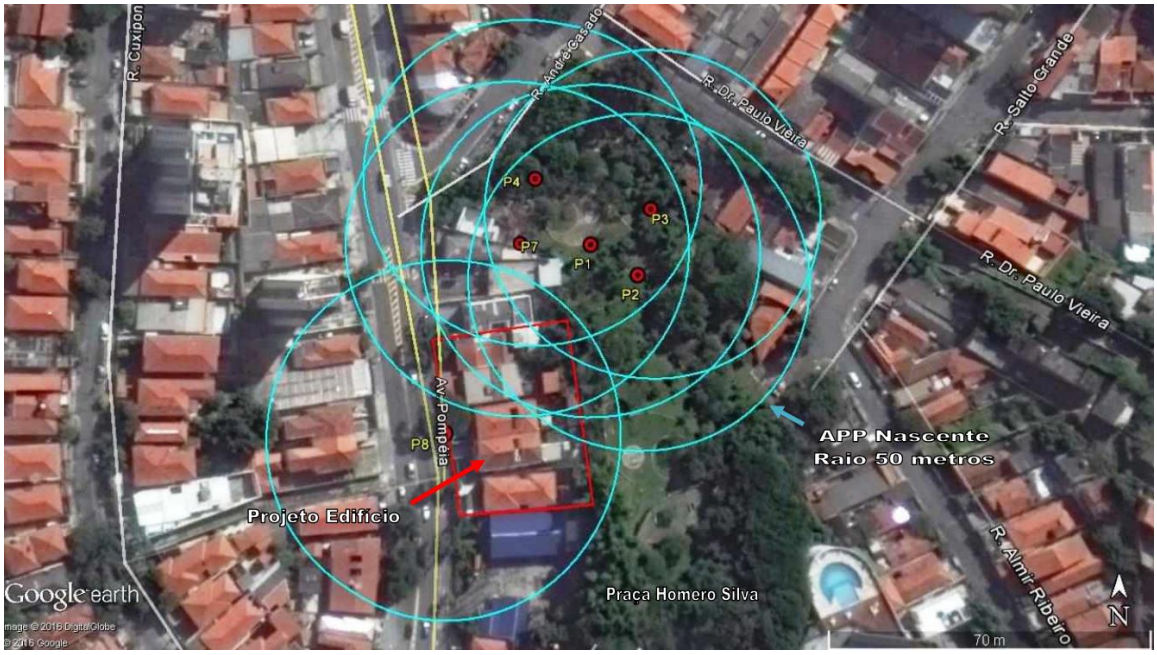
Fonte: IGC, 2015.

Mesmo tendo a certificação do IGC a construtora negou a existência das nascentes e almejou iniciar a obra solicitando o alvará no órgão responsável, o qual em primeiro momento foi aprovado. Porém, no parecer técnico do CAEx (2018, p.28) reforçou que:

> De acordo com o artigo 4º da Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012, considera-se Área de Preservação Permanente, em zonas rurais ou urbanas as áreas no entorno das nascentes e dos olhos d'água perenes, qualquer que seja sua situação topográfica, no raio mínimo de 50 (cinquenta) metros. Considerando apenas as nascentes existentes na Praça Homero Silva, pode-se afirmar que o terreno onde foram realizadas as demolições, a terraplanagem e a provável vala de drenagem das águas aflorantes está parcialmente inserido em Área de Preservação Permanente. Se considerar as águas aflorantes em qualquer ponto do terreno ou na própria calçada da Av. Pompeia, como sendo natural, pode-se afirmar que o referido terreno está totalmente inserido em Área de Preservação Permanente (...)

Após as análises foi concluído que existem ao menos 5 nascentes dentro dos limites da PN, as quais estão simbolizadas na figura a seguir com pontos vermelhos; já os círculos azuis simbolizam a área de proteção ambiental que estão em um raio mínimo de 50 metros no entorno das nascentes e dos olhos d'água perenes. Conforme pode ser observado na Figura 23, que foi desenvolvida e publicada no parecer técnico nº 0186727 sobre a análise dos documentos inseridos no processo nº 100.6808-94.2020.8.26.0004 (CAEx - MPSP, 2018).

Figura 23 – Áreas de preservação permanente definidas pelas nascentes existentes na Praça Homero Silva e entorno. Imagem de satélite Google Earth anterior à demolição das residências na área do projeto do edifício.



Fonte: CAEx – MPSP, 2018, p. 29.

Logo, o seu descumprimento pode colocar em risco a proteção das águas subterrâneas, a vegetação da praça e toda sua biodiversidade, devido ao rápido avanço da especulação imobiliária na região, que a cada dia que passa mais casas são demolidas e mais prédios comerciais e residenciais são construídos em seu entorno, o que tem sufocada cada vez mais a sua área verde. Fato que coloca em risco não apenas a sua vegetação e a biodiversidade, mas também as águas subterrâneas e que afloram por meio das nascentes. Tendo em vista, que várias casas vizinhas da praça foram demolidas por uma construtora, a qual possui como objetivo construir um prédio de 22 andares com 3 subsolos de estacionamento, que, consequentemente, poderá prejudicar a existência das nascentes. Água que tanto tem faltado para a capital paulista nos últimos anos de crise hídrica.

Por isso, iniciativas urbanas, moradores e comerciantes do entorno tentam por meio de articulação e mobilização proteger esta importante área verde para o uso e conservação do espaço. Neste contexto, os integrantes do O&A com apoio de advogados entraram na justiça solicitando o embargo da obra, pois o terreno deveria ser considerado uma Área de Preservação Permanente (APP) e a área verde da PN classificada como Zona Especial de Proteção Ambiental (ZEPAM).

Figura 24 – Imagem do terreno comprado pela incorporadora ao lado da Praça da Nascente.

Fonte: Extraído de Dossiê Coletivo Ocupe & Abrace (2016, p.16).

Desde então, existe esta luta contra a construção do empreendimento neste terreno ao lado da PN, que faz os integrantes do O&A demandarem apoio de outras iniciativas para pressionar cada vez mais por uma solução responsável perante a lei de proteção ambiental. Com o caminhar mais demorado do processo, eles precisaram agir com mais resistência e diferentes ações foram realizadas como: intervenções na frente do terreno junto ao “(se)cura humana”, desenvolvimento de petições e abaixo-assinados, publicações de postagens nas redes sociais descrevendo o problema e possíveis soluções, criação de um documentário sobre as nascentes com a participação de diferentes iniciativas e especialistas, e diversas matérias foram publicadas na grande mídia em apoio ao movimento, que ali surgiu.

4.1.2. Mapeamento e análise de publicações sobre a Praça da Nascente e iniciativas em sinergia

Foram encontradas 17 publicações, entre os anos 2013 e 2020, a grande maioria oriundas da área de concentração Arquitetura e Urbanismo, dentro da FAUUSP. Apesar disso, é possível perceber que é um tema interdisciplinar havendo também pesquisa dentro da área de Design e da Saúde Pública. Elas foram identificadas por meio de buscas no Google Acadêmico e na Biblioteca Digital da USP, além de indicações durante a etapa das entrevistas e por conversas informais nas visitas de campo. Todas possuem relações, diretas e indiretas, com a Praça da Nascente, ou seja, descrevem a praça, as nascentes da bacia hidrográfica do Córrego Água Preta nela presentes e suas iniciativas urbanas atuantes. Estas pesquisas publicadas auxiliaram na composição descritiva sobre a praça, como também corroboraram as informações sobre a atuação do coletivo O&A e entendimento dos diferentes cenários que a praça já passou ao longo dos últimos 9 anos (Quadro 1).

Quadro 1 – Autores com publicações sobre o Coletivo Ocupe & Abrace, a Praça da Nascente e o Córrego Água Preta.

Autores com publicações sobre o Coletivo Ocupe & Abrace, Praça da Nascente e Córrego Água Preta.				
Ano	**Autor**	**Título**	**Tipo**	**Área**
2013	Lotufo	Entrevistas: a hora e a vez dos coletivos.	Revista	FAU-USP / Arquitetura e Urbanismo
		Depoimento: Workshop "Praça das Nascentes".		
2014	Lotufo	Eventos: Encontro do LABVERDE com o Ocupe & Abrace.	Revista	FAU-USP / Arquitetura e Urbanismo

	Federizzi	Design para inovação social: a cidade feita pelas pessoas.	Dissertação de Mestrado	Faculdade de Design - UNISINOS / Design
2015	Bonzi	Andar sobre Água Preta: a aplicação da infraestrutura verde em áreas densamente urbanizadas.	Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo	FAU-USP / Paisagem e Ambiente
2016	Lotufo	Projeto Sustentável: resiliência urbana para o bairro da Pompéia.	Tese de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo	FAU-USP / Projeto de Arquitetura
	Hori	Práticas urbanas inovadoras, insurgentes, democráticas.	Artigo	FAU-USP / Paisagem e Ambiente
	Caballero	Guia de campo dos Campos de Piratininga, ou, O que sobrou do cerrado paulistano, ou, Como fazer seu próprio Cerrado Infinito.	Livro	Desenhos botânicos: Arte
2017	Hori	(a) A cidade ocupada e abraçada.	Artigo	FAU-USP / Paisagem e Ambiente
		(b) Os Coletivos Urbanos da cidade de São Paulo: ações e reações.		
	Sesc	Ideias e Ações para um Novo Tempo - Territórios em Transformação	Catálogo	Sustentabilidade
2018	Hori	Práticas urbanas transformadoras: o ativismo urbano na disputa por espaços públicos na cidade de São Paulo.	Dissertação de Mestrado	FAU-USP / Paisagem e Ambiente
	Giaretta	TIC e movimentos sociais no urbano do século 21: interfaces e possibilidades na busca pelo direito à cidade.	Tese de Doutorado	FSP-USP / Saúde Global e Sustentabilidade
2019	Burchard-Levine	Spaces of everyday resistance: the right to the city. In: Voices of Latin America: Social movements and the new activism.	Capítulo de livro	Latin America Bureau - LAB UK / ONG por Justiça social e ambiental
	Herzog e Rozado	Diálogo Setorial UE-Brasil sobre soluções baseadas na natureza Contribuição para um roteiro brasileiro de soluções baseadas na natureza para cidades resilientes na natureza.	Relatório Internacional	FAU-PUC Rio / Infraestrutura Verde e Ecologia Urbana
2020	Dos Santos e Kato	Coletivos urbanos e transformações do espaço público: o caso da Praça da Nascente e do Coletivo Ocupe e Abrace em São Paulo.	Artigo de Iniciação Científica - Graduação	FAU-Mackenzie / Arquitetura e Urbanismo
	Junior e Cesar	Cidades Afetivas: vias convivialistas para o futuro de uma vida em comum.	Artigo	FCS-PUC SP / Estudos da Complexidade

Fonte: Elaborada pela autora, 2021. (Dados atualizados em 04/11/2021).

Estas publicações focam na caracterização da PN e seu processo de transformação por meio das iniciativas coletivas e individuais (LOTUFO, 2013 e 2016; FEDERIZZI, 2014; HORI, 2016 e 2018; GIARETTA, 2018; DOS SANTOS e JATO, 2020); na caracterização da microbacia hidrográfica do Córrego Água Preta e seu potencial e benefícios como infraestrutura verde, a qual pertence a PN (BONZI, 2015; LOTUFO, 2016), além de contribuírem para o mapeamento de atores locais, entender na prática um processo em vias convivialistas (JUNIOR e CESAR, 2020) e com utilização das tecnologias digitais como uma forma de comunicação em rede (GIARETTA, 2018).

Observou-se conexão do tema com projetos de extensão do Laboratório LABVERDE – FAUUSP, que possui uma revista de mesmo nome. Duas edições (2013

e 2014) focaram na pesquisa de doutorado de Lotufo (2016), com dados sobre o projeto arquitetônico proposto para a revitalização da praça em parceria com os moradores do entorno integrantes do coletivo O&A e descrição de todo este processo colaborativo.

As demais publicações, não acadêmicas e internacionais, focam em cidades resilientes e as contribuições das Soluções baseadas na Natureza (SbN) (HERZOG e ROZADO, 2019); sobre a resistência do coletivo, na PN (Burchard-Levine, 2019). Já na esfera nacional, tem-se a publicação sobre a intervenção artística do Cerrado Infinito presente na praça como uma forma de resgatar a vegetação nativa do cerrado (CABALLERO, 2016); o Catálogo “Ideias e Ações” (SESC, 2017) sobre iniciativas socioambientais no município de São Paulo, além de matérias e entrevistas em jornais locais e nacionais sobre: surto da dengue, existência do lago da praça e seu ecossistema, boas práticas locais realizadas pelo coletivo, e palestras/rodas de conversas tendo integrantes do coletivo como convidados em grandes eventos.

5. VISITAS DE CAMPO

Relato das visitas em campo com as principais observações e percepções do espaço realizadas pela autora durante o período de julho/2020 a março/2022.

5.1. VISITAS TÉCNICAS À PRAÇA DA NASCENTE: LEVANTAMENTO DE CAMPO E IDENTIFICAÇÃO DAS AÇÕES COLETIVAS (2020 – 2022)

Foram realizadas 14 visitas de campo no período indicado, com o objetivo de identificar a existência das iniciativas coletivas atuantes, conhecer e observar as atividades de intervenção realizadas no espaço. Todo o período foi marcado pela pandemia do vírus COVID-19.

Com visita guiada com uma das participantes do coletivo O&A, foi possível entender o processo de desenvolvimento do grupo, suas atividades para manutenção da praça, e os cuidados para conservação das águas das nascentes e toda a biodiversidade da área verde local. Foi indicada a localização das várias nascentes que dão origem ao Córrego Água Preta (dentro e fora da praça) e relatada a luta contra uma construtora, que adquiriu um terreno ao lado da praça, e hoje encontra-se com a obra embargada pela Prefeitura de São Paulo. Nesta visita, em estação do ano mais

fria e seca, as nascentes estavam com água e, havia vários frequentadores locais como pais com crianças na região do lago.

Outra visita ocorreu em um dia da semana em horário comercial – um dia de verão, com intensas chuvas nos dias anteriores e com previsão de chuva para o dia da visita. Nota-se o elevado volume de água em uma das aflorações próxima à escadaria da intervenção do CI. Observou-se crescimento da vegetação, abundância de água nas nascentes, árvores com frutas, como a goiabeira, alteração no paisagismo do projeto CI, folhas presentes pelo caminho, pichações nas lixeiras recém colocadas pela Prefeitura municipal, vestígios de uma fogueira próximo a escadaria superior e trabalhos religiosos espalhados pelo local.

A partir do estudo de Sánchez (2016), identificou-se categorias possíveis a serem incluídas nesta pesquisa – categoria de frequentadores e categoria de construções do entorno. Assim, foram mapeados os estabelecimentos comerciais em funcionamento no entorno da PN, o tipo de moradias/construções do entorno e as empresas construtoras, bem como observações sobre os comportamentos e atividades realizadas pelos frequentadores em sua permanência na praça.

Em duas visitas realizadas em dias distintos (um dia de semana e outro de sábado), foi possível observar 07 frequentadores exercitando-se com roupa de ginástica; 26 passeando com cachorro; 02 passeando com crianças; 04 descansando em banco da praça ou em carro no entorno; 03 utilizando mesas para alimentação; 03 encontrando com outras pessoas; 02 ajudando na manutenção e preservação do local; 01 contemplando a biodiversidade local; 16 utilizando a praça como passagem (Ex. até Correios próximo); 11 fumando e/ou usando celular.

Nestas visitas houve contato com alguns responsáveis por estabelecimentos comerciais no entorno como: 02 garçons do bar-restaurante localizado na esquina da praça; 01 proprietário da floricultura da esquina - morador em Cotia (SP) há 40 anos, que vem de segunda a sábado trabalhar na floricultura; 01 mecânico da funerária há 04 meses no local - e com frequentadores da praça e do entorno como: 02 voluntários do Cerrado Infinito - um é morador e outro mora no bairro Ipiranga; 01 casal fazendo exercícios físicos na escadaria, 01 homem caminhando pela praça - morador da Rua Haiti, que não conhecia a praça; 01 homem fumante passeando com cachorro - morador e não participa do coletivo; e 01 senhora moradora há anos no local. Alguns forneceram contato para futura conversa.

Figura 25 – Registros fotográficos da autora durante as primeiras visitas à Praça da Nascente. (a) placa Praça Homero Silva; (b) lagos das nascentes; (c) placas de sinalização sobre a vida no lago; (d) placa sobre a água; (e) placa sobre a vivência na praça; (f) placa colorida escrito Praça da Nascente; (g) mulher passeando com cachorro; (h) criança na gangorra; (i) casal de idosos sentados no banco.

Fonte: Acervo da autora, 2020-2021.

Os estabelecimentos de entorno identificados são: ponto de táxi, floricultura, restaurantes, mercado, oficina mecânica, marceneiro, eletricista, loja de tintas, *petshop*, academia, paróquia católica e instituto terapêutico.

Os tipos de moradia no entorno da Praça da Nascente incluem casas, condomínios residenciais (edifícios pequenos e grandes) e *kitnets*.

No sábado foi possível notar um público diferente presente no local como indivíduos que possuem mais tempo de permanência no espaço público, realizando

atividades como: exercícios físicos (boxer e caminhada), mostrando o lago para crianças, criança brincando no balanço, amigos sentados na mesa de xadrez tomando cerveja, atores vestidos de piratas filmando uma possível peça de teatro, voluntários fazendo plantio de vegetação típica do bioma cerrado e realizando a manutenção no CI, e um possível morador de rua deitado no banco. Além daqueles que estavam passeando com cachorros.

Figura 26 – Registros fotográficos da autora durante a quarta visita pela Praça da Nascente e seus frequentadores em um sábado pela manhã. (a) homem deitado no banco; (b) homem e criança observando o lago; (c) plantio de plantas nativas do Cerrado.

(a) (b) (c)

Fonte: Acervo da autora, 2021.

Em 2021, em um domingo de sol, típico de verão, com aproximadamente duas horas de permanência durante o período da manhã foram novamente avistadas pessoas com cachorros; vegetação próxima aos parquinhos alta; vegetação do CI florindo e com várias espécies de borboletas; goiabeiras próximas ao lago com frutas; abelhas Jataí em uma árvore perto da arquibancada; lixeiras com resíduos transbordando; 02 coletoras de bitucas de cigarro feitas em garrafas pet instaladas próximas aos degraus da arquibancada; 03 pontos com vestígios de fogueiras. Não foi possível identificar ninguém do coletivo O&A e do CI no local, nem crianças.

Conversando com um homem adulto, que passeava com 02 cachorros soube que é morador há 12 anos do bairro, vai com frequência à praça, mas não participa das ações do coletivo. Afirmou observar maior movimentação e cuidado da praça após as iniciativas coletivas; que conhece o belo trabalho do CI e disse que a terra na lateral, próxima ao muro, não é sinal de abandono e, sim, de cuidado. Comentou sobre a fogueira, que possivelmente seja de moradores de ruas na praça. Ele percebe a praça bem movimentada, mas não sabe a intenção de cada um que a frequenta, de forma geral, sente ser um lugar seguro, mas não frequenta à noite. Comentou que

antes da pandemia havia ensaio do Maracatu na praça. Entende que não foi apenas o coletivo que ajudou na revitalização da praça, pois a Prefeitura fez a reforma e disse que onde está a arquibancada era uma parede alta e, de fato, observa muitas bitucas de cigarro na região da arquibancada.

O segundo homem, aparentou ser de meia idade, também caminhava e brincava com um cachorro. Disse ser morador do bairro, auxiliar de tecnologia audiovisual de uma escola próxima a PN, que apenas descobriu a praça devido à sua cachorra. Conhece o trabalho do coletivo e a história do prédio embargado do terreno ao lado da PN, mas não sabia que havia nascentes na praça. Acredita que o mato está alto não por falta de cuidado, mas por ser uma época chuvosa. Comentou que sente falta de educação dos donos de cachorro, pois não são todos que recolhem as fezes do seu cachorro. Observa vários outros resíduos descartados no chão como preservativos nas escadas, bitucas de cigarro e garrafa de vidro na arquibancada. Comentou que no final de tarde há mais sapos no lago. Por fim, disse que não frequenta a PN de noite, pois não sabe se é segura, mas que durante o dia acha segura. Recomendou ver o pôr do sol da PN e que subindo as escadas até a Rua Herculano é ainda mais bonito.

Em visita em um final da tarde foi observado outro tipo de frequentadores. Havia 04 senhores jogando dominó em uma das mesas de concreto da entrada da Rua André Casado, em uma outra mesa havia 02 homens tomando cerveja e ainda em uma terceira mesa havia 02 mulheres com *notebook* sentadas na mesa perto do balanço, 01 homem possivelmente bêbado dormindo no banco perto do lago, várias aves e sapos na região do lago. Já ao subir para parte superior da praça, na região da arquibancada, havia um homem sentado mexendo no celular, um casal sentado bebendo cerveja e um casal praticando acroyoga na grama. Havia vários frequentadores passeando com cachorros. Não foram observados nestas visitas funcionários de limpeza e segurança pública.

Em outra visita foi possível conhecer uma nascente na escadaria da Rua Doutor Paulo Vieira e conversar sobre ela com o proprietário da casa ao lado, que é também uma oficina de carros. Sua família mora ali há 50 anos e em nenhum momento, nem mesmo em períodos de seca, a água da nascente secou. Comentou que teve um período que a nascente ficou conhecida no bairro e muitos vizinhos iam buscar água lá para usar em suas respectivas casas, porém acabou virando bagunça na rua e uma solução de manter a tranquilidade foi tirar a torneira que tinha na bica. Também relatou

que várias casas próximas a praça e no bairro em si, possuem nascentes dentro das suas residências.

Esta última foto da direita, representa a água que sai da nascente próxima a escadaria, aparentemente muito limpa e devido a este fato formam-se musgos na cor verde por onde a água passa.

Figura 27 – Escadaria da Rua Doutor Paulo Vieira e sua nascente no entorno da Praça da Nascente. (a) antiga torneira com água de nascente; (b) água de nascente escoando pela sarjeta.

(a)

(b)

Fonte: Acervo da autora, 2021.

Vizinho da parte de cima da praça relatou não participar das iniciativas coletivas da praça, mas disse que se sente um constante vigia da praça por morar muito próximo dela e observar os acontecimentos do espaço público: há dias a luz do poste, próximo a arquibancada, estava queimada; mesmo durante a pandemia pessoas frequentaram, fazendo fogueira à noite; com a construção do prédio do lado de sua casa a pressão da água começou a vir diferente; sente-se incomodado com um banheiro químico próximo de sua casa quando há festas na praça; e acha que a obra na praça foi bem realizada.

Na Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, recebi um folheto com a história de 58 anos da paróquia, na qual foi possível observar as imagens de como era a elevação do terreno antigamente e no fundo era visível o morro da praça.

Neste dia, o barulho de máquinas da obra do novo empreendimento em frente a paróquia estava muito elevado e, em alguns momentos, dificultou a comunicação.

Depois desta visita à Paróquia, atravessando a Avenida Pompeia, há alguns comércios como um mercado, uma academia e um restaurante, e uma funilaria ao lado da PN. O proprietário da funilaria é recente no espaço, mas soube que antes dele era um lava-rápido e que existe uma nascente no terreno. Na frente da PN,

atravessando a Rua André Casado, há um bar-restaurante e do outro lado uma floricultura. Algumas pessoas destes locais participaram das entrevistas posteriores.

Depois da fase de entrevista, houve visita à PN, em dezembro de 2021, acompanhada de integrantes de iniciativas da PN e seu entorno:

- Visita à Travessa Roque Adóglio para conhecer: a intervenção artística realizada no espaço; ouvir músicas de carnaval sobre o córrego tocada pelo Bloco do Água Preta. Havia placas convidando a população para participar das atividades e afirmando que o local é um bem comum de todos; um lago com peixes e plantas aquáticas; uma mesa com comidas compartilhada denominado de “Piquenique colaborativo”; um poço construído de alvenaria para a população poder ver, sentir e ouvir as águas do Córrego Água Preta, além de muitas artes em grafites e bandeiras com a identidade visual das iniciativas Pompeia Sem Medo e Bloco do Água Preta.

- Visita a pé em espaços públicos descendo a Avenida Pompeia, percepção de ser um grande vale com morros, - Praça Rio dos Campos, Praça Diogo do Amaral, Travessa Roque Adóglio e Sesc Pompeia - com intuito de conhecer mais sobre o percurso do Córrego Água Preta até as proximidades da foz do Rio Tietê. Em vários momentos foi possível ver o córrego canalizado ou em formato de lagos. Estes espaços durante o carnaval podem ser pontos de encontro de blocos e, em período chuvosos, são pontos de alagamento.

Na Praça Diego do Amaral há um lago construído coletivamente com uma nascente local, próxima da calçada da Rua Bárbara Heliodora.

Ao continuar a caminhada até o Sesc Pompeia, observou algumas casas com frases artísticas dizendo “Aqui passa o Água Preta” e outras com portões reforçados para proteger suas casas contra enchentes. Percebeu-se que na sarjeta das ruas há com frequência água correndo, com bastante musgo e umidade na calçada.

Ao chegar mais próximo do Sesc Pompeia, parecia estar em um grande canteiro de obras, seja pelo trânsito parado devido às obras do metrô – linha laranja, seja pelos caminhões entrando e saindo das obras de novos empreendimentos, casas sendo demolidas e barulho de obra constante.

- Visita a PN com intuito fazer observação participante durante uma atividade chamada roda de tambores, a qual foi divulgada antecipadamente pelas redes sociais do coletivo O&A. Neste dia participaram 07 pessoas, sem contar o instrutor, totalizando em sua maioria mulheres de meia idade e uma criança. A intenção foi

retomar as atividades presenciais, após um longo período de isolamento social, de forma prazerosa, terapêutica e musical (Figura 28).

Figura 28 – Atividade presencial, Roda de tambores, na Praça da Nascente. (a) instrumentos no chão da praça; (b) pessoas tocando tambores em roda; (c) roda com criança tocando tambor.

(a) (b) (c)

Fonte: Acervo da autora, 2021.

Neste mesmo dia, observou-se que o lago estava com mais plantas do que o normal, o que pode impossibilitar a passagem da luz pela água e prejudicar a manutenção da vida no lago. Além de perceber uma leve redução da quantidade de água vindo das nascentes, mesmo estando em um período de chuvas de verão (Figura 29).

Figura 29 – Alteração na quantidade de vegetação presente no lago Praça da Nascente.

Fonte: Acervo da autora, 2021.

Já nas visitas realizadas em 2022 para encerrar as visitas de campo, foram observadas que ainda há concentração de sacos de lixo próximos da coletora ao lado das mesas de xadrez, houve pichações em algumas árvores do platô intermediário, o banco de madeira próximo ao lago estava sem encosto, foi realizado a troca do banco

de concreto quebrado por um novo próximo ao parquinho da entrada da Rua André Casado. Já subindo para a região do Cerrado Infinito foi percebida a vegetação florida e com ananás (semelhante a pequenos abacaxis), planta típica do bioma. Foram observadas que 02 árvores caíram com as fortes chuvas de verão, sendo que uma, mesmo caída continua, com a colmeia de abelhas e foi adaptada para ser um banco naturalizado. Nas árvores do último patamar, acima da arquibancada, foi avistado um pica-pau de cabeça amarela furando a madeira em busca de alimento e periquitos-verdes mais abaixo. Além de observados cartazes em alguns postes de luz sobre a petição de ampliação da praça (Figura 30).

Figura 30 – Registros fotográficos da autora durante as últimas visitas pela Praça da Nascente e seu entorno em 18/02/2022 e 19/03/2022. (a) cartaz sobre a petição de ampliação da praça; (b) novo banco de concreto; (c) árvore caída no chão; (d) abelha sem ferrão no tronco.

(a)

(b)

(c)

(d)

Fonte: Acervo da autora, 2022.

No contexto do entorno da PN, o terreno ao lado, continua embargado, com a vegetação típica de terrenos úmidos crescendo e permanece com indícios de água de nascente saindo pelas calçadas mesmo neste dia não ter chovido.

Nesta última visita foi observado que as iniciativas individuais e coletivas permanecem ativas na PN e em seu entorno, principalmente, depois de observar os

cartazes da petição para ampliação da praça, os quais foram identificados como uma criação do Comitê de Usuários da PN. Em seu entorno, a paisagem continua sendo modificada pela construção de novos empreendimentos. Ao sair da PN e subir a Avenida Pompeia, em direção ao terminal-metrô Vila Madalena, foi possível observar novas demolições, algumas obras no início e outras em fase de conclusão.

Apesar do terreno ao lado da PN estar embargado, a obra próxima do outro lado da Avenida Pompeia, continua avançando já sendo construído até o seu quarto andar.

Até esta última visita, totalizou-se mais de 500 registros fotográficos durante as observações em campo na PN e seu entorno.

5.2. VISITAS DE CAMPO EM OUTROS ESPAÇOS PÚBLICOS PARA ALÉM DA PRAÇA DA NASCENTE E SUAS INICIATIVAS

Como forma de mapear outras iniciativas com conexões, diretas e indiretas, com a PN, também foram realizadas ao menos uma visita de campo para reconhecimento da área e sua atuação principalmente aquelas com vínculo com o espaço público, áreas verdes e nascentes/águas urbanas (núcleos estudados). Além de que algumas delas também há conflito com construtoras devido a novos empreendimentos em área de proteção ambiental e com existência de nascentes na região da obra.

Quadro 2 – Relação de outras visitas em campo no município de São Paulo e externas à Praça da Nascente.

Visitas extras em locais com conexão: Áreas Verdes e Águas Urbanas
Nascentes da Escadaria R. Dr. Paulo Vieira e do “Cidão”
Praça Nossa Senhora do Carmo
Praça, Horta e Parque Linear das Corujas
Praça do Pôr do Sol
Largo da Batata, Largo das Araucárias e Bosque Mata Atlântica
Praça Amadeu Decome
Praças das Vilas Beatriz, Ida e Jataí
Sesc Pompeia
Beco do Batman

Nascente do Córrego Saracura + Protesto do Salve Saracura no Bixiga
Futuro Parque do Bixiga
Parque Augusta
Travessa Roque Adóglio
Praça Rio dos Campos
Praça Diogo do Amaral
Outros parques municipais como: Aclimação, Ibirapuera e Buenos Aires

Fonte: Elaborada pela autora, 2021.

6. REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

A fase de entrevistas semiestruturadas iniciou-se com a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética da Faculdade de Saúde Pública (FSP-USP), número CAAE 46658921.7.0000.5421. Com base nas observações realizadas nas visitas de campo e redes sociais, foi possível identificar algumas pessoas mais atuantes na PN e seu entorno, e realizar os convites para participar da fase de entrevista. Ao aceitarem, os agendamentos foram realizados de acordo com a disponibilidade de cada um, durante o período pré-determinado de junho a julho/2021.

Após o aceite *on-line* ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Apêndice E) desenvolvido em formato formulário *on-line* (Google Formulários), as orientações foram realizadas a cada entrevistado e as entrevistas foram realizadas, seguindo o roteiro com perguntas semiestruturadas, com pequenas adequações conforme o perfil do respondente (Apêndice D).

A estrutura do roteiro foi dividida em 03 blocos sendo:

- Bloco 1: perfil do respondente e perguntas sobre a relação com bairro, a Praça da Nascente e o seu entorno;
- Bloco 2: perguntas sobre as transformações percebidas no território e perguntas sobre as motivações e os fatores para participação;
- Bloco 3: perguntas sobre os desejos para o futuro da Praça da Nascente, e suas oportunidades e desafios para que eles realizem.

Devido ao período da pandemia do vírus COVID-19, as entrevistas foram realizadas via plataforma remota, chamada Google Meet, e com o consentimento dos entrevistados, elas foram gravadas para auxiliar nas transcrições e análises.

Inicialmente, foram previstas 07 entrevistas divididas em 03 perfis: indivíduos participantes de iniciativas atuantes na praça e / ou moradores do entorno (roteiro de iniciativa); indivíduos que tiveram a Praça da Nascente como objeto de estudo ao longo de sua pesquisa de mestrado ou doutorado (roteiro de pesquisador); e indivíduos que trabalham nos comércios no entorno da praça (roteiro comércio). Mas com o decorrer das primeiras entrevistas, foi percebido que na verdade tratava-se de uma rede de várias iniciativas, que se apoiavam mutuamente. Desta forma, por indicações dos próprios entrevistados, outras pessoas foram sendo identificadas e inseridas nas entrevistas - algo similar a técnica chamada de “Bola de Neve”, onde o próprio entrevistado indica possíveis informantes para serem os próximos entrevistados e assim sucessivamente. Ao utilizar esta técnica foi possível mapear 47 indivíduos envolvidos nestes movimentos de uso e conservação de espaços públicos.

Ao todo foram realizadas 16 entrevistas com participação de 13 representantes de iniciativas com atuação direta e indiretamente na PN, 02 representantes de comércios locais e 01 pesquisador atuante na fase de desenvolvimento do novo projeto arquitetônico para a obra de revitalização da PN. Cada entrevista durou em média 55 minutos, tendo sido realizadas em diferentes dias da semana com predomínio do período da tarde. Foram totalizadas 14 horas, 44 minutos e 12 segundos de entrevistas gravadas, tendo a primeira iniciada no dia 21/06/2021 e a última no dia 30/07/2021 (Apêndice G). Apenas um entrevistado teve problema com a tecnologia e foi preciso realizar de forma presencial.

Os nomes dos entrevistados foram preservados e substituídos por siglas, sendo estas compostas por uma letra e um número, os quais significam Entrevistado (E) + número sequencial de acordo com a ordem em que foram realizadas, roteiro seguido e iniciativas em que atuam (Quadro 3).

Quadro 3 – Descrição dos entrevistados de acordo com o perfil de roteiro utilizado e nomes das iniciativas, instituições ou comércios representantes.

Sigla	Roteiro	Nomes das iniciativas, instituições ou comércios
E1	Iniciativa	Coletivo Ocupe & Abrace e Comitê de Usuários da Praça Homero Silva
E2	Iniciativa	Coletivos das Vilas Beatriz, Ida e Jataí e SOS Mata Atlântica
E3	Iniciativa	Horta das Corujas
E4	Pesquisador	FAUUSP
E5	Iniciativa	Rios e Ruas

E6	Iniciativa	Movimento Boa Praça
E7	Iniciativa	Nossa Senhora da Composteira e Comitê Usuário Praça da Nascente
E8	Iniciativa	Cerrado Infinito e Comitê de Usuários da Praça Homero Silva
E9	Iniciativa	Coletivo Ocupe & Abrace, SOS Mata Atlântica e Comitê de Usuários da Praça Homero Silva
E10	Iniciativa	SOS Abelhas Sem Ferrão
E11	Iniciativa	Ecobairro
E12	Iniciativa	Coletivo Ocupe & Abrace, Jardim Agroecológico e Permacultores Urbanos
E13	Iniciativa	Bloco da Água Preta, (se)cura humana, Travessa Roque Adóglio e ex-coletivo Ocupe & Abrace
E14	Iniciativa	Ex-coletivo Ocupe & Abrace e Existe Água em São Paulo
E15	Comércio	Boteco SP
E16	Comércio	Mercado Ouro Claro

Fonte: Elaborada pela autora, 2021.

Por fim, esta fase de entrevistas resultou em 193 páginas de transcrição, que apoiaram a análise dos resultados.

7. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise dos resultados será trazida com os resultados das entrevistas, ou seja, a triangulação entre resultados das entrevistas, registros de observação e literatura será considerada no decorrer deste capítulo.

Resumo dos resultados das entrevistas (Quadros resumos - Apêndices H e I):

O perfil dos atuantes nas ações coletivas e individuais presentes na PN é composto por sua maioria graduados ou com pós-graduação, com diferentes profissões, as quais permitem flexibilidade de horário de trabalho, alguns moram no entorno da praça e a frequenta com constância.

A grande maioria considera a praça importante por ser um lugar de encontro ao ar livre, convívio social e por sua riqueza hídrica. Já as motivações observadas para apoiar e/ou participar das iniciativas na PN foram diversas sendo as mais frequentes a indignação e o incômodo com o modo de vida na cidade, convívio social com os vizinhos do bairro, relação afetiva com o meio e o Córrego Água Preta, o trabalho coletivo e preservação e manutenção do espaço público. Por fim, as

principais causas de luta dos respondentes são: uso e ocupação do espaço público, preservação das águas urbanas e luta pelos nossos direitos.

As transformações no território destacadas foram o aumento da ocupação na praça, principalmente após as intervenções de infraestrutura, culturais, artísticas e educativas, que permitiram melhorar o sentimento de segurança no local. Tal melhoria também foi prevista por Jacobs (2011) e Gehl (2015). Porém, com a chegada da pandemia do vírus COVID-19, fez-se em um primeiro momento reduzir a frequência dos moradores do entorno e, consequentemente, reduzir as ações coletivas como uma medida de segurança sanitária.

O maior desejo relatado para o futuro da praça, além de oportunidades e desafios para que eles aconteçam, é que a praça continue sendo preservada, ocupada, segura e bem cuidada, que veem como oportunidade de isso ocorrer por meio das relações humanas com mobilização e engajamento de mais indivíduos contribuindo, como também investimentos em educação e sensibilização da comunidade. Por outro lado, há dificuldades previstas devido à ausência de envolvimento do setor público, aos conflitos de interesses do setor privado devido a elevada especulação imobiliária na região e mobilização de novas pessoas. Ou seja, as relações humanas podem ser tanto oportunidades quanto dificuldades neste caso.

Resumo das visitas de campo: observações participantes e registros fotográficos (*in loco* e remoto):

Durante o período das visitas de campo, foi observado a predominância de indivíduos isolados com seus cachorros ou pequenos grupos de familiares e amigos de até três pessoas praticando diferentes atividades. Apenas foi observada uma ação de manutenção do CI composto por 02 voluntários. Não foram observadas aglomerações. Também foi observada a maior permanência no espaço da PN durante o final de semana e em momentos de sol. O uso de máscaras não era predominante.

Também foram observadas diversas intervenções artísticas como: busto de madeira utilizando uma máscara, poema de Platão - “O começo é a metade do todo.” - escrito em uma folha sulfite colada no muro, cartazes escritos “Passa Um Rio Aqui.” e “Transbord-Ar” com a imagem de um rio abundante colados na mureta onde passam as nascentes canalizadas do Córrego Água Preta (Figura 31), e, por fim, o cultivo de plantas nativas do Cerrado.

Figura 31 – Registros fotográficos de intervenções artísticas observadas durante as visitas de campo na Praça da Nascente. (a) Busto de madeira com máscara; (b) “Transbor Ar”.

(a) (b)

Fonte: Acervo da autora, 2021.

Por outro lado, foram realizados registros sobre a conservação e manutenção do espaço da praça. Nas primeiras visitas, ainda no começo da pandemia, foram observadas as coletoras de lixo transbordando (Figura 32c), aparentando falta de cuidado por parte dos usuários ou mesmo da empresa responsável pela coleta de lixo. Além de outros pontos viciados de descarte inadequado de resíduos, em sua predominância de plásticos, mas também foram observadas no chão máscaras cirúrgicas perto dos brinquedos (Figura 32a), muitas bitucas de cigarro na região da arquibancada e das mesas de xadrez, embalagens de preservativos no caminho subindo a escadaria da Rua Salto Grande e resíduos orgânicos em pratos cerâmicos característicos de oferendas religiosas nas proximidades do lago e da escadaria do CI. Outro ponto observado foram manchas negras presentes como resquícios de fogueiras em mais de um lugar da praça (Figura 32b) e pichações em amarelo e laranja (Figura 32c) nos diferentes equipamentos públicos como coletoras de lixo, postes de iluminação e placas na estação de exercícios para a terceira idade. Por fim, nas estações mais chuvosas foram percebidas o rápido crescimento da vegetação e falta de poda na velocidade necessária.

Figura 32 – Registros fotográficos sobre a manutenção observadas durante as visitas de campo na Praça da Nascente. (a) máscara descartável no chão; (b) vestígios de fogo; (c) pichações.

(a) (b) (c)

Fonte: Acervo da autora, 2021.

Por fim, foram observados um aquecimento imobiliário na região durante a pandemia. A predominância das construções já existentes no entorno da praça é de casas de pequeno e médio porte, similares ao estilo de vila, mas já foram observados imóveis com placas de demolidoras e incorporadoras anunciando novos empreendimentos ou novas construções já iniciadas ou acabadas no entorno da praça - partindo da Rua André Casado, subindo as travessas da Avenida Pompeia até a estação metrô-terminal Vila Madalena. Neste percurso foi possível perceber e contar 10 prédios sendo construídos ao mesmo tempo e ao menos 07 construtoras diferentes que empreendem na região.

Foram realizadas conversas informais com usuários presentes na praça, moradores e comerciantes do entorno para entender melhor como era a praça antes e como está sendo durante a pandemia. A partir destas conversas, também foi possível identificar alguns atores e iniciativas importantes para a praça.

Em paralelo, iniciou-se observação virtual das redes sociais das diversas iniciativas identificadas, acompanhamento de eventos *on-line*, publicações e conteúdos desenvolvidos por uma rede de atores, sendo evidente a continuidade das ações, mesmo que não presencialmente.

Um exemplo de evento *on-line* importante neste período, foi desenvolvido pelo coletivo O&A, em parceria com outras iniciativas como Rios e Ruas, Movimento Boa Praça, Cerrado Infinito, Programa “Observando os Rios” da SOS Mata Atlântica e a diretora de filme Gabriela Nassar, que estrearam um curta metragem chamado “A Nascente Mora Aqui” (NASSAR, 2020), em julho/2020, como forma de dialogar sobre a preservação de espaços públicos / áreas verdes e a sua importância no contexto da pandemia. Neste mesmo dia foi realizado um painel de debate virtual com

especialistas. Por fim, outro movimento em destaque, foi a criação de uma página no Instagram chamada “Comitê da Nascente" como forma de comunicar sobre as atividades do Comitê de Usuários da Praça Homero Silva.

Portanto, a pandemia COVID-19 foi um período atípico e demandou adaptação, resiliência e solidariedade de todos. Os espaços públicos verdes, mesmo distribuídos de forma desigual na capital paulista, foram ansiosamente desejados por todos. As ações presenciais das iniciativas coletivas podem ter sido prejudicadas em um primeiro momento, mas foi possível fortalecer as redes e desenvolver novos aprendizados de articulação e comunicação de forma virtual. Aos poucos, e com os cuidados necessários, ações de cuidado com o espaço foram retornando.

7.1. RESULTADOS, ANÁLISES E DISCUSSÕES DAS ENTREVISTAS

A seguir serão descritas as entrevistas de acordo com a pergunta de cada bloco e suas respectivas respostas e análises (Roteiro - Apêndice D):

7.1.1. Bloco 01 - Relação com o bairro, a Praça da Nascente e seu entorno.

7.1.1.1. Perfil dos entrevistados

Foram entrevistados 10 homens e 06 mulheres, na sua grande maioria graduados (10) ou com pós-graduação (04). Quase todos relatam possuir flexibilidade de horário de trabalho e/ou trabalho remoto. Apenas os entrevistados do comércio possuem horário fixo de trabalho – um deles utiliza a praça para descanso nos horários de almoço e o outro, nunca foi à praça; "Eu nunca fui, mas eu estou aqui em frente, eu observo de longe, eu vejo há 7 anos." (E15).

Dentre as áreas de formação citadas destacam-se: Arquitetura (04); Geografia (02); Administração (02), Artes (02), Comércio Exterior, Farmácia e Comunicação.

Alguns moram no entorno da praça e a frequentam com certa constância (embora a pandemia tenha interrompido estas visitas); outros moraram no entorno, mas mudaram para bairros mais distantes ou mesmo para outros municípios do interior, e já não frequentam a praça como anteriormente (dentro do contexto de pré e pós pandemia).

Também se observou que em sua maioria aparentam ter faixa etária acima de 40 anos, sendo meia-idade de 40 a 59 anos e terceira idade acima de 60 anos de

acordo com a Política Nacional do Idoso (PNI, 1994) alinhada com OMS; muitos casados ou em união estável, com filhos acima de 5 anos e com animais de estimação como cachorros. A definição exata da faixa etária não foi possível, pois alguns não declararam sua idade durante a pergunta inicial na entrevista. Já no estudo de Hori (2018) foi relatado mais participação de jovens, que são aqueles com 15 a 29 anos de acordo com o Estatuto da Juventude (2013).

Houve o predomínio do gênero masculino entre os entrevistados totais, porém mais equilibrado perante a amostra dos entrevistados de representantes de iniciativas. Já nas entrevistas dos coletivos urbanos de São Paulo estudados por Giaretta (2018, p. 138) foi relatado predominância de participação de “mulheres, adultas, casadas, com formação acadêmica em universidade pública, em cursos de Jornalismo/Publicidade, Arquitetura e Urbanismo, Administração de Empresas, Gestão Ambiental e Medicina com renda familiar entre cinco e dez salários e sem filhos”. Sendo grupos compostos por membros com atuação em diferentes áreas de formação como previsto por Federizzi (2014).

Em Federizzi (2014, p.59), os participantes já atuavam em outras ações do bairro como hortas comunitárias ou em ações de conscientização e resgate do Córrego Água Preta. Por isso, afirma que “Há dois pontos em comum visíveis entre os participantes: se relacionam com interesse pela revitalização cultural e/ou ambiental da praça e do bairro.”

Outro ponto foi que 10 relataram não atuarem diretamente com a área ambiental, sem vínculos profissionais e acadêmicos, antes de participar das iniciativas de revitalização e intervenção na praça. Ou seja, consideraram também um despertar e maior percepção ambiental do cotidiano frente às crises climáticas, hídricas e pandêmicas. Dentre estes, 04 relataram migrar de atuação profissional, após esta experiência voluntária, para práticas remuneradas mais voltadas à área ambiental, sendo relacionadas com as temáticas das águas urbanas, áreas verdes, compostagem, jardinagem agroecológica, sustentabilidade, regeneração e educação ambiental. Outras 02 mostraram interesse em cursar mestrado na área vinculada para desenvolver mais conhecimentos acadêmicos e 01 relatou iniciar estudos acadêmicos em um grupo universitário.

Portanto, percebeu-se maior sensibilidade às questões ambientais, mudanças de valores pessoais, propósito de vida e visão de mundo. Além de que com o aprendizado adquirido com as práticas voluntárias na praça foi possível realizar uma

transição individual de carreira profissional e ser remunerado a partir dos novos conhecimentos como consultores e educadores ambientais.

Algo trazido no relato de E14: "(...) e então a partir dali da praça, eu percebi, que eu ganhei experiência para atuar na periferia".

Tendo em vista que a PN, encontra-se em um bairro com perfil de moradores de classe média-alta, há semelhança com o perfil de participantes de coletivos paulistanos entrevistados pelo estudo de Giaretta (2018, p.141), que afirmou:

> No caso de São Paulo, o que se verifica é que, ao possuírem renda elevada, esses indivíduos parecem possuir mais facilidades para dedicação e tempo disponível para a atuação junto a estes coletivos, com maior tempo livre para as ações, já que na maior parte das vezes, suas fontes de renda vêm de trabalhos autônomos ou gerenciados por eles próprios, ou vinculados ao próprio coletivo, como associações e instituições parceiras na promoção de projetos, o que parece se mostrar como características facilitadoras à participação nos movimentos estudados nesta cidade.

Este fator deve-se por muitos dos entrevistados terem declarado trabalho autônomo, o que permite maior flexibilidade de horário e disponibilidade de tempo para participação nas atividades das iniciativas coletivas. Já Hori (2018), afirma que normalmente os indivíduos de classes menos favorecidas não possuem tempo disponível para participar de ações coletivas como a proposta, pois trabalham sem flexibilidade de horário e estão preocupados em sobreviver ao sistema. Algo percebido e relatado pelos entrevistados que trabalham nos estabelecimentos comerciais do entorno da praça, os quais relataram justamente não ter tempo para participar ou mesmo desfrutar da praça como gostariam.

Ao longo da fase de entrevistas foram contactados outros 05 proprietários/trabalhadores de estabelecimentos comerciais do entorno da praça com objetivo de convidar para participarem da pesquisa, porém a maioria destes não aceitaram o convite de participação da autora pela falta de tempo disponível durante o horário comercial, ou aceitaram e não compareceram à entrevista pré-agendada.

Outro ponto predominante é a elevada formação acadêmica entre os participantes (GIARETTA, 2018). Tal condição financeira também pode estar relacionada com a maior qualidade escolar dos entrevistados. Quatro participantes relataram ter experiências internacionais: com oportunidade de estudar a pós-graduação fora (01), ter nascido no exterior (01), ter morado fora por um período na juventude (01) e realizado viagens internacionais a trabalho (01). De acordo com Hori (2018, p.43), que diz:

> A partir dos anos 2000, começou a haver uma inversão na dinâmica de uso dos espaços públicos por parte das classes mais abastadas na cidade de São Paulo. A cidade de muros passou a ser negada por alguns grupos sociais, enquanto espaços abertos, de lazer e convivência, passaram a ser reivindicados por parte das classes mais altas, principalmente pelos jovens que viveram suas infâncias dentro de espaços fechados, controlados e excludentes. Muitos deles puderam conhecer experiências e vivenciar o espaço público em outras cidades do mundo, dando-lhes a consciência de que a cidade de São Paulo é carente de espaços públicos de qualidade, adequados ao uso democrático de todo cidadão.

Entre os moradores do entorno, relataram estar pelo menos há 10 anos morando no local (02) ou mesmo nasceram no bairro (Pompeia e Vilas vizinhas – Vila Madalena, Vila Beatriz, Vila Anglo Brasileiro e Sumarezinho) e desde então permanecem com relações afetivas com o local (04). Outros relataram ter nascido em outras cidades brasileiras, interior de São Paulo (02) e Rio de Janeiro (02), e devido às oportunidades, de estudo e de trabalho, que a cidade de São Paulo proporcionava, mudaram para a capital optando por morar na Zona Oeste pela facilidade de acesso via transporte público (metrô-terminal de ônibus Vila Madalena) e pelas principais avenidas que ligam a cidade. Por outro lado, um relatou ter mudado para um bairro mais acessível financeiramente, pois os custos, como o aluguel, na região elevaram-se muito nos últimos anos e viu-se obrigado a mudar, e um outro optou-se por morar em um bairro mais distante do centro para morar em uma casa com quintal com espaço para plantar e ser mais próximo da natureza / áreas verdes mesmo antes do período da pandêmico. Já outra, durante a pandemia, preferiu ir para a sua outra casa no interior do estado realizar o isolamento social com mais espaço e tranquilidade, tendo em vista, que mora em um apartamento na capital.

A partir destes relatos foi possível concluir um processo de encarecimento do custo de vida devido ao aquecimento da especulação imobiliária no bairro, que consequentemente fez ao menos 02 dos entrevistados repensar onde morar e até mesmo seu estilo de vida e valores predominantes para obtenção de uma melhor qualidade de vida / bem-estar com menor custo. Nota-se que os 02 trabalhadores dos estabelecimentos comerciais entrevistados também não moram no entorno, sendo apenas um bairro de uso durante o horário de trabalho.

Este processo de expulsão e deslocamento do morador antigo do bairro e chegada de novos moradores com maior *status* econômico que o anterior é uma consequência também da especulação imobiliária. Isto é, tal processo é conhecido no Brasil como gentrificação, que teve sua origem da palavra inglesa "*gentrification*", a

qual ficou bastante conhecida por meio de trabalhos acadêmicos a partir da obra "*London: aspects of change*" (1964) da socióloga britânica Ruth Glass (BRAGA, 2016). Já o termo "*placemaking*" pode ser outro tipo de consequência da valorização local, mas não tendo a especulação imobiliária como origem da causa da expulsão dos antigos moradores e, sim, a partir da melhoria de um espaço público por meio de consentimento comunitário (WRI Brasil, 2016). Este último termo ficou mais conhecido a partir de Jacobs (2011) e Gehl (2015) com objetivo de desenvolver cidades para as pessoas.

De acordo com Hori (2018), isso já vem sendo observado como técnica de vendas e *marketing* para valorização dos novos empreendimentos do entorno da PN, tendo esta última como atração de lazer e de área verde. Além desta última ser transformada conceitualmente como um "produto de *marketing* ecoanalgésico com objetivo de atender uma demanda de mercado como qualquer outra" (CABALLERO, 2016, p.44). Ainda de acordo com a mesma autora: "Neste sentido, a atuação dos coletivos acaba incentivando um processo de gentrificação, ainda que seja de forma involuntária." (HORI, 2018, p. 48).

Tal processo também pode ser observado em outros espaços públicos em São Paulo, como foi o caso da implementação do Parque Augusta, que foi uma grande conquista coletiva por meio da luta de vários movimentos sociais como o Organismo Parque Augusta (OPA), que por anos batalhou para a preservação da vegetação nativa da Mata Atlântica e história presente em terrenos de construtoras, que almejavam desenvolver novos empreendimentos no Baixo Augusta, região central do município.

Outro exemplo mais recente de luta coletiva é no bairro do Bixiga, o qual está com um processo contra uma construtora para impedir a construção de um novo empreendimento ao lado do Teatro Oficina (prédio tombado pelo valor histórico e cultural) e por onde passa o Rio Bixiga, que almejam implementar o Parque do Bixiga aberto a toda população. Além desta luta, o bairro em si está passando por obras da linha laranja do metrô - algo semelhante ao ocorrido na Avenida Pompeia, as quais incentivaram o interesse de incorporadoras e novos empreendimentos começaram a surgir em regiões da Grota do Bixiga e das nascentes dos Rios Saracura e Bixiga. Por isso, diferentes iniciativas do bairro e do município estão unindo forças para proteger as águas urbanas e a supressão de áreas verdes locais contra a especulação e gentrificação.

Um outro exemplo em contexto diferente, mas que pode vir a ocorrer um processo semelhante é a região do Minhocão, via expressa de automóveis que corta o centro do município, que está sendo fechada para ser um espaço de lazer aos pedestres nos finais de semana e percebeu-se um movimento de interesse do mercado imobiliário para a região (WRI Brasil, 2016). Já um exemplo internacional famoso, ocorreu na antiga linha férrea chamada *High Line* em Nova York (EUA), onde houve uma grande revitalização do espaço e foi transformada em um espaço público caminhável, tendo seu entorno valorizado pelas atrações que surgiram com esta melhoria local, que causou um processo de gentrificação e *placemaking* como consequência.

Neste contexto, é importante lembrar que o bairro Pompeia tem a sua origem de ocupação humilde com vilas de casas de operários industriais e imigrantes europeus em sua maioria italianos - classe social mais excluída e periférica desde as primeiras décadas dos anos 1900, os quais foram incentivadas pelas importantes indústrias que se instalaram na região, próximas das linhas férreas - São Paulo Railway (1867) e Sorocabana (1875) - na várzea do Rio Tietê (BONZI, 2015). O mesmo autor afirma (BONZI, 2015, p.52): “O operariado importado era alojado em vilas que pertenciam às indústrias. Muitas das edificações se destacavam na paisagem por serem feitas de modo padronizado e terem aspectos bem diferentes do que se via por aqui, afinal eram erguidas por mestres de obra italianos.”. Porém, estes operários não vivem mais na região e pouco restou das vilas industriais, tendo predomínio mais recente de edificações de médio e alto padrão.

Figura 33 – Casas de vila e geminadas no entorno da Praça da Nascente com anúncios de venda e aluguel. (a) casa com anúncio de venda; (b) casa germinada com anúncio de aluguel; (c) kitnets com anúncio de aluguel.

(a) (b) (c)

Fonte: Acervo da autora, 2021-2022.

Jacobs (2011) em seu livro “Morte e Vida de Grandes Cidades”, explica o processo de morte de um bairro residencial, pois muitas vezes torna-se um problema por não ter atividades diversas para o uso e ocupação do espaço em diferentes horários do dia ao longo da semana. Então, “(...) Ao mesmo tempo, embora o monopólio lhe garanta o sucesso financeiro previsto, socialmente ele não atende à cidade.” (2011, p.77).

Também deve-se considerar que, durante a pandemia, houve uma migração da classe média para o interior com objetivo de passar temporariamente o período de isolamento social em casas com mais espaço, tendo em vista a flexibilização do trabalho em *home office*. Porém, algo que era temporário passou a ser fixo, pois perceberam neste processo de mudança de cidade mais qualidade de vida e segurança para a família, que resultou em um aquecimento no mercado de compra e venda de casas no interior paulista – em cidades com distância de até 100 km da capital (Secovi-SP).

Entre aqueles que relataram frequentar a praça, antes e depois da pandemia, os motivos principais foram: extensão da sua casa ao ar livre como um quintal (02), descanso (01), passear com o cachorro (03), brincar com os filhos (02), observar o lago, plantas e a vida presente (03), ser um espaço com distância caminhável da sua casa (02), pedalar em seu entorno (01), um local de passagem (02) e pelos eventos/festas/atividades realizadas (03). Observou-se que o espaço da praça atuou como um local de encontro durante a pandemia (pós-pico de isolamento social), devido ao sentimento de segurança de estar ao ar livre para encontrar amigos, grupo dos donos de cachorro, tomar sol e levar as crianças para brincar. Algo também observado durante a visita de campo durante o período da pandemia.

Novamente Jacobs (2011, p.104), afirma que: “(...) os próprios parques de bairro é que são direta e drasticamente afetados pela maneira como a vizinhança neles interfere.”. Por isso, descreve a importância da variedade de usos que os edifícios propiciam no entorno do local, que promovem uma variedade de usuários que nele entram e dele saem em diferentes horários. Por isso, a autora compara as praças com as calçadas vivas por terem usos contínuos devido a diversidade física funcional de usos adjacentes e pela consequente diversidade de usuários e horários.

Em sua obra compara a *Rittenhouse Square* e *Washington Square*, localizadas em Filadélfia (EUA), a qual a primeira tem diversidade de seus usuários e seus horários tornando-a viva durante todo o dia, já a segunda encontra-se em uma região de baixa densidade de moradias e seus usuários, predominantemente, funcionários de escritórios usarem a praça sempre nos mesmos horários – no almoço. Isto faz a segunda ser um espaço vazio a maior parte do dia e da noite, que faz destes vazios urbanos tornar-se atração para os frequentadores indesejados. Conclui que é importante e necessária uma mistura funcional ampla de frequentadores para povoar e dar vida a um parque de bairro o dia inteiro (JACOBS, 2011).

7.1.1.2. Importância da Praça da Nascente para os entrevistados

Os fatores de importância da Praça da Nascente (PN) mais citados pelos respondentes foram: a PN como um lugar de encontro e convívio social (06), e a sua riqueza hídrica e preservação das nascentes (06). Em seguida, relataram a importância por ser um espaço de lazer, prazeroso de estar e brincar (05), preservação da área verde do bairro (03), espaço livre e extensão da sua casa como um quintal (02), lugar de contemplação da natureza (02), preservação da biodiversidade local (02), preservação dos morros que são topografias típicas do Cerrado (02), ambiente que auxilia na saúde - física e mental - e qualidade de vida para quem vive na cidade (02), inspiração e referência para outras iniciativas e movimentos do bairro/cidade (02), preservação da vegetação nativa do Cerrado (01), visão privilegiada da cidade (01) e relação afetiva com a praça devido a experiências vividas nela ao longo de sua vida (01).

Segundo o entrevistado E12:

> Eu acho que a importância da PN é servir de inspiração, para que outras iniciativas e movimentos como esse, que acontece na praça, sejam difundidos, espalhados pela cidade. (...) A gente tem um monte de oportunidades, para que isso aconteça e eu, no meu ponto de vista, eu vejo as nascentes urbanas como uma dessas grandes oportunidades, porque quando a gente tem água, a gente tem todas as possibilidades de regeneração. São Paulo tem milhares de nascentes, e muitas delas numa condição muito legal de a gente trabalhar, como o que foi feito na Praça da Nascente.

Já para E13:

> (...) um lugar prazeroso mesmo de estar e, claro, em relação ao bairro né. Esse lugar também é um lugar de encontro, né? (...) Primeiro é essa ideia de um espaço da cidade, que seja um espaço prazeroso de estar, né? Então quero dizer, ter um espaço assim na cidade, me parece fundamental para a saúde mental (...) e ela é uma praça curiosa, com vários níveis e patamares.

> (...) A praça virou uma referência de acontecimentos do bairro. É isso que aconteceu né. A praça sendo cuidada e sendo um lugar agradável, ela virou uma referência.

Em sinergia com os relatos dos entrevistados, durante as visitas de campo, foi possível observar a diversidade de uso e ocupação no entorno da PN. Observou-se que há perfil de usuários com seus horários diferentes como: nos extremos do dia foi percebido muitos usuários caminhando com cachorros, praticando exercício físico, mães ou babás passeando com as crianças no parquinho de entrada da Rua André Casado e no outro do platô superior da Rua Salto Grande; já no período próximo e durante horário do almoço (11h-15h) notou-se vários usuários usando as mesas de xadrez para almoçar, bancos nas sombras das árvores ocupados para descansar, entregadores de aplicativos descansando na região da arquibancada e estacionados no entorno da praça (próximo ao ponto de táxi); no final da tarde a arquibancada torna-se um lugar de encontro de pequenos grupos e contemplação da paisagem, e muitos ao longo do dia usam o platô da Rua Salto Grande como passagem para terem acesso à Av. Pompeia. Além de ser uma localização de zona mista, sendo residencial e comercial, que permite uma diversidade maior de frequentadores predominantemente durante o horário comercial (9h-18h). Porém, no período noturno percebeu-se pouco movimento e falta de iluminação relatada, também fez a autora não permanecer no espaço pela ausência de sentimento de segurança pública.

Os elementos trazidos da literatura que se seguem indicam características e atributos presentes na PN que têm estreita relação à importância da PN relatada pelos respondentes. O espaço da PN parece agregar elementos para toda uma diversidade de interesses.

Para Jacobs (2011), parques muito usados como áreas públicas genéricas costumam incluir quatro elementos em seu projeto como: complexidade, centralidade, insolação e delimitação espacial. Sendo a primeira, complexa pelos diferentes motivos que fazem os usuários frequentar, suas diferenças sutis da paisagem como mudança de nível no piso e pelas diferenças de usos. Este elemento está presente na PN, tendo em vista, que foram observados quatro níveis diferentes com platôs e escadas (FEDERIZZI, 2014), topografia bastante diferenciada com pequenos vales da Av. Pompeia e nascentes do Córrego Água Preta (BONZI, 2015).

Figura 34 – Praça da Nascente com linha pontilhada em amarelo para indicar os diferentes níveis presentes no espaço.

Fonte: Adaptado pela autora de Federizzi (2014, p.58).

De acordo com Federizzi, a PN possui quadro níveis (Figura 34), sendo o primeiro um nível acima da calçada, entradas da Rua André Casado e Rua Praça Homero Silva, contendo 01 parquinho infantil de madeira (balanço, gangorra e escorregador), 02 lagos abastecidos pelas nascentes do Córrego Água Preta, 04 mesas de xadrez e 03 bancos de cimento. Para ter acesso ao nível 02, há uma escadaria em frente à primeira entrada da direita na Rua André Casado e uma outra escadaria após os lagos, que permite acessar a Rua Salto Grande. Neste segundo nível há a estação de exercício da terceira idade, 04 mesas de xadrez, outro parquinho infantil (trepa-trepa de ferro, gangorra, escorregador e casinha ponte de madeira) e 02 nascentes mais afloradas formando pequenos lagos. Também é neste nível que há outra escadaria para dar acesso ao nível 03 e durante a semana observou-se um fluxo grande como passagem de pedestres entre a Rua Salto Grande até Rua André Casado dando acesso à Av. Pompeia. Porém, em 2015, deu-se início a Intervenção Artística chamada Cerrado Infinito, que possui uma trilha de terra rodeada de vegetação do Cerrado até uma grande pedra do nível 03. Por isso, pode ser entendida como um nível intermediário, entre o nível 02 e o nível 03 demonstrado por Federizzi (2014). Já no nível 03, há um círculo cimentado ao chão para possivelmente fazer fogueira, árvores frutíferas e gramado até a parte acimentada da arquibancada. Por fim, o nível 04 que se encontra o topo da arquibancada com chão de pedra formando

um acesso até a continuação da Rua Salto Grande – ao lado da Praça Nossa Senhora do Carmo.

O segundo elemento é a centralidade tendo pelo menos um ponto de parada e cruzamento principal, onde os usuários podem usar de palco ou arena. Neste caso na PN, a arquibancada pode ser um exemplo de ponto de parada para encontrar amigos, conversar e contemplar a paisagem em pequenos grupos (Figura 35a), e o cruzamento no platô do nível 02, que várias vezes foram observados grupos de usuários interagindo seja para tocar algum instrumento em roda (Figura 35b), encontrar vizinhos com seus cachorros ou se sentar nas mesas de xadrez para conversar e descansar.

Figura 35 – Representação dos pontos de centralidade da Praça da Nascente como pontos de encontro observados. (a) arquibancada; (b) platô nível 02, próximo da escadaria do Cerrado Infinito.

(a)

(b)

Fonte: Acervo da autora, 2021.

O terceiro elemento é a importância da luz solar como parte do cenário para as pessoas, neste caso, Jacobs (2011, p.115) dá como exemplo “Um edifício alto que corte a passagem da luz do sol no lado sul de um parque pode comprometê-lo seriamente.”. Foi possível observar durante as visitas de campo, que a luz solar está presente em diferentes espaços da praça ao longo do dia (Figura 36). Isto é, acaba sendo um atrativo para os frequentadores contemplarem e permanecerem nestes espaços.

Figura 36 – Representação de espaços com luz solar em diferentes horários do dia na Praça da Nascente. (a) visualização do sol no nível 03 – fim de tarde; (b) sol nível 02 pela manhã; (c) sol nível 01 pela manhã; (d) sol na região do lago pela manhã; (e) reflexo do sol no lago – horário de almoço; (f) sol na arquibancada – horário de almoço.

(a) (b) (c)

(d) (e) (f)

Fonte: Acervo da autora, 2020-2022.

Por último, o elemento da delimitação espacial com um tamanho agradável aos olhos. Porém, neste caso, a PN não atende completamente, pois como possui diferentes níveis não é possível observar toda a sua dimensão espacial de forma que seja agradável aos olhos como observado por Jacobs (2011).

A autora também afirma que os “parques de bairro bem-sucedidos raramente têm a concorrência de outras áreas livres” (JACOBS, 2011, p.111).

Foi possível validar esta informação com a fala de uma das entrevistadas:

E9: “É a maior área verde da Pompeia com 12 mil m^2, depois só o Parque da Água Branca na Barra Funda, mas que não é tão perto.”. Mas contrapõem com alguns outros que moram há alguns quarteirões da PN como: E6 – “A PN eu não frequento tanto, eu frequento assim quando tem algum evento ou quando tem alguma atividade, porque não é uma praça com uma distância caminhável da minha casa e eu tenho outras mais próximas que eu frequento e cuido.".

Para Gehl (2015, p.06), em seu livro “Cidades Para Pessoas”, reforça a importância da função social destes espaços públicos:

> As cidades devem pressionar os urbanistas e os arquitetos a reforçarem as áreas de pedestres como uma política urbana integrada para desenvolver cidades vivas, seguras, sustentáveis e saudáveis. Igualmente urgente é reforçar a função social do espaço da cidade como local de encontro que contribui para os objetivos da sustentabilidade social e para uma sociedade democrática e aberta.

Gehl (2015) descreve doze importantes critérios de qualidade com respeito à paisagem do pedestre para obtenção de espaços dentro de uma cidade ao nível dos olhos. Ele separa em três linhas chaves sendo: a proteção, o conforto e o prazer. Dentro da primeira linha é previsto a proteção contra o tráfego, acidentes, o crime e a violência permitindo garantir uma sensação de segurança aos usuários do espaço, além de proteção contra experiências sensoriais desconfortáveis como o vento, a chuva, frio/calor, poluição, poeira, barulho e ofuscamento. Já na segunda linha as oportunidades para caminhar, permanecer em pé, sentar-se, ver, ouvir, conversar, brincar e praticar atividade física. Por fim, a terceira linha que prevê a escala humana dos espaços projetados, oportunidades de aproveitar os aspectos positivos do clima (sol/sombra, calor/frescor e brisa) e experiências sensoriais como ótimas vistas, árvores, plantas e água. Segundo o autor, se um destes itens em relação à proteção não for atendido, não fará sentido observar as outras qualidades.

Pelas visitas de campo, percebe-se que a PN tem quase todas estas qualidades sugeridas por Gehl (2015), porém por estar em um terreno de vários níveis é de difícil acesso para pessoas com deficiência, pois falta infraestrutura que permita acessibilidade. Uma vez que se predomina escadas e não rampas entre um nível e outro. Também se percebeu uma agradável sensação térmica e frescor dentro do espaço da praça, que se permitiu mesmo em horários de sol pleno refrescar nas sombras de suas diferentes árvores (JACOB, 2011 e GEHL, 2015) e ouvir, predominantemente, o som das águas e das aves presentes em vez do barulho de automóveis na Av. Pompeia. Além da possibilidade de contemplar a natureza do espaço por meio da sua rica biodiversidade local.

Esta última por sua vez, percebidas presencialmente durante as observações de campo na PN. Também foram encontradas outras espécies descritas pelo Projeto de Ciência Cidadã da Praça da Nascente na Plataforma iNaturalist com 38 espécies diferentes de fauna e flora registradas (consulta realizada em 17/04/2022); tal projeto tem suas informações coletadas por cidadãos cientistas voluntários, os quais frequentaram a praça em algum momento e alimentam a plataforma com registros

fotográficos e outros cidadãos voluntários ajudam na identificação e descrição das espécies. Outra iniciativa que colaborou com a identificação de algumas das espécies observadas foi a obra do artista Daniel Caballero, idealizador do Cerrado Infinito, chamada “Guia de Campo dos Campos de Piratininga ou O que sobrou do Cerrado Paulistano ou Como fazer seu próprio Cerrado Infinito”, a qual mapeou e ilustrou 50 espécies vegetais do Cerrado (CABALLERO, 2016).

Algumas espécies identificadas durante a permanência na PN, foram:

- Animais: peixes, sapos, girinos, formigas, borboletas, abelhas sem ferrão, vespas e aves diversas como pica-pau de cabeça amarela, periquitos verdes ou maritacas, pombas e sabiás laranjeiras (não domésticos); gatos e cachorros (domésticos) (Figura 37).

Figura 37 – Registros fotográficos das observações de espécies animais durante a permanência na Praça da Nascente. (a) sapo no lago do nível 01; (b) girinos na nascente do nível 02; (c) borboleta no Cerrado Infinito.

(a) (b) (c)

Fonte: Acervo da autora, 2020-2022.

- Árvores e frutíferas: goiabeira, jabuticabeira, bananeira, pimenteira, amoreira-preta, mamoeiro, acerola, coquinhos do Jerivá e ananás (Figura 38).

Observou-se que há necessidade de um cuidado maior em caso de plantas não nativas, como é o caso do capim invasor chamado de braquiárias e das árvores de fícus presentes na praça, que absorvem bastante água do solo.

Figura 38 – Registros fotográficos de espécies vegetais frutíferas observadas durante a permanência na Praça da Nascente. (a) bananeira; (b) jerivá; (c) frutos do jerivá.

(a) (b) (c)

Fonte: Acervo da autora, 2020-2022.

- Vegetação do Cerrado identificada: capim rabo-de-burro (*Schizachyrium condensatum*), capim barba-de-bode (*Aristida jubata*), caraguatá (*Bromelia balansae Mez*), ananás (*Ananas ananassoides*), lantana (*Lantana camara*), sena empenada (*Chamaecrista desvauxii var. latistipula G.P.Lewis*), branqueja (*Pterocaulon lanatum O. Kuntze)*, língua-de-tucano (*Eryngiumhorridum Malme*), assa-peixe roxo (*Lessingianthus glabratus*) e erva-grossa (*Orthopappus angustifolius*) (Figura 39).

Figura 39 – Registros fotográficos da vegetação do Cerrado observadas durante a permanência na Praça da Nascente. (a) lantana; (b) ananás e (c) sena empenada.

(a) (b) (c)

Fonte: Acervo da autora, 2020-2022.

Há placas na trilha do CI com informações de identificação e cuidados básicos das diferentes espécies presentes com *QR Code* para acessar sua versão no site do projeto (CABALLERO, 2016). Também há uma outra placa explicando a relação das águas de nascentes ali presentes com a vegetação do Cerrado, além de informar sobre a importância da vegetação para a manutenção da captação hídrica unida à geologia do terreno da praça (Figura 40). Segundo Caballero (2016, p.61), o CI é uma

“prática derivada da *Land Art* dos anos 1960, ou como uma prática de arte relacional subversiva, mobilizando pessoas na intenção de criar um território descolonizador dentro da cidade”.

Figura 40 – Registros fotográficos das placas explicativas do Cerrado Infinito observadas durante a permanência na Praça da Nascente. (a) placa “Por que tem água aqui?”; (b) placa “Como o Cerrado ajuda a preservar as nascentes?”; (c) placa sobre as espécies presentes no Cerrado Infinito.

(a)

(b)

(c)

Fonte: Acervo da autora, 2020-2022.

As plantas do Cerrado ajudam no abastecimento de águas devido a sua estrutura robusta, o que faz sinergia estarem localizadas exatamente em um território com várias nascentes. Além das espécies deste bioma, foram identificadas outras plantas típicas de regiões úmidas ou encharcadas como: o lírio do brejo, taioba, samambaia e sombrinha chinesa, que podem ser consideradas bioindicadores da presença de nascentes (Figura 41).

Figura 41 – Registros fotográficos das espécies típicas de regiões úmidas observadas durante a permanência na Praça da Nascente. (a) taiobas e samambaias; (b) sombrinhas chinesas.

(a)

(b)

Fonte: Acervo da autora, 2020-2022.

A riqueza hídrica e da biodiversidade fazem deste ecossistema da praça tão importante para os respondentes.

Em E8: "Então, essa praça, ela é muito importante, porque ela ainda preserva um sistema de recarga de água, que é típico do Cerrado, dos morros. Sumaré são vários morros. Cada um deles são reservatórios de água e um deles é a praça né."; e em E15: "Ela é muito importante, pois ela tem a nascente e o verde, que ela tem lá. Muito verde. Tem verde, árvores, os animaizinhos, os pássaros, que ficam lá também."

Outro, fala de inspiração para outros usuários e iniciativas do município: "Eu acho que a importância da PN é servir de inspiração, para que outras iniciativas e movimentos como esse, que acontece na praça, sejam difundidos, espalhados pela cidade (...)". (E12)

Para Junior e Cesar (2020, p.111):

> O coletivo Ocupe & Abrace estende suas ações para além dos perímetros da praça, aposta na ramificação de suas ideias e práticas para toda a cidade, inspira a criação de outros coletivos pela cidade e conecta-se em rede a eles por meio das **microrrevoluções gentis do cotidiano**, que somadas, podem resultar na grande transformação que desejam para o mundo. (Destaque da autora)

Estas microrrevoluções gentis do cotidiano são necessárias para conseguir por meio de ações coletivas conservar a natureza de forma amorosa, justa e equilibrada. Ou seja, são nestas pequenas revoluções entre moradores do bairro, que é possível transformar o território local e inspirar outras pessoas e iniciativas pela cidade. O próprio nome da iniciativa é sugestivo a este olhar, pois “a palavra “Ocupe” simboliza o desejo pela ocupação do bairro, já “Abrace” pela ação de fazer por meio de valores positivos e amorosos” (FEDERIZZI, 2014, p.58). Este último, sendo um lema mais leve e de “faz fazendo”, que propõe o aprendizado por meio do fazer, prática urbana recorrentemente observada nesta iniciativa e em outras iniciativas. Para Federizzi (2014, p.72), a Praça da Nascente é usada como “uma espécie de laboratório para testar soluções”. Outro termo utilizado é *“Do it yourself”* (D.I.Y.), que simboliza o fato de colocar a “mão na massa” como uma prática urbana comum entre as iniciativas. – Relato: “Vamo fazer juntos? Vamo!” (E04).

Ainda somado ao relato de E12:

> (...) A gente tem um monte de oportunidades, para que isso aconteça e eu, no meu ponto de vista, eu vejo as nascentes urbanas como uma dessas grandes oportunidades, porque quando a gente tem água, a gente tem todas as possibilidades de **regeneração**. São Paulo tem milhares de nascentes, e muitas delas numa condição muito legal de a gente trabalhar, como o que foi feito na Praça da Nascente. (Destaque da autora)

Esta possibilidade de regeneração expressada por E12, faz sinergia com a denominada Década da Restauração de Ecossistemas (2021-2030), que foi lançado a partir da publicação de um relatório desenvolvido pelo Programa das Nações Unidades para o Meio Ambiente (PNUMA) com objetivo de restaurar a natureza para enfrentamento das crises do clima e da biodiversidade, sendo uma forma de prevenir, deter e reverter a degradação dos ecossistemas de todo o mundo, além de atingir os ODS com ações coletivas (UNEP, 2021).

A ação de restauração de ecossistemas pode ser realizada na escala local como no próprio quintal ou em uma praça/parque urbano, que mesmo assim terá resultados positivos com impactos globais (PNUMA, 2021). Também denominada de ações “glocais" (VÉRAN e VANDENBERGHE, 2016) com responsabilidades compartilhadas e universais. De acordo com a Carta da Terra (EARTH CHARTER, 2021), há quatro princípios éticos fundamentais que devem ser respeitados de forma interdependente com objetivo de sobreviver aos desafios futuros em busca de um modo de vida sustentável como critério comum, que são: 1. Respeitar e cuidar da comunidade da vida; 2. Integridade Ecológica; 3. Justiça Social e Econômica; 4. Democracia, não violência e paz. Dentro de cada princípio há compromissos, os quais todos estão em sinergia e chamam para a ação.

A relação humana de contemplação e afetiva com a natureza é denominada de biofilia, tal termo pode ser traduzido como “amor a coisas vivas”, o qual pode contribuir também para o bem-estar e saúde física-mental dos usuários do espaço em contato direto com espaços verdes e vivos.

Esta relação afetiva pode ser observada em um relato: “A praça é tudo para mim. É minha vida!” (E9)

Este papel das áreas verdes frente aos benefícios na saúde humana foi também descrito por Moreira *et al* (2020). Segundo Edward O. Wilson (1984), em sua obra “*Biophilia*”, descreve de forma detalhada a relação do ser humano com as outras espécies. Para ele (1984, p.119), em tradução livre do trecho em inglês:

> O futuro do movimento de conservação depende do tal avanço no raciocínio moral. Seu amadurecimento está ligado àquela da biologia e a um novo campo híbrido, a bioética, que trata com os muitos avanços tecnológicos recentemente possibilitados pela biologia. Filósofos e cientistas estão aplicando uma análise mais formal para problemas tão complexos como a alocação de transplantes de órgãos escassos, esforços heroicos, mas extremamente dispendioso para prolongar a vida e o possível uso da engenharia de genes para alterar a hereditariedade humana. Eles apenas começaram a considerar com o mesmo rigor as relações entre seres humanos e organismos. É claro que a chave para a precisão está na

> **compreensão da motivação**, as razões finais pelas quais as pessoas importam-se com uma coisa, mas não com outra, porque, digamos, que elas preferem uma cidade com um parque a uma cidade sozinha. **O objetivo é unir a emoção com a análise racional da emoção para criar uma conservação ética mais profunda e duradora**. (Destaque da autora)

Portanto, esta relação retoma o pensamento de Caillé (2016), de que é importante haver um modo convivialista de viver como uma forma ideal para a existência comum. Isto é, podendo ser também um elemento essencial para obtenção da conservação ética mais profunda por meio da biofilia apresentada por Wilson (1984), que para ser sustentada é preciso “conhecimento da administração do mundo vivo” (WILSON, 1984, p.140).

7.1.1.3. Motivações para apoiar e/ou participar do coletivo e outras iniciativas na praça

As motivações relatadas para apoiar e/ou participar das iniciativas na PN mais frequentes envolvem a indignação e incômodo com o modo de vida na cidade; a possibilidade de convívio social com os vizinhos do bairro; a relação afetiva com o meio e o Córrego Água Preta; a possibilidade do trabalho coletivo e preservação e manutenção do espaço público, cada uma citada por dois entrevistados.

Observa-se que as motivações são diversas e divergem entre perfil dos participantes da pesquisa, principalmente para aqueles respondentes atuantes em iniciativas, sendo que alguns a motivação inicial foi mais como um chamado interno devido ao sentimento de incômodo e indignação, relação afetiva com o espaço, a vontade de ter um convívio social com seus vizinhos e relações mais humanas com os outros participantes da iniciativa. Outros, indicam motivações particulares, como interesse com as abelhas nativas, preservação das águas urbanas ou mesmo cura pessoal, regeneração e prazer. Já a motivação para o perfil do pesquisador era desenvolver a sua pesquisa de doutorado e apoiar na transformação do território por meio dos conhecimentos arquitetônicos, planejamento e resiliência urbana. Por fim, a motivação do perfil de comerciantes não existe, pois eles relataram não ter tempo disponível para atuarem em atividades na praça.

Um relato de motivação que chamou atenção foi de E5, que diz sobre o papel de atuar como Governo Permanente do espaço público, que esta atitude também entende que é papel do cidadão:

> (...) um olhar mais cuidadoso, para que a gente possa atuar como **Governo Permanente. Atuar realmente como cidadão. Atuar realmente com uma cidadania plena. Então, não adianta ser só cidadão. Hoje a gente precisa entrar em campo,** porque cada vez mais há uma lacuna da capacidade das instituições, da legislação, da gestão da cidade em atender aquilo que a gente precisa como comunidade. Às vezes, o tempo é diferente né? Então cada um tem que cumprir o seu papel. **Então, às vezes, o Poder Público tá cumprindo uma parte desse papel e a gente tem que cumprir a nossa e a gente tem de entrar em campo pra somar, né?** Um determinado cuidado, numa determinada... num determinado direcionamento. Então eu acho que isso, cada vez mais, a gente tá **recebendo um chamado para ocupar esse lugar** e a gente precisa compreender isso cada um e não é só quem é ativista, só quem tem uma clareza né... que tá conectado com uma causa, um foco de atuação. Mas **a gente precisa parar de terceirizar a vida, né? E ocupar esse espaço como parte da solução**. (Destaque da autora)

Já por outro lado E9, relatou sobre a felicidade como motivação, mas se sente incomodada com alguns comentários como a seguir:

> Olha, eu acho que assim, as pessoas têm uma relação com o espaço público bem estranha, sabe? (...) vários vizinhos falavam que quando eu ia cuidar da praça: "Você é boba. Isso é obrigação do poder público, da Prefeitura. Se eles não fazem, não é obrigação nossa.". E tem pessoas que acham que por ser público, elas podem fazer qualquer coisa, entendeu? Vou chegar lá e posso incomodar quem eu quiser. **Então o que me deixa muito feliz é quando vejo pessoas na praça, sabe? Parece que é, assim, é um lugar que é nosso, que a gente tem que se importar com ele. Então a minha motivação é essa, é ver que tem gente, então quando eu vejo que tem gente, eu fico superfeliz. Eu vejo que tem crianças. Eu vejo que tem cachorro e a gente fica feliz. A minha motivação é essa**. A gente não ganha nada, pelo contrário, a gente tem um trabalho danado. Mas é gozado que assim, quando tá tudo certo, ninguém lembra da gente. Tá tudo bem. **Se der um problema, bate na minha porta para dizer que tá acontecendo tal coisa na praça, você entendeu?** Então, assim, **é uma atividade que tem esses lados positivos e tem muitos problemas. Todo problema que aparece, você acaba sendo avisado para você resolver. "Você que vai resolver, não foi você que foi lá se meter...". "E você não foi lá e disse que ia resolver?".** Então assim me deu **bastante conhecimento da vizinhança**, isso foi para mim muito importante. (Destaque da autora)

Por outro lado, há motivações mais relacionadas com o lado profissional tendo a intervenção artística como uma forma educativa de sensibilização e de ativismo. O E8 respondeu assim:

> Então, assim, a minha motivação é debater essas questões por meio do meu trabalho de arte. E aí o foco e a maneira de eu debater essas coisas se dá por meio de promover essa vegetação originária da cidade. É o Cerrado. São os campos onde a cidade começou, né? E aí, a praça é o lugar perfeito! (...)

Então a indignação e o sentimento de incômodo com a realidade vivida podem ser vistos como uma motivação catalisadora para a ação (CASTELLS, 2017), pois pode ser expressa de diferentes maneiras e tocada individualmente ou coletivamente, seja ajudando na revitalização do espaço público, ou seja, fazendo intervenções para

sensibilizar mais pessoas a refletir sobre o espaço público. Sendo uma forma de reivindicar a representação de seus próprios valores e interesses, já prevista por Castells (2017). Como também uma forma educativa e cultural política para ajudar a compreender a realidade e lutar para transformá-la (GOHN, 2011) ou um grito de socorro e amparo de pessoas oprimidas em tempos de desespero (HARVEY, 2014). Até mesmo sendo a mudança que gostaria de ver no mundo (GHANDI, N.I.).

Outros relatos indicam que sofreram influências externas para vivenciar e experienciar os espaços públicos foi o caso de E10, quando sua filha de 5 anos fez perguntas sobre abelhas sem ferrão e ele não sabia responder de imediato e começou a estudar sobre e se apaixonou pelo tema; já para E2 foi a polícia militar chamando para um mutirão na Praça das Corujas; ser atraída pela existência de temperos asiáticos em uma horta comunitária em E3 e crise hídrica seguida de seca no município de São Paulo (E2 e E3). Por outro lado, também houve relatos de influências internas como incômodos, indignações já pré-existentes, que estavam “guardadas internamente consigo” (E1) e ao frequentar a praça encontrou um grupo de pessoas com o mesmo incômodo dando a partir de então um foco comum e com sentimento de ser ouvida, pertencente ao espaço/grupo como se estivesse dando um “eco” para um chamado interno, que reverberaram no desenvolvimento de novas relações sociais, ações coletivas e criação de laços afetivos com outros moradores do entorno (E2, E3, E4, E5, E7, E9, E12 e E13). Tais relações fortificadas por meio da união de várias pessoas e iniciativas foram previstas por Harvey (2014), Caillé *et al* (2016), Gohn (2017) e Castells (2017).

Portanto, entende-se que as motivações são muito individualizadas tendo influências internas e externas, mas devido às limitações dos dados obtidos não é possível concluir uma motivação de forma mais padronizada. Algo semelhante ocorreu com Giaretta (2018, p.174), a qual relatou também ter limitações em seus dados obtidos em entrevistas com representantes de ações coletivas em São Paulo e em Roma, sendo que na primeira cidade identificou as “motivações mais relacionadas a questões morais, identidade e sentimentos de (in)justiça”. Já em Roma, elas estão mais ligadas à proximidade com o local e ações que possam servir como exemplos para outros cidadãos.

7.1.1.4. Causas de luta para os respondentes

As principais causas de luta dos respondentes de certa forma seguem as motivações e envolvem a importância do uso e ocupação do espaço público livre e aberto e a preservação das águas urbanas, trazidas por seis entrevistados; seguido de luta por direitos ou nenhum especificamente, citados por dois entrevistados. Outras causas incluem manutenção do estilo de vida do bairro; alimentação saudável; mobilidade urbana; estudo do meio ambiente urbano e das relações com as águas e o verde dentro do projeto arquitetônico e urbanístico; relação entre o comunitário e o ambiental; revitalização do espaço público; educação; preservação do espaço público; preservação da área verde; preservação da biodiversidade; sustentabilidade e regeneração urbana; e preservação de povos originários.

Tendo em vista que houve representantes de mais de uma iniciativa atuante na PN, foi possível concluir que mesmo assim a maioria tem como causa de luta o uso e ocupação do espaço público, além da preservação das águas urbanas, que é um tema bastante presente na PN por ter várias nascentes do Córrego Água Preta. Já no perfil dos comerciantes continua nula, pois não atuam nas iniciativas por falta de tempo e, consequentemente, não possuem uma causa de luta definida estando preocupados com a própria sobrevivência do dia a dia.

Neste último perfil, para ocorrer possivelmente uma mudança no modelo vigente, seria necessário a mobilização das classes subalternas, que para Simionatto (2009, p.43) é possível desde que haja “(...) a construção de novos modos de pensar, a elaboração de uma concepção de mundo crítica e coerente, necessária para suplantar o senso comum e tornar as classes subalternas capazes de produzir uma contra-hegemonia”.

Na entrevista de E12, foi sugerida a substituição do termo “causa de luta” para “causa de união”, pois entende que é uma revolução gentil das pessoas:

> As minhas causas de luta? Eu prefiro até falar não de luta, mas de união, sabe? A gente até mudou a conotação dessa palavra, porque o que a gente está fazendo é uma **revolução gentil. É uma revolução que vem das pessoas. Todas as grandes revoluções partem das pessoas e não do poder público, né?** E a gente também está inspirando o poder público, a política pública mostrando o que os cidadãos, o que as pessoas querem da cidade né? **Nós queremos uma cidade generosa, biodiversa, onde a natureza está presente, os nossos rios presentes né?** (Destaque da autora)

O que reforça uma frase famosa de Margaret Mead (N.I., *apud* MEADOWS *et al*, 2007, p.270), que diz: “Jamais negue o poder de um pequeno grupo de indivíduos comprometidos a mudar o mundo. De fato, esta é a única coisa que invariavelmente existe”. Para Meadows *et al* (2007, p.269-270):

> (...) Como em outras grandes revoluções, a revolução sustentável que está por vir também mudará a face da Terra e as fundações das identidades, instituições e culturas humanas. Como nas revoluções anteriores, ela levará séculos para se desenvolver completamente – embora já esteja em andamento. (...) **A revolução da sustentabilidade será orgânica**. Ela surgirá das visões, ideias, experimentos e ações de bilhões de pessoas. A carga de fazer com que ela aconteça não está apenas nos ombros de uma pessoa ou um grupo. Ninguém ganhará o crédito, mas todos poderão contribuir. (...) apenas **os inovadores** – pela percepção da necessidade de novas informações, regras e objetivos, difundindo-os e tentando realizá-los – **podem efetuar as mudanças que transformam os sistemas**. (Destaque da autora)

A partir deste primeiro bloco de perguntas foi possível entender melhor o perfil dos indivíduos atuantes na PN e seu entorno, sua relação com o bairro, importância da PN e as suas motivações e causas de luta. A seguir serão descritos os resultados e análises do Bloco 02.

7.1.2. Bloco 02 - Transformações percebidas no território

Neste bloco buscou-se analisar e entender quais foram as transformações percebidas no território da PN e seu entorno, além de todo o processo envolvido para que elas acontecessem como: quem eram os agentes e quais interesses eram envolvidos, o que foi preciso fazer para ocorrer as intervenções e quais mudanças foram percebidas de fato ao longo do tempo.

7.1.2.1. Transformações observadas no território da Praça da Nascente

A partir das entrevistas infere-se que todos os entrevistados notaram transformações na PN e, consequentemente, em seu entorno. Assim, foram relatados vários exemplos que fortaleceram os tipos de transformações ocorridas, que foram concentrados em 12 núcleos de transformação por ser uma forma mais didática de descrevê-las aqui: ocupação do espaço público (07), intervenções diversas em infraestrutura (06), restauração das nascentes (03), aumento da visibilidade da PN sendo considerada um exemplo para outras praças e iniciativas (03), crescimento da especulação imobiliária (02), novas e crescentes intervenções culturais (02), artísticas (01) e educativas (01), fortalecimento das relações humanas (01), da comunicação

(01) e da segurança local (01), além da melhoria considerável da biodiversidade presente no ecossistema da praça (01).

A primeira transformação foi a ocupação do espaço público, citada por 07 entrevistados, sendo a praça antes era percebida como um espaço perigoso, abandonado e escura de se frequentar a noite. Esta transformação do antes e depois das intervenções pode ser observada por meio dos relatos a seguir:

> Então as transformações foram radicais, porque a praça era um lugar abandonado, perigoso, muito pouco visitado pelos moradores e evitados pelos moradores do entorno (...) em vez de passar pela praça que era o caminho mais curto para chegar em suas casas, eles davam toda a volta pela rua, porque ali era um território de medo e de crime, de violência e mato e lixo. (E12)

> Então ela era um lugar um pouco perigoso para se passar, mais de noite fica mais escuro, com mato alto (...) quer dizer, tudo isso mudou; a praça passou a ter muito mais visibilidade. E aí tendo mais visibilidade, ela passou a ser muito mais cuidada, tanto por nós quanto pelo poder público. (E13)

Por meio das entrevistas, ficou claro que a ocupação com a maior frequência de pessoas e realização de atividades na praça iniciadas mais fortemente com a realização dos Festivais da Praça da Nascente, fez como consequência elevar o sentimento de segurança na praça e elevar mais ainda a frequência na PN. Como uma espécie de “imã de pessoas”.

Antes de iniciar os festivais há um contexto importante relatado por E1 na forma de um convite de participação e mobilização para atuar na revitalização da praça (destaques da autora):

> Chegou uma mensagem para mim falando: “Vai ter um encontro de moradores do bairro da Pompeia pra um **programa chamado “A Pompeia que se quer”. É um grupo de pessoas que tem arquitetos envolvidos, urbanistas e tal, que tão querendo ouvir a população sobre o que eles esperam da cidade. Aí eu falei: "Opa! Aí sim!" E fui e conheci muita gente do Ocupe lá nessa dinâmica. Foram 03 encontros presenciais e aí teve uma votação *on-line*** (...) porque em 03 encontros presenciais a gente identificou 10 temas que eram importantes e interessantes para o bairro da Pompeia. E esses 10 temas ficaram *on-line* para votação da população. Foi uma votação remota e aí, curiosamente, eu já tava no **grupo das hortas. Eu sempre plantei em casa desde lá do interior. Aí eu descobri o movimento dos Hortelões Urbanos e das Hortas Urbanas, e eu fui me envolvendo. E eu fui parar nesse lugar, nessa dinâmica da “Pompeia que se quer” da Plataforma Cidade Democrática e esse projeto especificamente chamava a “Pompeia que se quer”. Aí eu fui, entrei no grupo, porque já tinha uma ideia de horta na Pompeia, ali bem próximo à Praça da Nascente, e eu entrei pro grupo da Horta.** E aí, **uma das propostas era replicar as hortas pelo bairro da Pompeia** e tal (...) **Tinha uma proposta que era a revitalização da Praça Homero Silva, que até então eu não sabia onde era e aí as pessoas falavam: "É do lado da horta". E eu falava: "Não tem praça nenhuma ali.". Porque a horta ficava do lado do Posto de Saúde né. E o pessoal: "Não é possível, você anda 02 quarteirões e você chega.". E eu falava: "Gente, eu nunca vi essa praça.". Porque de**

> **fato, a PN, ela é um aclive né? Ela não sai na Pompeia.** (...) E o que aconteceu foi que a proposta mais votada foi da revitalização da Praça Homero Silva.
> (...) E um dia, o pessoal que tava indo, que tinha votado para essa proposta da revitalização da praça, falou: **"Vamo acabar aqui o mutirão da horta e vamo andar até a praça.". E eu falei:"Vamo, porque eu não conheço esse lugar. Eu nunca vi. Como assim tem uma praça?"**. **E não é uma pracinha, são 12 mil metros quadrados. E a gente foi** (...) **O mato super alto, lixo por todo lado, praça deserta, brinquedos tinha uma carcaça de uma gangorra, que depois foi retirada, e a única coisa que ficou de lembrança dessa época foi o trepa-trepa que ficou no parquinho, que é vermelho.** Ali naquele parquinho no **platô do meio**. **Tem um trepa-trepa de metal, porque o resto dos brinquedos são de madeira.**
> Na reforma a gente falou: **"Vamos deixar como remanescente de como foi essa praça um dia"**. E assim, eu falei: "Gente, isso aqui é impressionante!". Uma praça numa cidade como São Paulo faz uma baita falta. É um lugar de encontro.". Aí veio meu estudo de urbanismo assim. Aí eu fui estudar de novo o **Jane Jacobs, que falava que o espaço público ocupado era o lugar mais seguro da cidade.**
> (...) "E aí, a gente começou a pensar como a gente faz para **essa praça voltar a ser uma praça aonde as pessoas venham**. Aí a gente falou: **"Vamos começar a fazer reuniões de domingo de manhã.**". Aí a gente ficou 02 meses/1,5 de reuniões todo **domingo às 11h da manhã** em um lugar redondo que tinha no meio da praça. A gente fez até um **cartão postal** disso, porque a gente foi falar da gente no Sesc e a gente fez 4 postais da praça. **Um deles é o início, que eram essas reuniões como tudo começou** (...) **Reuniões de umas 15 pessoas** sentadas nesse redondo, que era um concreto do lado ali no platô do lado do parquinho. (...) E a gente começou a falar: **"O que a gente faz para as pessoas voltarem para a praça?".** Aí a gente resolveu que a primeira coisa que a gente tinha que fazer era **conversar com os moradores do entorno** né. E teve um domingo que a gente saiu falando: "Olha, somos um grupo de pessoas e a gente quer revitalizar a praça.". E a gente levava porta na cara (...)

Figura 42 – Cartão postal desenvolvido pelo Ocupe & Abrace para representar as reuniões iniciais na Praça da Nascente.

Fonte: Extraído de Federizzi (2014, p.88).

Reforçando o relato de E1 ao citar Jacobs (2011), está fala da importância dos "olhos atentos" dos usuários dos espaços públicos como vigilantes da rua no maior tempo possível para obtenção da segurança pública. A autora reforça ainda que: "A segurança nas ruas é mais eficaz, mais informal e envolve menos traços de hostilidade

e desconfiança exatamente quando as pessoas as utilizam e usufruem espontaneamente e estão menos conscientes, de maneira geral, de que estão policiando.” (JACOBS, 2011, p.37).

Algo também relatado por E1 foi a preocupação inicial de alguns moradores do entorno, quando ela dizia que ia na praça ajudar na revitalização:

> Eu ouvia umas respostas do tipo assim: "Não, mulher andando sozinha nessa praça? Vocês estão ficando loucas. A gente já tentou revitalizar aqui várias vezes e ninguém tá nem aí pra praça. Já teve estupro, já teve morte(...)”.

E ela reforçou durante a entrevista que de fato teve estes ocorridos:

> Historicamente teve, mas, por que que tinha isso? Porque não tinha ninguém lá. Porque, assim, no meio da cidade, no meio da Pompeia (um espaço) daquele tamanho vazio, sem ninguém, vira território de qualquer coisa né?

Tal relato de que espaços públicos vazios pode ser perigoso também é reforçado por Jacobs (2011, p.103):

> Os parques impopulares preocupam não só pelo desperdício e pelas oportunidades perdidas que implicam, mas também pelos efeitos negativos constantes. Eles sofrem do mesmo problema das ruas sem olhos, e seus riscos espalham-se pela vizinhança, de modo que as ruas que os margeiam ganham fama de perigosa e são evitadas. (...) Além do mais, os parques de pouco uso e seus equipamentos são alvos de vandalismo, o que é bem diferente do desgaste por uso.

Ainda frente ao relato bastante detalhado de E1 sobre o passo a passo histórico da transformação da PN e suas atividades para a revitalização do espaço público. Entendeu-se a necessidade de colocar a mão na massa independente de ter um grupo pequeno inicial de 15 pessoas:

> E a gente tava convidando as pessoas e dizendo: "Somos um grupo de 15 pessoas". E falavam: "Eu não vou participar não. Boa sorte!". Então assim, a gente tomou muita invertida e a gente falou: "**Bom, não é nada pessoal, a gente tem esse sonho de devolver essa praça pra cidade como uma praça. Então vamos começar!**". E na primeira (atividade), a gente fez **um mutirão de limpeza**, a gente achou inclusive **uma bolsa** que provavelmente alguém tinha sido **assaltado na Pompeia**, pegou o dinheiro e entrou lá dentro e largou a bolsa. Tava com documento, com carteira, com pente, com foto de criança na carteira e tal. A gente não sabe a quanto tempo aquela bolsa tava jogada lá no meio do mato. E eu me lembro que a gente fez **um mutirão e a gente tirou 17 sacos de lixo de 100 litros, de dentro da praça. Outra coisa, porque na praça não tinha lixeira.** Então a gente **ligou na Prefeitura para saber como a gente pedia a capina de um espaço público**. Então, pra gente foi um baita **exercício e aprendizado de cidadania, pra saber onde a gente pode cobrar, o que é nosso direito cobrar**. Aí a gente percebia do outro lado, que o funcionário público refratário: "Lá vem esse povo reclamar que a gente não faz nada". Então a gente foi com um outro discurso. (...) O que é muito legal do Ocupe & Abrace foi que assim, **a gente tinha o objetivo muito claro do que a gente queria**. **Tanto que no dia 30 de junho de 2013. Isso tudo que eu tô te falando foi janeiro/fevereiro de**

> **2013, aí em junho, 30 de junho de 2013, a gente conseguiu fazer o Primeiro Festival.** (Destaque da autora)

Figura 43 – Representação de ação coletiva para revitalização da Praça da Nascente.

Fonte: Extraído de Facebook Festival Praça da Nascente, 2014.

Após este recorte histórico introduzido pela E1, foi possível perceber e observar a importância das relações humanas entre os moradores do entorno da praça e de outras iniciativas com o objetivo comum de começar as ações de revitalização com a própria força e vontade de fazer acontecer juntos de forma participativa para obtenção da praça mais ocupada e segura no bairro (Figuras 42 e 43).

No relato de E7 esta relação ficou bastante evidente: **"Enfim, eu acho que as relações humanas começam a ser transformadas, porque as pessoas começam a recuperar aquilo que era comum."**.

Outro relato neste sentido foi de E5, que diz ser sobre o foco nas relações humanas para alcançar a transformação territorial por meio da tecnologia social:

> Isso que eu acho que é a **tecnologia social nova**, que tá emergindo, **as pessoas estão redescobrindo a comunidade e não importa se essa comunidade é alguém que trabalha na Subprefeitura da Lapa.** Mas **é essa tecnologia social do reconectar das pessoas**. (Destaque da autora)

Pode-se dizer que o desenvolvido o primeiro Festival da Praça da Nascente foi um grande marco para a transformação do uso e ocupação daquele espaço público local, o qual permitiu dar um novo olhar e visibilidade para a praça. Isso só foi possível pelo foco nas pessoas e suas relações mais humanizadas. Assim, fez surgir uma rede de iniciativas de apoio para a co-criação das diversas atividades realizadas no Festival da Nascente como atrações para chamar mais pessoas para participar e ocupar a praça. Por isso, os próximos núcleos que ajudaram na transformação local foram as

intervenções culturais, artísticas e educativas, que podem ser representadas com a fala de E12, E8 e E1, respectivamente:

> (...) a praça voltou a ser ocupada, a **gente estimulou muito isso através de festivais de arte, oficina de permacultura, que a gente fazia toda estação do ano na praça**. A gente já fez **13 festivais**. Então esses festivais foram muito incríveis para juntar mais pessoas para difundir essas ideias, ver essas ações e para que a praça se tornar um espaço vivo e educador né. (E12)
>
> Então com a melhora da praça, essa adesão foi melhorando, aumentando festas e festivais. Então eu acho que o objetivo inicial, que era a reapropriação do espaço público, foi feito. Tem um trabalho do **artista plástico**, que é outra coisa muito legal que aconteceu lá. Foi essa atenção para um bioma que pouca gente conhece direito e pouca gente sabe que existe em São Paulo né? Essa coisa que muita gente confunde, Cerrado com mato, porque terreno baldio é um mato e ninguém sabe que ali é Cerrado e tem toda uma questão delicada do Cerrado em relação com as águas, reposição de lençol freático. E o Daniel trouxe aquela **obra de arte**, mas é **um resgate do Cerrado, fragmento de Cerrado em uma área urbana. Então tudo isso para mim é transformação.** (...) E mais, vamos falar que aquela que está lá **influenciou muitas outras**, com certeza. (E8)
>
> Outra transformação que foi muito visível, mas que a gente teve que fazer um trabalho ali, foi o trabalho de recolhimento de cocô de cachorro e lixo. Essa ação do "Recolha o cocô", a gente pegou ripa na caçamba e pintamos com esmalte velho. (...) **07 plaquinhas escrito "Recolha o Cocô do seu cão".** E a gente deixava a garrafa PET com saquinhos, porque se a pessoa não trouxe saquinho a gente deu a solução, (...) **"Recolha o Cocô do seu cão, pegue o saquinho e leve para a sua casa".** Um mês depois a qualidade da água mudou para boa, porque não tinha tanto cocô. Então, assim, essa também foi outra **transformação do meio, a partir de uma ação muito simples e individual**. (E1) (Destaques da autora)

Este papel educativo de ações coletivas presentes na praça vai além da educação formal (GARCIA, 2009) e podem ser um instrumento e meio para se compreender a realidade e lutar para transformá-la (GOHN, 2011). Por isso, aquela frase famosa do Freire (2018), é também válida neste contexto de fortalecimento das transformações por pessoas e para as pessoas, que diz: “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.”

Neste contexto do poder educativo presente na praça, também foram descritos por meio de relatos de visita de escolas e faculdades na praça dando sua importância prática do compartilhamento do conhecimento por meio do relato de E1:

> A gente já fez muita ação com os **escoteiros do bairro** lá, e ao mesmo tempo a gente já recebeu **escolas particulares** das mais caras da cidade (...) Então essa história que eu te falei de a praça ser o lugar da **conversa comum**, **interessa tanto pra um aluno da escola particular quanto para uma escola pública.** “**De onde vem a água?**” **Entender o que é uma nascente**, **entender o motivo que não se pode jogar um lixo no chão.** Outra transformação fora essa de ocupação mesmo né.” (Destaque da autora)

Também para E13 a PN é um marco importante nessa questão das águas na região e reforçou o potencial educativo das nascentes por estarem em espaços públicos acessíveis:

> Então não quer dizer que o rio nasce ali, ele nasce numa área muito extensa, mas ali é um lugar que tem um potencial educativo, no sentido de ser uma praça, que nos outros lugares as nascentes não são muito acessíveis, ali na praça é visível, né? (...) tanto que a Praça da Nascente começou a ser visitada por escolas, grupos, outras pessoas têm ido visitar. Então tem um papel muito importante ali a questão das nascentes, da água na cidade, né? Por exemplo, ver as nascentes na cidade, uma coisa que pelo menos eu enquanto infância, um pouco maior, **eu nunca imaginava nascentes no meio da cidade de São Paulo, aí de repente tem uma praça que tem várias né**. (Destaque da autora)

Já E7 reforça o papel educativo da praça como um todo:

> Eu me lembro que havia um grupo, que fazia o ***Home School*** lá na praça. Tinha um dia da semana que a aula das crianças era lá, enfim. E isso modifica completamente, né? Muda completamente a relação, você sente que você tem ali um espaço, onde você pode passear, pode andar, pode conhecer pessoas, pode conhecer coisas (...)

Além destas visitas educativas relatadas acima, também foram observadas postagens nas redes sociais como registros fotográficos de visitas na praça das seguintes instituições de ensino formal: FAUUSP, PUC-Rio, Geografia USP, Cásper Líbero, Escola Suíça e Escola Móbile.

Figura 44 – Intervenções artísticas e educativas presentes na Praça da Nascente. (a) intervenção sobre a vivência; (b) intervenção sobre a vida presente no lago.

(a)

(b)

Fonte: Acervo da autora, 2020.

Outro núcleo de transformação percebida foi a grande visibilidade e referência, que a praça se tornou após a revitalização ocorrida pelas iniciativas. Fato este

validado visto a quantidade de notícias e reportagens publicadas sobre a praça e principalmente sobre o lago das nascentes com todo seu ecossistema.

De acordo com E8, a praça tornou-se referência por ter sido pioneira em ações ambientalistas e por ter se tornado famosa também modificou a frequência de usuários, tendo não apenas pessoas do bairro. Ou seja, ele acredita que isso aconteceu:

> (...) porque era uma praça abandonada e passou a ser uma praça referência na cidade. **Muitas ideias de ambientalismo começaram nesta praça e na Horta das Corujas** (...) mais ou menos na mesma época. Então ela faz parte de lugares icônicos assim (...) e que **pegou uma praça totalmente invisível e hoje ela tem uma super visibilidade.** Milhares de reportagens na televisão. Enfim, uma praça famosa né? **Isso modifica a frequência, pessoas da cidade inteira vão para lá e não só as pessoas do bairro**. Mas na essência continua sendo uma praça de bairro com as coisas boas. A comunidade do bairro, que tá lá e também as coisas ruins que também pode ter na comunidade. (Destaque da autora)

Também para E13:

> A praça virou uma referência de acontecimentos do bairro. É isso que aconteceu né? A praça sendo cuidada e sendo um lugar agradável, ela virou para nós cidadãos um **espaço de encontro**, porque a gente fica muito restrito aos espaços privados e o espaço público, que é um espaço de encontro.

Em outro ponto da entrevista o mesmo participante acrescentou:

> A praça passou a ter muito mais visibilidade, e aí tendo mais visibilidade, **ela passou a ser muito mais cuidada, tanto por nós quanto pelo poder público**. Então o mato não fica mais gigante como ficava antes e tem mais gente. Eu acho que esse é **um ponto fundamental, quando as pessoas estão presentes isso já significa que aquele lugar mudou,** né? Porque elas se sentem à vontade de estarem lá (...) (E13)

Outro ponto importante foi a visibilidade pelas grandes mídias como Rede Globo e publicações internacionais de forma espontânea, principalmente, por causa do lago em dois momentos de crises em São Paulo, sendo o primeiro devido ao surto da dengue e o segundo devido à crise hídrica. De acordo com E1, sucedeu-se assim:

> E assim, a partir dessa **história da Praça da Nascente**, a gente acabou saindo em **publicações internacionais**, a gente foi por causa do lago, aí foi acontecendo coisas, Natalia, que a gente fala que são fora de alcance de qualquer pessoa que tava nesse coletivo, porque, assim, a gente fez o lago e botou peixe. Aí, 02 anos depois teve um novo surto de dengue em São Paulo, acho que em **2016/2017. Era dengue para todo lado e alguém do entorno denunciou o lago da praça.** (...) Por acaso alguém do coletivo tava na praça e viu alguém na praça com jaleco escrito ANVISA, alguma coisa assim. E a pessoa pegava no tubinho de ensaio a água da praça. Alguém do coletivo foi lá e perguntou: "Oi, desculpa, tudo bem? Vocês estão fazendo alguma análise da água para que?". A pessoa respondeu: "**A gente recebeu uma denúncia de que o lago tava cheio de larvas do mosquito da dengue. Mas a gente chegou aqui e tem peixe. E o melhor controle para a larva é o peixe, porque o peixe come a larva. O mosquito nem chega a ficar adulto e nem**

> **chega a nascer, porque a larva já é comida**". **Inclusive a gente fez uma placa e fez um *post* no Facebook falando sobre isso.** E porque a gente fez o *post*, a **Rede Globo veio fazer uma matéria, saiu no Jornal Nacional e a Praça da Nascente começou a ser falada**.
> (...) E aí, teve outra questão que também veio um monte de gente fazer matérias como **Folha, Estadão** e tal. Que foi a **crise hídrica de 2014/2015**. A **Pompeia inteira ficou sem água**. Os moradores da Pompeia ficaram sem água na torneira. E a gente pensou que **o lago fosse secar, porque não tinha água. O Cantareira secou**. **E a bica lá da PN continuou minando e caindo.** (Destaques da autora)

Muitos relataram que a maioria das transformações percebidas ocorreram devido à força coletiva de diferentes atores em rede (*off-line* e *on-line*), que potencializou a comunicação e divulgação para fortalecer o movimento de revitalização para a praça. Evidencia-se a atuação em uma rede de iniciativas conectadas, sendo citados nomes ao longo de relatos.

> A gente tá mais conectado, as pessoas interessadas em fazer as transformações, estas são mais conectadas. E essa conexão tá se fortalecendo por diversas iniciativas né? (E4)

> E o que eu percebi, é que **a internet ajudou muito também nesse processo de fortalecimento, porque começou a levar outros coletivos pra lá**. Uma outra coisa que eu percebi também é que com a internet, esses eventos acontecendo lá semanalmente na praça, eu percebi que a ocupação popular começou aumentar, cada vez que eu ia tinha mais gente. Isso para mim era muito legal, muito interessante né? (...) Então cresceu muito rapidamente esses movimentos sociais em São Paulo nos últimos 06 anos para cá. Isso com certeza, dentro do contexto da praça, eu acredito que ajudou muito nesse fortalecimento. **Então o engajamento em ajudar a praça, cresceu bastante nesses últimos 06 anos**. (E10)

> (...) e quando precisa, dispara na rede, e todo mundo meio que se avisa, e as pessoas se juntam de novo, quando necessário (agir), né? (...) Tanto é que você tá chegando em todo mundo, porque existe a rede. (E13)

Também disse que virou uma rede de amigos – laços afetivos foram criados por meio do convívio na praça e foram para além da praça, o que reforça o pensamento de Caillé (2016):

> **A convivência na praça, essa coisa de fazer junto. É muito potente, né? Porque ela vai criando laços entre as pessoas** e **viram novas amizades, claro,** né. Então é isso, as pessoas estão distantes agora, mas **a gente criou essa rede para além do espaço e virou amizade**, a gente se acompanha, a gente sabe das pessoas do que estão fazendo, os desdobramentos, para onde foi e tudo mais. (E13) (Destaques da autora)

E14 reforçou que a rede de coletivos e iniciativas participantes na transformação, ocupação e festivais na praça foram importantes:

> Também **participam outros coletivos**, que participaram né. Tinha um pessoal aqui, logo, no começo também participou **Células de**

> **Transformação**, eu nem sei se existe mais um grupo de pessoal (...) tem vários coletivos na cidade né? **Rede urbano das Hortas Comunitárias**. Os **grupos dos artistas e grupos do bairro**, também foram muito importantes, que aceitaram se apresentar lá, pois a gente fez tudo sem dinheiro, com um pouco dinheiro né? (E14) (Destaque da autora)

Algo que também foi fortalecido durante o período pandêmico de isolamento social por meio das redes sociais e páginas de cada iniciativa atuante nestes espaços públicos. Sendo que a Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), de acordo com Pleyers (2016) e Giaretta (2018), é uma ferramenta aliada dos movimentos sociais. Assim como Castells (2017) e Gohn (2017) afirmaram que as indignações podem ser difundidas pelas redes sociais com poder de transformação como uma esperança de vida melhor. Já para Pleyers (2016), estes movimentos que utilizam as redes sociais podem ser chamados de “Movimentos Facebook” ou de “Revoluções 2.0”. Como foi observado no caso do coletivo O&A, o uso da página “Festival da Nascente” foi bastante útil para divulgação dos eventos, chamar as pessoas para ocuparem a praça e até mesmo para compartilhar petições ou abaixo-assinados. O que permitiu participar de forma remota nas iniciativas em paralelo de um trabalho com flexibilidade.

Outro núcleo de transformação percebida foi a restauração das nascentes (Figura 45), que como consequência transformou e fortaleceu a transformação da biodiversidade local, a qual foi descrita com imagens e nomenclaturas de espécies na sessão anterior (vide Figuras 37 e 38).

Inicialmente os moradores participantes das iniciativas não sabiam que existiam nascentes ali no terreno da praça. Foram perceber apenas depois de algumas ações de mutirão, pois localizaram charcos na região baixa da praça e houve uma tentativa de fazer horta naquela região, mas as plantas não vingavam e só mais tarde descobriram que eram nascentes do Córrego Água Preta. Reforça E1 sobre o desconhecimento da água acumulada no platô:

> Não tínhamos ideia (que eram nascentes). **A gente achava que era um vazamento**, que aquele lugar não ia ter muito jeito. A gente fez **um pequeno canteiro de horta lá, perto da Rua Salto Grande**, e a gente queria mudar cara daquele charque, só que a gente plantava muita coisa e morria, né? **Porque muita água no solo apodrece a raiz.** (...) onde tem o lago, aquilo era um charquão com muito mato e você não conseguiu pisar, porque já tinha muita água. (...) A gente começou a ver muita água na praça e as pessoas falavam: "**É cano da Sabesp furado!**". E a gente falou: "Bom, se é cano da Sabesp furado, a gente precisa ligar para alguma autoridade para vir aqui consertar. Porque não dá para ficar perdendo água.” E aí, a **gente chamou a CETESB,** ela foi e fez a análise, e a **CETESB falou: “Isso aqui não é água**

> **do sistema. Isso aqui é nascente."** Aí **a gente foi atrás do IGC.** (Destaque da autora)

Já E14 explicou o motivo dos charcos e como surgiu o lago com as águas das nascentes que afloram na praça:

> (...) a nascente tava provocando charcos, porque as águas não tinham um caminho, né? Então precisava ser feita uma intervenção para as pessoas poderem andar na praça. Mas aí o poder público barrou e a gente ficou dando um tempo. Não acontecia nada, né? Aí eu chamei um amigo e eu falei: "Mano, vamos lá fazer esse lago e seja o que Deus quiser". Eu chamei um vizinho lá e em dois dias a gente fez o lago. Agora as pessoas falam: "Opa, que é isso aqui? Três dias atrás não tinha nada, agora tem um lago com peixe?". Aí eu fiz um pequeno lago, aí depois passou uns dias, falei: "Vamos aumentar". Aí a gente foi aumentando (...)

E14 reforçou dizendo que a praça ganhou vida, pois a natureza voltou e as pessoas também. "Com resgate da natureza as pessoas também voltam. A água atrai e une muito as pessoas."

De acordo com E12, o lago tem mais de 100 espécies diferentes: "(...) a gente trabalhou a regeneração de 08 nascentes dentro da praça e essas 08 nascentes, todas convergem para um lago grande que a gente construiu. Esse lago é super biodiverso, ele tem mais de 100 espécies diferentes de organismos vivos.". Também foi percebido por E7, que "(...) quando foi feita a abertura do lago da nascente teve uma explosão de vida aqui."

Figura 45 – Implementação de cacimbas, parte da canalização em telhas para escoamento das nascentes do Córrego Água Preta até o lago no primeiro nível da praça como uma forma de abastecimento. (a) cacimba; (b) canalização em telhas; (c) localização da nascente.

(a) (b) (c)

Fonte: Acervo da autora, 2020-2022.

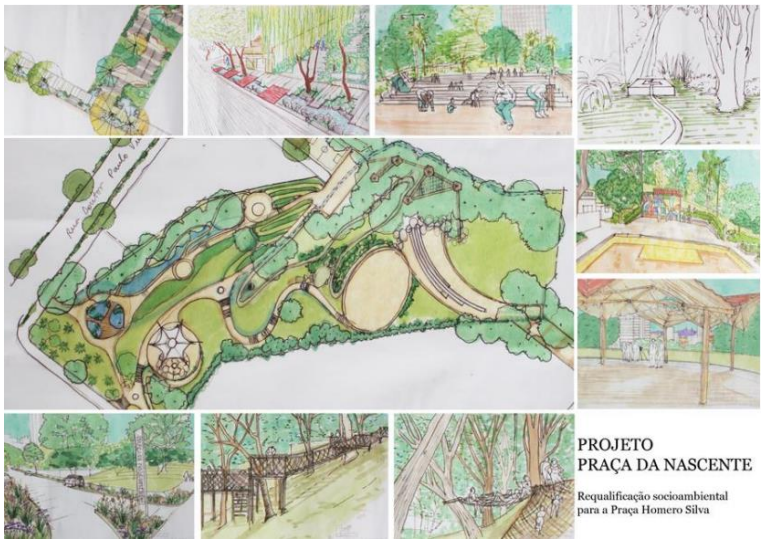
Já no núcleo transformador denominado intervenção de infraestrutura, a grande maioria percebeu essa transformação na praça, principalmente depois da reforma por meio da emenda parlamentar e com apoio do projeto de extensão FAUUSP, que

permitiu alunos arquitetos desenvolverem o projeto de reforma da praça em colaboração com os integrantes do coletivo O&A, para que de fato quem mora do entorno e frequentava poderia contribuir com os desejos de melhoria de infraestrutura necessária com um olhar mais ecológico e humano.

Figura 46 – Ilustração dos encontros de workshops e do planejamento do projeto para a Praça da Nascente como uma requalificação socioambiental. (a) primeiro workshop; (b) segundo workshop; (c) projeto apresentado.

(a)

(b)



(c)

Fonte: Extraído de Lotufo (2016, p.75-76).

Para isso, foi desenvolvido um *workshop* entre os participantes do coletivo e a academia, que foram divididos em duas fases de acordo com Lotufo (2013), sendo o primeiro encontro voltado para a coleta das informações e desejos do coletivo e, o segundo, a apresentação do projeto para análise e aprovação dos participantes (Figura 46). Para depois conversar na Subprefeitura da Lapa e ver a parte mais burocrática de implementação. Apesar de terem desenvolvido um projeto pensando implementar infraestrutura verde com SbN e materiais mais ecológicos como gabião para ajudar na absorção da água da chuva, não foi possível como desejado, pois a

Subprefeitura faz licitação dos materiais por ata uma vez por ano para todas as obras e não por obra. Além de que conseguiram a verba com emenda parlamentar e a obra precisava ser realizada dentro do prazo para não perder a verba, tendo que ser realizado tudo muito rápido. Por isso, foi relatado uma certa frustração neste processo, pois o projeto era muito inovador e não havia os materiais solicitados na planilha, que resultou em adaptações. Conforme observado no relato de E4, a seguir:

> Apesar de ter havido uma certa frustração em relação ao projeto da Praça da Nascente. **Essa frustração é devida ainda a um problema de desconexão entre poder público e comunidade.** Então, assim, a gente carece e ainda na administração pública, de instrumentos de que viabilize uma transformação efetiva ambiental urbana como deveria, né? (...) **Quero dizer, que houve progressos, foi feita a pavimentação, foi feita uma escada que a gente propôs escada ecológica com gabião, com soluções que eram mais ecológicas, foi adaptado aos bloquinhos, que estavam na planilha de obra da Prefeitura. Então houve essa adaptação** (...) E assim, tecnicamente, você chega com um olhar mais como um arquiteto. Não foi feito como deveria. **Muitas coisas que poderiam ser feitas, não foram feitas**. Mas foi feita alguma coisa. Então houve um progresso. (Destaques da autora)

Também foi relatado que o muro de arrimo (Figura 47a) existente anterior a arquibancada (Figura 47b), já estava em condições degradadas e em risco de desabar, além de representar um perigo físico, representava um sentimento de medo de ter pessoas escondidas atrás dele. Por isso, os primeiros festivais não foram realizados no nível superior. Esta mudança foi vista como positiva e ajudou a parte superior não ter mais lama em dias de chuva.

Figura 47 – Antes e depois da retirada do muro de arrimo no nível superior da praça. (a) muro de arrimo; (b) arquibancada.

(a)

(b)

Fonte: (a) Instagram Ocupe & Abrace, 2013 e (b) Acervo da autora, 2021.

Outra intervenção de infraestrutura relatada com frequência foi a troca dos brinquedos para as crianças de ferro quebrados por brinquedos novos de madeira contemplando os dois parquinhos com escorregador, gangorra e balanço, a única estrutura de ferro que ficou foi o “trepa-trepa” que foi pintado de vermelho e mantido como uma recordação (Figura 48), que remetesse a praça antiga como um marco simbólico e histórico.

Figura 48 – Implementação do parquinho de madeira no nível 02 da praça com o destaque no “trepa-trepa”. (a) trepa-trepa de metal; (b) parquinho de madeira.

(a)

(b)

Fonte: Acervo da autora, 2021.

A implementação de bancos e mesas de concreto, que também foram novas aquisições da Subprefeitura, mas com objetivo de tornar a praça mais humana não desejavam em concreto, alguns bancos denominados de “antimendigo” foram adaptados com estacas de madeira para ter encosto (Figura 49) e foi relatado como um apoio do Movimento Boa Praça (MBP). Este último foi observado durante a visita de campo que ainda restam 03 exemplares como representados na figura abaixo.

Figura 49 – Representação dos bancos presentes na praça, sendo o de madeira desenvolvido com apoio do Movimento Boa Praça e abaixo dele o de concreto no modelo padrão “antimendigo”. (a) banco visualizado de frente; (b) banco visualizado de trás.

(a)

(b)

Fonte: Acervo da autora, 2020-2021.

Mesmo o coletivo não desejando a estação de equipamentos de exercícios para terceira idade no nível 02 da praça, próximo de quem chega pela entrada da Rua Salto Grande, relataram que foi implementado como um padrão de outras praças pela Subprefeitura regional (Figura 50).

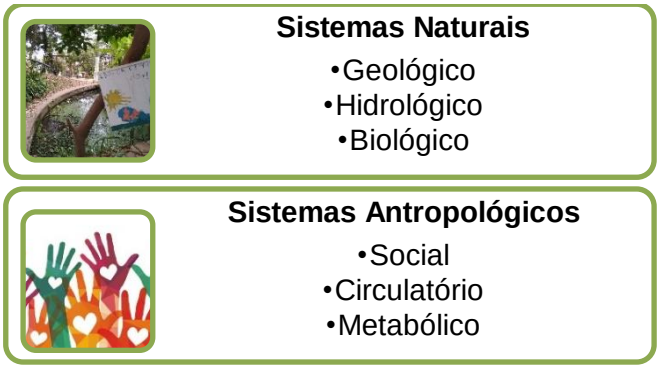
Figura 50 – Representação da estação de equipamentos para a terceira idade na Praça da Nascente.

Fonte: Acervo da autora, 2021.

Muitos relataram sobre a intervenção do lago, que foi construído pelo próprio coletivo. Foi relatado e observado, que ele trouxe mais biodiversidade para a praça sendo considerado uma “explosão de vida”.

Segundo Herzog (2013), a implementação de SbN podem fazer parte de espaços públicos mais sustentáveis. Estes sistemas e suas funções são descritos aqui como uma forma de ilustrar sua importância e indicam possibilidades na cidade, além de possuírem sinergia com o cenário atual relatado e observado da Praça da Nascente, tendo sinergia com as definições de um bom espaço físico para ocupação das pessoas por Jacobs (2011) e Gehl (2015).

Figura 51 – Sistemas Naturais e Antropológicos segundo Herzog (2013).



Fonte: Adaptação da autora de Herzog (2013, p.291-301).

As funções de cada sistema serão descritas a seguir para melhor entendimento do desenvolvimento das infraestruturas verdes urbanas (Figura 50):

- **Sistema Geológico:** dar suporte, manter a estrutura, estabilidade e permanência (sustentabilidade da paisagem); contemplar a erosão e deposição (processos naturais) em intervenções de forma harmoniosa com a paisagem e os processos naturais; manter e estimular a formação do solo nas cidades (base da vida) e promover a drenagem do solo de acordo com a sua estrutura e contribuindo para prevenção de enchentes.

- **Sistema Hidrológico:** reduzir o escoamento superficial; recarregar os lençóis subterrâneos; manter a qualidade das águas; proporcionar o reuso das águas cinzas com os tratamentos adequados, fechando o ciclo hidrológico e fechar o ciclo com a utilização de águas negras para geração de biogás e adubos como exemplos.

- **Sistema Biológico:** aumentar a biodiversidade urbana e os Serviços Ecossistêmicos (SE) nas cidades; mitigar as emissões de Gases Efeito Estufa (GEE); adaptar-se aos desafios causados pelas mudanças climáticas; conter encostas; prevenir e reduzir enchentes; melhorar a qualidade das águas; regular o clima local e contribuir para o global; proporcionar melhores condições ambientais e de conforto térmico para circulação de pedestres e de bicicletas; oferecer maior oferta de lazer, recreação, relaxamento e contemplação; recuperar ecossistemas em áreas urbanas para melhorar a qualidade de vida e tornar as cidades mais resilientes e mitigar riscos.

- **Sistemas Social:** promover interação; estimular a coesão social; incentivar a aceitação e inclusão social; oferecer áreas de recreação e lazer; valorizar a expressão cultural; respeitar e enfatizar a identidade local; incentivar o comércio e trabalho; e promover governança comprometida com o bem-estar coletivo, que regula, incentiva

e tem potencial educativo, estimulando a participação e o “empoderamento” das pessoas.

- **Sistema Circulatório:** possibilitar a mobilidade de pessoas e produtos nas cidades; caminhar e pedalar são meios mais limpos e saudáveis de locomoção como também beneficiam ativamente aos indivíduos.

- **Sistema Metabólico:** possibilitar o fechamento dos ciclos de entradas e saídas de energia e matéria, que mantém o funcionamento das cidades.

Outro fator de transformação foi denominado de especulação imobiliária, pois foi uma percepção relatada pela maioria dos respondentes dentre todos os perfis. Esta transformação relatada ocorre no entorno da PN e na região da Avenida Pompeia. Mais para frente, esta transformação será aprofundada dentro da pergunta sobre alterações durante a pandemia COVID-19.

Tal transformação impactou a forma de atuação do coletivo O&A e de sua rede de apoio, segundo o relato de E14 e E13, respectivamente:

> (...) a transformação que ocorreu foi também a luta que a gente teve contra a especulação imobiliária, a gente mostrou que podemos barrar isso e não deixar, né? (E14)

> (...) A história da construtora da Exto. E aí, isso acabou mobilizando de novo, pessoas do grupo, inclusive eu, que tava um pouco mais afastado né? **Me reaproximei em alguma medida, mas aí já como (se)cura humana.** (...) E aí, a gente fez uma ação, por exemplo, **eu, o Flávio, o Bloco da Água Preta** mais uma vez apareceu... **a gente fez uma ação lá no terreno** da Exto né? A gente fez o que a gente chama de **“Parque Aquático Móvel”**, a gente levou nossas piscinas, o **Centro Budista**, do lado, virou parceiro e abriu ali a garagem dele, e colocamos as piscinas na porta deles. E aí, o **bloco tocou**, a gente tocou as **músicas recentes do bloco**, tem até os **vídeos** que mostram a gente nadando. O segurança da Exto ali, preocupados se a gente ia invadir o terreno deles ou não né? **Mas foi uma ação na Pompeia. Foi divertida, festiva e política ao mesmo tempo né? No sentido de reivindicar aquele território ali, que eles derrubaram as casas e agora a gente quer que vire praça**, já que eles derrubaram. Então o bloco, de novo ele apareceu, depois de anos que a gente tinha se afastado... a gente, o bloco chegou lá e fez essa ação. Eu com o “(se)cura humana” e tudo mais, **a gente chegou a abrir um lago na caçada deles.** (...) Tem no **site do (se)cura humana esses vídeos**. **Aí a gente cavou, por exemplo, o lago na calçada da Exto**, **porque eles diziam: "Não, não tem nascente".** Esse papo que ali não tem problema, imagina a gente então: "Tá bom!". Fica uma disputa discursiva né. Eles dizem que não tem e a gente diz que tem. Aí, eu e o Flávio, uns amigos a gente falou "Então, tá bom. Fica nesse papo de tem - não tem, tem - não tem, tá bom! E aí, daí a pouco a gente vai provar que tem...". A gente foi lá e quebrou a calçada deles e abriu um lago, pronto...E a gente: "Tem ou não tem nascente aqui?". **Aí qual foi a ação dele: dois dias depois tacaram concreto no lago**. (E13) (Destaque da autora).

Figura 52 – Representação de intervenções ativistas em parceria com a iniciativa “(se)cura humana”. (a) “Parque Aquático Móvel”; (b) Lago de nascentes na calçada do terreno da Exto.

(a)

(b)

Fonte: Extraído de “(se)cura humana”, 2016.

Segundo Hori (2018, p.204-205), algo semelhante aconteceu durante o processo de resistência e consolidação do Parque Augusta:

> Se não fosse pela resistência dos grupos de defesa do parque, o trâmite legal para aprovação e construção do empreendimento não passaria de mera rotina para os técnicos da Prefeitura. As torres já estariam construídas e o bosque seria mais um item do “lazer completo” prometido pelos novos empreendimentos residenciais.

Jacobs (2011) em sua obra descreve sobre a importância das figuras públicas presentes no bairro para desenvolver abaixo-assinados protestando sobre algo de interesse para os moradores e comerciantes do bairro. Ou seja, neste caso as figuras públicas podem ser os integrantes das iniciativas em defesa das nascentes locais. Jacobs (2011, p.75):

> As pessoas públicas não só espalham notícias e sabem as notícias, por assim dizer, no varejo; elas se relacionam e espalham as novidades por atacado, de fato. (...) A vida na rua, tanto quanto eu possa perceber, não nasce de um dom ou de um talento desconhecido deste ou daquele tipo de população. Só surge quando existem as oportunidades concretas, tangíveis, de que necessita.

Já para Acselrad *et al* (2009), estes protestos podem ser caracterizados como práticas estratégicas de atuação por justiça ambiental, denominados de ação direta. Eles “constituem principalmente uma forma de questionar os empreendimentos e de abrir um debate sobre a pertinência ou não de que estes sejam realmente levados a cabo no território, em conjunturas nas quais as populações impactadas são pouco ou nada consultadas” (ACSELRAD *et al*, 2009, p.35-36).

Como também o relato de E15, que afirma ter percebido transformações neste sentido em outros lugares da Avenida Pompeia, ou seja, para além do território da PN:

> O que eu tenho observado neste tempo que eu estou aqui é: da Av. Pompeia da praça para trás, **o quarteirão inteiro já foi demolido para construção de prédio**, entendeu? É isso que eu tenho percebido aqui na região da Pompeia. Mas não só aqui de onde eu estou. Mas **descendo a Pompeia inteira** (...) é o que eu tenho percebido muito é isso, **muito condomínio, muito prédio, demolição.** (Destaque da autora)

Já o entrevistado no perfil pesquisador, E4, afirmou ser frustrante ver este conflito com o mercado imobiliário, sendo que estudou para ter conhecimento para apoiar no desenvolvimento de cidades mais sustentáveis e melhores para se viver:

> (...) eu como doutorando na época, é frustrante, porque são 4 anos, digo antes, hoje são 3 anos e meio. Mas, assim, fazer um doutorado e pegar um estudo de caso, objeto, e já ter aquele seu cenário futuro projetado de uma cidade melhor, e ver e perceber o quanto que o mercado imobiliário é selvagem e rápido.

Ele reforçou também sobre a aceleração do mercado imobiliário na região e sobre o possível impacto refletido na mudança do Plano Diretor dizendo:

> (...) Quando eu terminei o meu doutorado, já tava todos aqueles projetos subindo perto do metrô e do lado da praça. Tudo isso aconteceu depois. Para você ver, de um lado era isso, demoliram todas aquelas casas do lado, o que poderia ter sido um grande aumento para a praça e, realmente virar um parque e sair (na Pompeia). As nascentes estão brotando naquele terreno todo. Vão construir uma torre lá e está essa briga lá agora. Agora não sei, faz tempo que eu não tenho informação. Não sei em que pé que tá. Mas toda essa questão, essa briga contra a verticalização se intensificou, vai da metade dos anos finais do meu doutorado até hoje (...) Eu acho que é devido ao Plano Diretor. (...) Quer dizer, o Plano Diretor, ele especificou que você tinha que preservar miolo de bairro, casario, né? E dar limite para as alturas, térreo mais 9, parece que é isso, né? Algo assim... Só que o Plano Diretor especificou que nos eixos do desenvolvimento da mobilidade urbana, aí a gente tem a estação Vila Madalena, metrô da Vila Madalena. A gente tem um raio de 400 metros e aí pegou tudo aquilo lá. Essa especificação do Plano Diretor, e esse é **o grande ponto frágil do Plano Diretor, que ele deu as costas para a questão ambiental**, porque na hora que você determina que os **eixos de desenvolvimento são os viários, você simplesmente passa por cima dos recursos hídricos.** Não houve sobreposição, porque deveria ser, **onde é a nascente não devia ter prédio**. **E acontece que a estação do metrô da Vila Madalena foi construída em cima das nascentes do Rio Verde**. Já foi feito errado, entendeu? Então a área no entorno é tudo nascente. **A Praça da Nascente é a nascente, quer dizer, é uma vertente oposta ao Rio Verde, mas está no mesmo lençol freático.** Tá brotando de um lado, tá brotando de outro. **E aí, a estação é funda.** Então **aquilo já afetou de cara, né?** (Destaques da autora)

7.1.2.2. Relação das iniciativas nas transformações executadas e percebidas

A grande maioria relata que as transformações no espaço ocorreram por iniciativas de moradores.

Já E6 e E8, respectivamente, responderam de forma mais explicativa dando exemplos:

> Sim, eu sei que foi o coletivo, né? **Não só o coletivo, mas em parceria com outros, que começaram a empreender essas melhorias tanto que eu te contei que a gente foi lá ajudar a instalar bancos e tal.** E depois teve uma certa altura que eles conseguiram uma emenda parlamentar e aí teve uma implementação mais significativa de instalação de brinquedos, de abertura de caminhos, de poda, de plantio. Tem o projeto do Daniel também, Cerrado Infinito, que começou a acontecer. E sim, de fato, a praça mudou e foi um processo, né? **Um tanto de atuação dos vizinhos, um tanto de reforma de fato**, advinda dessa verba, desse dinheiro que entrou de emenda parlamentar. **E eu acho que em todas as praças na verdade, onde há atuação de vizinhos as coisas melhoram muito**. (E6) (Destaque da autora)

> Então eu conheço a praça neste estado totalmente abandonada e **depois os moradores do entorno começaram a cuidar da praça, a exigir mais cuidado lá por parte da Prefeitura né**. (...) Sim, porque primeiro **essas transformações começaram com todas as pessoas do entorno.** (...) Então isso começa com as **pessoas que moram ao redor**, se expande nas ideias pela cidade. (E8) (Destaque da autora)

Já E14, acrescenta que além dos moradores do entorno da PN, outras iniciativas coletivas de outros lugares da cidade e grupos de artistas também ajudaram:

> (...) tem ligação com a ocupação que a gente começou a fazer lá, o coletivo Ocupe & Abrace. **Também participava de outros coletivos**, que participaram né? (...) Mais uma coisa, **os grupos também dos artistas**, também foram muito importantes, **os grupos do bairro**, que aceitaram se apresentar lá...a gente fez tudo sem dinheiro...gastava pouco dinheiro né. (Destaque da autora)

Logo, ficou evidente que as iniciativas coletivas dos próprios moradores do entorno foram muito importantes para a transformação do espaço público da PN, as quais também contaram com apoio de uma rede de iniciativas atuantes em outros espaços do município.

7.1.2.3. Fatores percebidos que influenciam as ações coletivas sobre o espaço público.

São citados fatores externos ao indivíduo, para cinco respondentes e internos, para oito entrevistados. Depois é indicado o sentimento de “fazer juntos” e a felicidade, por poucos entrevistados. Foi relatado pela maioria dos entrevistados que os fatores que influenciam as ações coletivas podem partir de um sentimento de desejo individual e/ou coletivo, que ecoam e reverberam como um objetivo comum.

Os fatores podem estar ligados a estímulos internos do próprio indivíduo, sendo algo da personalidade (proatividade e mão na massa) ou sentimentos (felicidade, prazer, indignação com algo, um incômodo, lembranças afetivas passadas seja com laços familiares ou experiências já vividas) como relatado por: E1 – "Algo que te incomoda." e E3 – “Ativismo próprio pelo que te incomoda e importa - causa pessoal.”, sendo previsto por Gohn (2017). Já para E6 é algo que remete às lembranças e experiências vividas:

> Acho que para **cada um toque algum ponto,** né? Chama de alguma maneira. (...) Eu acho que tem um pouco de **iniciativa individual**, assim, no meu caso, eu nasci em outro lugar, **eu nasci na Argentina, em Buenos Aires. Então eu tive uma infância de uso de espaços públicos**, **tive uma infância de frequentar as praças, de encontrar as pessoas nas praças, de estar mais do lado de fora**. **Então é uma coisa que eu sinto e sempre senti falta em São Paulo e quando eu tive filhos, eu me vi um pouco com essa angústia de não poder, de alguma maneira oferecer a eles espaços de natureza, de brincadeiras que fossem ao ar livre**, que fossem próximos de casa, no meu bairro e que fossem espaços públicos e não que eu precisasse me fechar em um *shopping center*, por exemplo, para fazer coisas que, enfim, para fazer coisas que eu não gostava de fazer. E então eu acho que tem um pouco da sua **necessidade individual** para começar a agir de alguma forma e aí eu acho que **quando você começa, você vai encontrando eco no território em algumas pessoas**, não em todas, né? **Quando você encontra eco, encontra mais parceiros e de alguma maneira se fortalece para poder empreender e dar passos um pouco maiores no sentido do cuidado e tal**. (Destaque da autora)

Ou fatores com estímulos externos ao indivíduo podem estar relacionados com um impacto ambiental e/ou sanitário (crise hídrica, surto de dengue e estação seca) como relatado por E11 – “Fatores aceleradores como impacto de uma crise hídrica, que impulsiona a agir”; a partir de um convite de um amigo ou morador do bairro para realizar uma ação de melhoria ou resolução de um problema juntos como relatado por E4 - "Geralmente têm um fator de um problema a ser resolvido. Então um problema pode ser um fator de união. Por isso, que eu acho que um fator inicial é sempre assim para a reapropriação do espaço público."

Foi trazida com relevância a importância das relações humanas como um incentivo a agir coletivamente, que pode ser um fator externo ao indivíduo também. Para E14 existe uma "Vontade de reunir as pessoas, porque as pessoas estão muito dentro das suas casas (...)” e já para E12:

> Eu acho que tudo nasce de **um desejo**, tudo nasce de **um sonho**, quando **todos esses sonhadores se encontram**, aí a gente t**em os fatores propícios para que tudo possa acontecer e tem muita gente sonhando com isso.** Só que **as pessoas estavam um pouco isoladas em suas casas sonhando as coisas e quando elas se encontram nos espaços públicos**, na praça, isso tudo é possível**, tudo pode acontecer**. (Destaque da autora)

Este fator como desejo comum e afetivo entre os participantes pode ser chamado de convivialismo e uma prática do bem viver. Para César *et al* (2018, p.47), “O convivialismo aposta na afetividade para o resgate das relações comunitárias, na importância do viver juntos como dispositivo que poderá nos levar a metamorfose”. Segundo Caillé *el al* (2016, p.39):

> Edificar uma sociedade convivial universalizável, que vise assegurar a todos uma prosperidade e um bem-estar satisfatórios, sem contar com um crescimento forte e perpétuo, que se tornou impossível e perigoso e, para isso, lutar contra todas as formas de ilimitação (sic) e de desmedida – como se nota, o desafio é considerável. E a tarefa, árdua e perigosa.

Assim, para este último as três principais armas contra essas forças colossais e frequentemente invisíveis e ilocalizáveis, são: a indignação, o sentimento de pertencimento a uma comunidade humana mundial e a mobilização dos afetos e das paixões.

Herzog também reforça que (2013, p.75):

> (...) Devemos pensar e agir de forma colaborativa, em comunidade, para proteger nosso lar, senão não haverá lugar para o “eu”. É hora da colaboração, da sociedade do bem-estar, em vez de competição por poder e acumulação de capital (...)

Outro fator percebido com frequência na fala dos entrevistados, foi o uso do termo “fazer juntos” como algo que promove o fortalecimento coletivo por meio do exemplo, do prazer, da alegria e a partir de um objetivo comum proporcionado pelas relações humanas. Como pode observar no relato de E2 e E5, respectivamente: "Alguém fala: Vamos fazer? Isso transforma a vida da gente e a gente passa a ser agentes transformadores e multiplicadores.” ou "O fazer juntos é uma coisa que cria, realiza a humanidade das pessoas. Fortalece. É o principal! (...) Fazer juntos é descobrir juntos e sonhar juntos. Potencializa!”.

O “fazer juntos” é um processo participativo também reconhecido como uma Tecnologia Social (TS). De acordo com o site do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), a TS é entendida como:

> (...) um conjunto de técnicas, metodologias transformadoras, desenvolvidas e/ou aplicadas na interação com a população e apropriadas por ela, que representam soluções para inclusão social e melhoria das condições de vida. (Caderno Debate - Tecnologia Social no Brasil. São Paulo: ITS, 2005, p.26).

Também segundo o Projeto de Tecnologias Sociais para a Gestão da Água (TSGA – UFSC), as TS devem ser: simples, viáveis e efetivas. Ou seja, elas devem possibilitar a disseminação para uma ampla compreensão e utilização; ser adequadas

às realidades culturais, sociais, econômicas e ecológicas do local; e eficazes com respeito aos resultados esperados de inserção social, econômica e política.

Isto é, estas TS, práticas colaborativas e comunitárias, ocorrem na PN como as ações de revitalização e ocupação do espaço público, além de permitir aos atores locais aprenderem na prática em como solucionar os problemas na praça e seu entorno, fornecendo um bom exemplo simples, viável e efetivo para ser replicado em outros espaços por outras comunidades. Sendo uma forma também de fortalecimento da rede de apoio entre as iniciativas locais e uma possibilidade de intercâmbio das suas melhores práticas, como ocorreu com a implementação do banco “antimendigo” na PN pelo MBP em parceria com o O&A. Assim como relatou E9, que estas práticas na PN: "(...) contaminem mais pessoas e que essas pessoas reflitam nas praças próximas de casa".

Este tipo de ação também fortalece a proposta de ser um processo de facilitação em rede e com ações dialógicas, conforme as observações de campo e o relato de E4, que diz:

> Então como eu disse, **é uma rede**. Se você atua em um ponto, **a rede toda sente e recebe o benefício daquilo** (...) **O fator principal é sair de casa e começar a andar na rua**. Então, **começa pequeno**, mas **começa com as interações entre as pessoas**. (...) primeiro chega uma pessoa e diz: "Olha, tem uma praça abandonada." Aí conversa com o vizinho: "Vamos fazer alguma coisa?". "Vamos!". Aí conversa com o amigo: "Olha, tô dentro!". Quer dizer, **tudo começa com uma conversa a dois**. **Ou seja, começa tudo muito pequenininho. E aí, vai crescendo** (...) **A gente está mais conectado**, as pessoas estão interessadas em fazer as transformações, elas são **mais conectadas**. **E essa conexão está se fortalecendo por diversas iniciativas, né**? Você está sensível às necessidades. Quer dizer, que a gente vive uma **crise ambiental, climática, humanitária** agora. Então, assim, no momento em que você está **tocado por uma necessidade**, **uma angústia e você compartilha com uma outra pessoa**. Então eu acho que o grande estimulador de tudo é a **consciência de que as coisas precisam mudar. E isso tem um aspecto social também e não só ambiental**. (Destaque pela autora).

Por outro lado, o relato de E9 descreve sobre o poder da rede em diferentes frentes e atividades em espaços público, em sinergia com a caracterização apresentada por GIARETTA (2018):

> (...) **existem vários coletivos na cidade.** Isso faz com que a gente tenha, ultimamente, este balançado devido à **pandemia e por uma série de fatores,** mas, assim, **existe uma rede que tenta se proteger também.** Por exemplo, **a mobilização do Parque Augusta, a gente vai lá e ajuda. O pessoal que tá aqui tem vinculação com a Horta das Corujas.** Teve uma mobilização, que eles queriam fazer uma caixa d'água, aqueles reservatórios da água de chuva, aqui na **Praça Rios de Campos,** a gente achava aquilo um absurdo, que vai impermeabilizar o solo, vai trazer um piscinão, **aí a gente se organiza, vai lá e tem outros coletivos que aparecem, entendeu? Aí a**

> **gente acaba tendo o pessoal que pedala, o pessoal que faz intervenções em praças** (...) **Então assim, você se sente fortalecido. Você fica assim: "Eu não sou sozinho!".** Entendeu? **Eu não sou um extraterrestre, que acha que tudo tá errado. Tem mais gente que acha também**. **E junto você acaba conhecendo alguém, entendeu? Que pode ajudar e se irritar também, que se indigna com aquilo. E eu acho que essa é a força que a gente precisa pra cutucar o poder público. Não deixar que privatizem nossos espaços.** A gente tem uma **forte restrição à privatização**. (Destaque pela autora).

Segundo Paulo Freire (2018), em sua obra “Pedagogia do Oprimido”, contém uma frase de apresentação valiosa dizendo: “Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam”. Isto é, as relações humanas são importantes tanto na hora de lutar quanto na hora de descobrir novas formas juntos.

Freire (2018) ao desenvolver a teoria da ação dialógica, descreveu as suas quatro principais características, que são: a co-laboração, a união, a organização e a síntese cultural. Para ele, “os sujeitos se encontram para a transformação do mundo em co-laboração” (FREIRE, 2018, p. 227). Sendo que “os sujeitos dialógicos se voltam sobre a realidade mediatizadora que, problematizada, os desafia. A resposta aos desafios da realidade problematizada é já a ação dos sujeitos dialógicos sobre ela, para transformá-la” (2018, p.229). Por tanto, ele afirma que para haver transformação é necessário dialogar e para revolucionar de forma humana tem que ser simpática, amorosa, comunicante e humilde para ser libertadora (FREIRE, 2018, p. 233).

Para Meadows *et al* (2007, p.263) para haver transições até o desenvolvimento de um sistema sustentável, é preciso “uma sociedade que se permite admitir e articular suas necessidades humanas imateriais, e descobrir modos não materiais de satisfazê-las, necessitaria de muito menos fluxos de materiais e energia e proporcionaria níveis muito mais altos de satisfação humana”. Ou seja, “tentar preencher as necessidades reais, porém, imateriais – de identidade, comunidade, autoestima, desafio, amor, alegria (...)”. O que fortalece o relato de E5 sobre felicidade e o prazer de fazer as coisas juntos na praça. Como também de E9, que relatou ter a sensação de estar semeando conhecimento e transformação local, que traz um sentimento de felicidade para ela.

Já E12 afirma que “Quando a gente começa a regenerar, rapidamente as coisas começam a vibrar ali. Então eu acho que colher esses frutos, eu acho que é o que fortalece, sabe? (...) E o vínculo que se cria entre as pessoas, é um vínculo muito

forte.", e, por fim, E13 diz que a festa e a alegria engajam as pessoas a participarem destas ações promovendo a maior união e troca entre elas:

> **A festa como um papel de articulação de muita gente do bairro**, porque **este movimento festivo, alegre, agrega as pessoas e nessa alegria as pessoas se engajam cada vez mais com a gente cuidar daquele lugar, né?** (...) A festa, a festividade, a alegria e fazer dessa alegria um evento. **Fazer dessa alegria um acontecimento** né. Eu acho que quando tem esse fator e, não é à toa que eu venho com o bloco, mas esse fator é importante (...) **esses eventos mobilizam**. (Destaque da autora)

Para Christopoulos e Diniz (2005, p.22):

> O termo Comunidade de Prática (CP) foi, inicialmente, cunhado por Wenger e Lave (1991). Desde então, muitas definições têm surgido, mas quase todas se referem à importância de se compartilhar a informação dentro de um grupo, com meio de produzir aprendizado informal, que se dissemina, internamente, ou por meio de suas fronteiras.

Várias CP podem ser observadas entre as 12 iniciativas representadas pelos entrevistados. Elas possuem diversas práticas urbanas, que são realizadas em diferentes espaços públicos espalhados pelo município de São Paulo. Além de estarem conectadas como uma grande comunidade de troca de informações, aprendizados e apoio mútuo, que se fortalecem e multiplicam utilizando uma visão holística e sistémica.

Assim, a partir das entrevistas e das observações foi possível mapear e identificar as iniciativas, entender como atuam em rede; além de perceber sinergia com outras temáticas mais abrangentes, porém com algum foco maior em uma, que podem ser consideradas CP. Por isso, aqui elas foram divididas em 3 grandes movimentos inspirados em GIARETTA (2018) como: espaços públicos como praças, hortas urbanas e mobilidade urbana. Além de adicionados outras subcategorias dentro do primeiro movimento devido a sua diversidade de ações como: revitalização; defesa de águas urbanas; defesa de áreas verdes existentes; preservação da biodiversidade, regeneração e plantio de árvores; arte musical; arte visual; arte cênica; causa animal; exercícios físicos; composteiras comunitárias; empoderamento e desenvolvimento local comunitário; luta e resistência e reconexão com a natureza por meio da informação (Apêndice J), tais como:

1. Espaços públicos como praças:

- **Revitalização:** Ocupe & Abrace, Coletivo da Travessa Roque Adóglio, Amigos da Guanambi, Movimento Boa Praça e A Batata Precisa de Você.

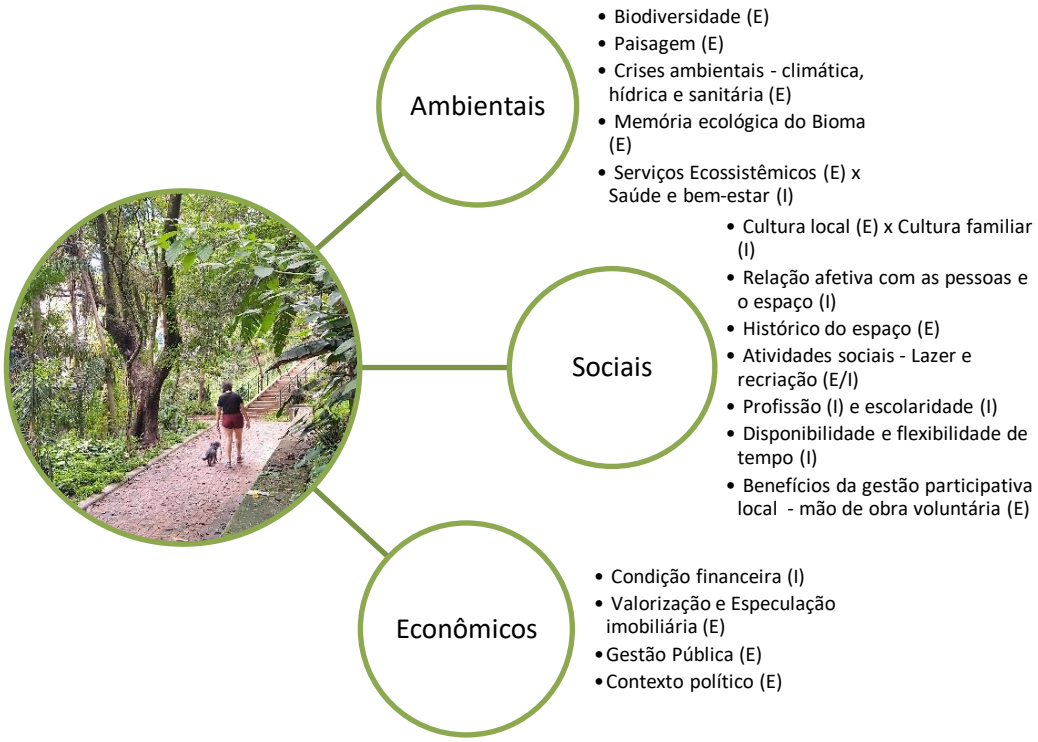
- **Defesa das águas urbanas:** Rios e Ruas, (se)cura humana, Projeto Observando os Rios da SOS Mata Atlântica, Nascente do Rio Iquiririm, Salve Saracura, Existe Água em SP, Nascente SP e Expedição Águas Urbanas.
- **Defesa de áreas verdes existentes:** Fórum Verde Permanente, Movimento do Parque Augusta, Movimento do Parque dos Búfalo, Movimento do Parque Bixiga e Movimento da Praça Pôr do Sol.
- **Preservação da Biodiversidade, Regeneração e Plantio de árvores:** Permacultores Urbanos, Namastê Agroflorestal, Floresta de Bolso, Muda Mooca, Pedal Verde e SOS Abelha Sem Ferrão.
- **Arte Musical:** Bloco Água Preta (Carnaval com letras sobre as águas), Epífolia – Grupo de Pífanos, Eu acho é coco!, Roda de Tambores e Maracatu.
- **Arte Visual:** Cerrado Infinito.
- **Arte Cênica**: Grupo teatral da PN.
- **Causa Animal:** Grupo de Donos de cachorros.
- **Exercícios Físicos:** Hatha Yoga, Gion Yo, Dança Circular, Acroyoga, Boxe, caminhadas e pedaladas.
- **Composteiras comunitárias:** Nossa Senhora da Composteira, Vilas Beatriz, Ida e Jataí, Ecobairro – Vila Mariana e Composteiras Butantã.
- **Empoderamento e desenvolvimento local comunitário**: Células de Transformação, Comitê da Nascente e Ecobairro.
- **Luta e resistência:** Pompeia Sem Medo e Movimento Pró-Pinheiros (focado no controle do processo de verticalização).
- **Reconexão com a natureza por meio da informação:** Árvores Vivas, Semear Conhecimentos e Jardim Agroecológico.

2. **Hortas comunitárias:** Horta das Corujas, Horta Comunitária da Saúde, Horta da FMSP, Horta da FSP, Horta do Ciclista e Nossa Senhora da Composteira.
3. **Mobilidade urbana:** Corrida Amiga e Cidade a Pé.

Apesar das iniciativas possuírem um foco maior em um movimento, há outras práticas secundárias que podem servir de apoio da principal. Uma iniciativa pode ser multidisciplinar com o desenvolvimento de diferentes habilidades na comunidade e pela comunidade. Tais práticas também podem ser percebidas nos chamados ecobairros e em ecovilas, que multiplicam práticas sustentáveis concentradas em um bairro ou uma vila.

De acordo com os fatores relatados, foi possível elaborar um diagrama com representação visual estruturada e simplificada dos fatores externos (E) e internos (I) ao indivíduo (Figura 53), que podem influenciar para o uso e conservação do espaço público em sinergia com as dimensões da sustentabilidade (*Triple Bottom Line*): ambiental, social e econômica. Contemplando na primeira dimensão ambiental as crises (climática, hídrica e sanitária), biodiversidade, paisagem, memória ecológica do bioma local e serviços ecossistêmicos como fatores externos, já como interno a saúde e o bem-estar dos moradores do entorno / frequentadores da PN, que influenciam os indivíduos a agir. A segunda dimensão social é contemplada como fatores internos a cultura familiar, a relação afetiva com as pessoas e o espaço, profissão, escolaridade, disponibilidade e flexibilidade de tempo; já como fatores externos a cultura local, histórico do espaço, atividades sociais presentes no espaço e os benefícios da gestão participativa. Por fim, a dimensão econômica que contempla como fator interno a condição financeira do indivíduo e os fatores externos a valorização e especulação imobiliária no bairro, além da gestão pública e as influências do contexto político municipal e nacional.

Figura 53 – Diagrama dos fatores internos e externos que influenciam os indivíduos a ações.



Fonte: Elaborada pela autora, 2022.

Farahani e Maller (2018) desenvolveram uma estrutura (*framework*) para entender as percepções e preferências no uso dos espaços verdes utilizando quatro domínios principais que podem influenciar as ações nestes espaços e podem ajudar formuladores de políticas e planejadores a desenvolver e projetar estes espaços com maior eficiência e melhorar a habitabilidade dos ambientes urbanos. A seguir os quatro domínios serão descritos em tradução livre do idioma inglês:

1) Espaço verde e suas características: biodiversidade, caminhabilidade, tamanho e tipo, segurança, abundância de acessibilidade, condições (manutenção, incivilidades e superlotação), qualidade e atratividade (naturalidade, vegetação e estética), facilidades e programas, que foram posicionados no lado direito da estrutura e ligado a percepções e preferências;

2) Percepções: atitudes dos visitantes, dimensões sensoriais (social, cultural, refúgio, prospecção, sereno, natureza, rico em espécies e espaço), segurança percebida, acessibilidade percebida, funcionalidade percebida, restauratividade percebida (fascinação, “estar longe”, extensão e compatibilidade), que foram colocadas no topo da estrutura e incluem dimensões sensoriais, qualidades percebidas e atitudes dos visitantes);

3) Preferências localizadas na parte inferior e inclui o tipo de atividades (socialização, passear com animal de estimação, recreação, restauração, prática de exercícios e crianças brincando);

4) Características individuais: estado civil, idade, gênero, habilidades, *status* de imigração, nível de aculturação, fundo cultural, conhecimento ecológico, local de residência e experiência de infância, que está na extremidade esquerda do *framework* e semelhantes aos *greenspaces*, são ligadas a ambas as percepções e preferências.

Fato importante descrito pelas autoras são as diferenças culturais dos indivíduos frequentadores e da comunidade do entorno, que podem afetar suas preferências, percepções e o uso de espaços verdes. Por isso, compreender a estrutura das comunidades e o que elas precisam é essencial para desenvolver espaços verdes bem-sucedidos. Ainda segundo Farahani e Maller (2018, p.15):

> A estrutura mostra que **as preferências** de espaços verdes são geralmente determinadas pelas características do indivíduo, o tipo de atividades e as características dos espaços verdes; enquanto **as percepções** de espaços verdes são determinados por características do indivíduo, dimensões sensoriais e qualidades percebidas, e as características dos espaços verdes. Consequentemente, **as preferências de espaços verdes parecem estar relacionadas com o uso pretendido e percepções estão mais ligadas às experiências sensoriais de espaços verdes.** Portanto, as percepções são

> mais sobre as condições existentes e a avaliação de espaços verdes existentes, enquanto as preferências podem ser mais relevantes para um novo design ou uma intervenção em um espaço verde existente (...). (Tradução livre com destaque da autora)

Farahani e Maller (2018, p.15) relatam sobre os benefícios e interesses:

> **A multiplicidade de benefícios proporcionados pelos espaços verdes é na maioria das vezes obtidos pelos moradores que visitam esses espaços**. Cresceu o interesse dos estudiosos e profissionais na compreensão das percepções e preferências dos **residentes por espaços verdes e o que os encorajam a visitar**. No entanto, não houve uma abordagem consistente para usar as preferências e percepções na literatura ou ambos os termos são usados com bastante folga. (Tradução livre com destaque da autora)

7.1.2.4. O que faz as pessoas participarem destas ações? Quais os principais interesses?

Nesta questão buscou-se analisar os interesses pelos quais fazem as pessoas participarem das ações para o uso e conservação do espaço público. Estes interesses foram divididos em núcleos temáticos que se assemelham com os fatores e aspectos trazidos anteriormente: interno aos indivíduos (06), externo ao indivíduo (03), relações humanas (04), felicidade (02), segurança (02) e relação humana com a natureza / saúde (02).

Já os dois últimos foram mais diferenciados, principalmente quando E2 diz que o interesse é: “Ocupar o espaço público, pois preserva o espaço e evita problemas de segurança local”. Ou então quando E3 diz que o interesse maior em participar é: “Ter um espaço público seguro. Quanto mais pessoas, mais seguro", o que reforça os pensamentos de Jacobs (2011) e Gehl (2015).

Por outro lado, o interesse de estar em contato com a natureza foi validado por E13, quando afirma que: "(...) tem uma questão, que eu acho que começa a ser uma demanda na cidade né...que é a busca na cidade pelo que há de natureza nela ainda de alguma medida né.". Como também ser uma relação de saúde e cura por meio do contato com a natureza:

> A natureza, ela preenche esse vazio existencial que é viver na cidade, né? Ela cura! (...) eu acho que ali é um bom refúgio e a natureza nessas horas é o lugar onde você vai se energizar. (...) Então a gente precisa disso no dia a dia, a gente precisa da natureza todo dia na nossa vida, se não a gente fica doente. (E14)

Tal percepção de bem-estar e melhoria de saúde física-mental foi previsto por Moreira *et al* (2020), além de ser representado pelo amor as coisas vivas contemplado nas relações biofílicas (WILSON, 1984).

Ainda para E14, o interesse de participar é o fato de ser um lazer gratuito na natureza, dando acesso a diferentes classes sociais:

> (...) Isso também leva as pessoas em uma cidade, que está tudo caro né. Qualquer coisa que você vai fazer tem que gastar dinheiro, né? E lá na praça, não, né? ... ali está a natureza gratuita, né? A natureza ela preenche, né? (...) na praça não tem muita classe social também né. (E14)

Nesta pergunta, o termo “fazer juntos” não foi relatado diretamente, mas entende-se estar presente dentro das relações humanas, quando E4 afirma:

> Quer dizer, começa com a vizinhança que tá atenta a algum problema que tem que ser resolvido. (...) Exemplo da Festa Junina nas Vilas - As festas juninas foram grandes *starts* da comunidade começar a se reunir. E aí, você vai juntando as competências, vai juntando os esforços, as vontades, os desejos e a coisa vai crescendo (...)

7.1.2.5. Com a pandemia, o que mudou? Alterou o espaço?

Apenas 02 pessoas não perceberam alterações no espaço durante a pandemia. Outros 04 não a frequentaram neste período. Os demais falaram sobre a ausência de eventos festivos como os famosos Festivais da Nascente, que eram realizados com frequência nos últimos anos; e redução das ações coletivas regulares realizadas em formato de mutirões de trabalho.

Relataram que as idas para manutenção da praça não eram divulgadas nas redes sociais e eram realizadas com poucas pessoas e respeitando os protocolos sanitários. Um relatou: “Antes os mutirões eram mensais, quinzenais e durante toda a pandemia foram duas ações” (E12); já outro afirmou: “Antes era tudo muito no coletivo. Cuidar do coletivo. O coletivo que tem a força. O coletivo se enfraquece na pandemia. A presença física que faz a diferença e que dá vida.” (E13).

Antes da pandemia do vírus COVID-19, o espaço da praça era utilizado com uma diversidade de ações socioambientais, culturais e políticas, coletivas e individuais, de moradores do entorno e de outros locais, que ocorriam em seu interior, teve seu uso mais restrito durante a pandemia.

Isto se deu especialmente por ocasião do Decreto Municipal nº 59.290, de 19/03/2020, que determinou o fechamento dos parques municipais, sob a gestão da Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente (Figura 54). Esta restrição teve momentos de abrandamentos, até que finalmente o Decreto Municipal nº 60.396, de

23/07/2021 autorizou o funcionamento dos parques municipais em horários normais a partir do momento em que 80% da população elegível estivesse vacinada ao menos com uma dose, o que ocorreu nos dias subsequentes. Embora a praça não se enquadre na categoria de parque municipal, a mensagem veiculada durante as medidas restritivas era a de não sair de casa, seja para locais abertos públicos ou fechados.

Figura 54 – Registro fotográfico durante o fechamento dos Parques Municipais de São Paulo.

Fonte: Acervo da autora, 2020.

De acordo com Rocha *et al* (2020), com o surgimento do COVID-19 os espaços públicos, que eram vistos como um “remédio” para as doenças de estilo de vida, passaram a configurar como lugares não recomendados, uma vez que ocorreram o fechamento dos parques durante o período da quarentena. Também os mesmos autores refletem a necessidade de repensar as cidades de forma que priorize não apenas os protocolos sanitários, mas a importância que estes espaços públicos possuem como um lugar do encontro, das trocas e da vida urbana.

Neste contexto, no início da pandemia muitos dos entrevistados indicaram respeito total ao isolamento, ficando de fato em casa, trabalhando de maneira remota e sem ir à praça por medo da contaminação, pela idade avançada, por ter parentes com comorbidade morando junto ou por ter mudado de moradia e/ou cidade. Assim, as articulações passaram de presenciais para virtuais por meio de videochamadas ou conversas via grupo de WhatsApp.

Devido a esta mudança abrupta, houve relatos de episódios depressivos e sentimento de tristeza com a falta de atividades coletivas e de contato social. Também passaram pelo luto devido ao falecimento de uma participante ativa do coletivo.

Com a fase de flexibilização e a tomada da primeira dose da vacina, alguns voltaram a frequentar a praça e outros espaços públicos para encontrar colegas, levar o filho para brincar, tomar sol, passear com o cachorro e ajudar na manutenção mínima necessária do espaço. Por isso, um relato que se destacou foi: “A praça para mim é tudo!” (E9).

Com o fechamento dos parques municipais e outros espaços comerciais de lazer, perceberam o aumento do uso e a ocupação das praças. Como uma oportunidade relatada a seguir: “É um privilégio ter uma praça perto de casa!” (E7); ou “As pessoas estão com outro olhar, porque ficaram privadas disso” (E11).

A necessidade de espaços verdes durante a pandemia foi relatada por 85,8% de pessoas de uma amostra de 1.956 respondentes, que também indicam a importância destes para uma melhor qualidade de vida, com ou sem pandemia. A “Pesquisa Emoções Momentâneas: Comportamentos e Hábitos Cotidianos Pós-Pandemia” foi realizada em maio de 2020, por pesquisadores do Programa Cidades Globais do Instituto de Estudos Avançados da USP.

Também foram identificadas como oportunidades: o potencial da comunicação por ferramentas *on-line*, a formalização e a retomada do Comitê de Usuários da Praça da Nascente.

Como desafios destacam-se a aceleração da especulação imobiliária no entorno da praça, que por ser muito próxima do metrô-terminal Vila Madalena, é considerada um eixo importante que possibilita uma brecha do Plano Diretor Estratégico (PDE). Tais desafios podem ser percebidos por meio do seguinte relato: “Muitas casas estão sendo demolidas da noite para o dia. Tem 20 prédios sendo construídos ao mesmo tempo próximo ou na Avenida Pompeia.” (E8). De acordo com o Sindicato de das Empresas de Compra, Venda e Administração de Imóveis de São Paulo (Secovi-SP), durante o período estudado, foram 66.926 unidades residenciais lançadas apenas no município de São Paulo, o que simboliza um *boom* do aquecimento imobiliário durante um período de pandemia. Em 2021, o desempenho da Indústria da Construção teve um destaque positivo com crescimento de 9,7%, de acordo com o relatório chamado “Contas Nacionais Trimestrais Indicadores de Volume e Valores Correntes Out.-Dez. 2021”, publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em março de 2022.

Também foi trazido que houve abandono e depredação da praça durante os primeiros meses da pandemia, pois foi um período sem ocupação, sem manutenção

dos cuidados mínimos necessários e, consequentemente, com mato alto e lixo no chão. Fato este relatado já previsto por Jacobs (2011).

7.1.3. Bloco 03 - Desejo para o futuro da Praça da Nascente

Neste bloco buscou analisar e entender o desejo para o futuro da Praça da Nascente com objetivo de entender quais são as oportunidades e desafios para estes desejos acontecerem nos próximos anos.

7.1.3.1. Qual é o seu desejo para o futuro da Praça da Nascente?

Os desejos mais frequentes entre os indivíduos foram: preservar a praça ocupada, segura e bem cuidada, para sete respondentes; manter como ela está, para três entrevistados; atração e retenção maior de indivíduos dispostos/engajados para a manutenção e conservação do espaço público, para quatro; preservação da biodiversidade e as águas de nascentes presentes na área verde, com três respondestes, e a conquista do processo contra a construtora proprietária do terreno ao lado, com objetivo do prédio não ser construído, e, consequentemente, haver a ampliação da PN como forma de permitir a maior visibilidade da área verde pela Av. Pompeia e preservar as duas nascentes presentes neste terreno, para seis entrevistados. Outros desejos foram citados de forma mais pontual: tombamento da área; realização completa do projeto elaborado pelo LABVERDE - FAUUSP com mais visibilidade das nascentes e, por fim, que todas as praças fossem estudadas pela academia como forma de fortalecer transformações.

Os entrevistados tiveram dificuldade de escolher apenas um desejo, por isso, neste caso, vários falaram mais de um desejo para a PN de forma animada e com olhar de esperança.

Muitos desejos estão conectados. Por exemplo, se preservar a fauna e flora local, haverá a manutenção da biodiversidade e dos recursos hídricos, consequentemente, poderá haver maior cuidado e ocupação pelas pessoas, mais benefícios para saúde humana serão percebidos devido ao aumento dos serviços ecossistêmicos. Já, se de fato o empreendimento não for realizado e a praça for expandida até a Av. Pompeia, ela poderá ser mais ocupada e preservada, pois dará mais visibilidade e mais moradores e voluntários podem engajar-se nas atividades para o uso e manutenção do espaço público. Ou se os rios / córregos forem preservados da PN até o Rio Tietê e destamponados / renaturalizados para dar

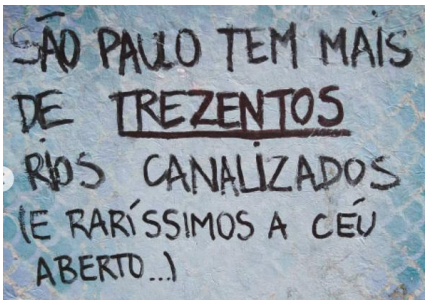
visibilidade aos frequentadores, isso também pode provocar como consequência maior ocupação do espaço. De acordo com Gehl (2015), é natural as pessoas se inspirarem e serem atraídas pelas atividades e presença de outra pessoa. Por isso, afirma que “uma cidade viva emite sinais amistosos e acolhedores com a promessa de interação social. Por si só, a simples presença de outras pessoas sinaliza quais lugares valem a pena.” (GEHL, 2015, p.63). Como exemplo ele relatou sobre o caso do rio Arhus, que atravessa a cidade da Dinamarca, e ao ser reaberto em 1998, “a área de pedestres e recreação, ao longo do rio, é o mais popular espaço urbano. Os preços do mercado imobiliário, ao longo do rio, também estão entre os mais altos da cidade.” (GEHL, 2015, p.16). Algo semelhante, também aconteceu com os rios Sena em Paris (França) e Tamisa em Londres (Inglaterra), que ao despoluí-los e renaturalizá-los tornaram-se lugares mais ocupados pelas pessoas, sendo pontos de lazer e de turismo. Proposta que pode tornar-se realidade no Rio Pinheiros em um futuro próximo em São Paulo.

Outro exemplo, foi a revitalização da Praça das Corujas e a implementação do Parque Linear das Corujas acompanhando as margens do Córrego das Corujas (Figura 55). Muito pela iniciativa de moradores do bairro Vila Beatriz e solicitação à Subprefeitura de Pinheiros, que por meio de emenda parlamentar a área foi revitalizada e implementada em 2011.

Figura 55 – Representação do Parque Linear das Corujas em São Paulo. (a) portão de entrada do parque; (b) caminho principal; (c) placa educativa sobre os rios; (d) placa sobre intervenção da escola.

(a)

(b)



(c)

(d)

Fonte: Acervo da autora, 2020.

De acordo com Bonzi (2015, p.118):

> (...) os parques lineares criam áreas seguras para receber eventual extravasamento de córregos e cotidianamente oferecem ampla gama de serviços e possibilidades para a população: lazer, esporte, convívio, identidade local e contato com a natureza. Também aumentam a umidade do ar, combatendo as ilhas de calor.

Segundo a iniciativa Rios e Ruas, apenas em São Paulo são encontrados mais de 300 rios canalizados, sendo que raríssimos são abertos / destamponados visíveis aos olhos dos cidadãos. Ou seja, há um grande potencial para reverter este cenário tendo em vista os benefícios de destamponar um rio citado por Gehl (2015).

7.1.3.2. Quais as oportunidades e dificuldades para o seu desejo ser realizado?

7.1.3.2.1. Oportunidades relatadas pelos entrevistados

As oportunidades relatas mais frequentes também foram concentradas em temas para facilitar a análise, que são: recursos e relações humanas – mobilização e engajamento, citadas por oito respondentes; aumento de investimento e ampliação em educação – sensibilização, por seis respondentes; recursos ambientais, por dois entrevistados, e os demais citados cada um por um respondente - desenvolvimento de hortas urbanas, construções sustentáveis, mais espaços de lazer, e preservação do contexto histórico, cultural e ambiental do espaço público.

O maior destaque foi sobre poder de mobilização, engajamento e atração de mais pessoas para apoiar na transformação do espaço público. Entende-se a força da gestão participativa, cidadania ativa e democrática das pessoas atuantes. Como pode ser observado no relato de E4, que diz:

> As oportunidades, eu vejo sempre do lado humano e eu estou vendo que tá tendo um fortalecimento das comunidades entorno das demandas para esse sonho acontecer. Então eu acredito que, aos poucos, as comunidades estão começando a assumir um protagonismo político, *bottom up*, e não mais *top down*. O *top down* é política e dinheiro impondo como as coisas devem ser. E o *bottom up* é a comunidade trazendo as suas exigências e suas demandas. Eu acho que essa política não é representativa, ela é participativa, ela é minha esperança assim. E eu acho que é a grande oportunidade de dar força a isso.

Este tipo de mobilização foi observado em campo quando havia cartazes espalhados pelos postes de iluminação e muros da PN com objetivo de informar e convidar os usuários a participarem da petição para a ampliação da praça. Tal mobilização foi articulada pelo grupo de moradores do entorno que fazem parte do Comitê de Usuários da PN (Figura 56). Durante o encontro presencial sobre o tema, domingo dia 22/08/2021, houve presença de representantes de diferentes iniciativas como: O&A, CI, “(se)cura humana”, Pompeia Sem Medo e Fórum Verde Permanente.

Figura 56 – Representação dos cartazes espalhados na Praça da Nascente para mobilizar os usuários pela ampliação da praça, faixa e encontro presencial dos representantes. (a) cartazes da petição; (b) faixa “#Pela ampliação da Praça da Nascente”; (c) reunião presencial na praça.

(a) (b) (c)

Fonte: Acervo da autora, 2021 (a); extraído de Instagram Comitê da Nascente, 2021 (b) e (c).

Além de ser um espaço de encontro, que com a realização de festas e atividades pode atrair mais pessoas. De acordo com Gehl (2015, p.158), há muita criatividade solta na sociedade, ou seja, as pessoas tocam música, cantam, dançam, jogam, exercitam-se e praticam esportes como nunca, nos espaços públicos. “O número de festivais, festas de rua, noites culturais, dias sem carro, desfiles, festas à beira mar e eventos esportivos aumenta continuamente e esses eventos atraem muitas pessoas. Assim como nas praças e ruas estreitas da cidade, a música

subitamente ganha vida – principalmente se o espaço for dimensionado de acordo com os sentidos humanos. Aqui realmente podem acontecer verdadeiros eventos musicais!” (GEHL, 2015, p.155).

Uma das práticas estratégicas iniciais utilizadas para atrair as pessoas a ocupar a PN pelo coletivo O&A foi realizar festivais com atividades diversas com atrações musicais, artísticas, educativas, comidas e bebidas como uma festa entre amigos do bairro, que com o tempo foi tornando-se referência e atraindo pessoas de outros bairros. Também foi relatado a presença de grupos musicais como: Bloco da Água Preta, maracatu, pífanos e danças circulares. Percebeu-se nos relatos que a festa em si foi uma prática urbana utilizada por várias iniciativas como uma forma de promover o encontro, o convívio social entre os moradores, apenas trocou-se a nomenclatura para piquenique colaborativo, bloco de carnaval, festa junina, confraternização de final de ano e comemorações de aniversário e assim por diante.

A segunda oportunidade mais relatada foi o investimento na ampliação da educação e sensibilização, sendo a praça considerada um espaço educativo. De fato, nas visitas de campo e nas observações das redes sociais notou-se a prática educativa muito presente como a realização de campanhas e instalação de plaquinhas para conscientizar o descarte adequado dos resíduos dos cachorros com objetivo de promover a limpeza do espaço como também a preservação das águas de boa qualidade das nascentes. Além de receber visitas de escolas para as crianças conhecerem de perto como nasce a água de uma nascente ou como é a vegetação do bioma do cerrado e desenvolver oficinas sobre a prática de algum assunto escolhido como relatado por E3: "(...) compartilhar conhecimento sobre como plantar, respeitar o ciclo da natureza, fazer uma compostagem, como doar seu resíduo."; e a partir da prática entender que tudo está conectado como disse E9: “Tudo está conectado! A Amazônia, a chuva, a energia cara...Se não preservar a água, não vai adiantar reclamar depois.", que por meio do próprio espaço público é uma grande oportunidade de compartilhar conhecimentos e práticas pelas iniciativas presentes como uma maneira de replicar ou mesmo desenvolver multiplicadores. Por isso, Freire (2018) afirma que “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.”

Em terceiro lugar, tem-se a oportunidade de valorizar os recursos naturais presentes na praça, tendo em vista que ela possui suas características naturais, geográficas e topográficas únicas, que fazem dela um espaço muito importante e,

assim, ser referência pela forma de uso e conservação da PN para além dela, para outros espaços.

7.1.3.2.2. Dificuldades relatadas pelos entrevistados

As dificuldades relatadas, reunidas por tema são: ausência de envolvimento do setor público, citadas por oito entrevistados; a relação dos interesses do setor privado, por cinco entrevistados; e mais pontualmente - mobilização de pessoas, falta de acesso à informação e educação de qualidade, problemas de assistência social, relações interpessoais / convívio social, a relação entre os diferentes setores: público, econômico e acadêmico, conflitos de interesses, e falta de valorização do espaço público.

Alguns acharam mais fácil de descrever as dificuldades do que as oportunidades:

> É mais fácil falar das dificuldades, que são o engessamento de um modo de pensar e atuar do poder público e do econômico, que constrói a cidade. Então a grande dificuldade é romper essa barreira entre: academia e a comunidade de um lado desejando uma cidade mais verde e ecológica, e o poder econômico e o poder político que ainda tá viciado em práticas obsoletas. Esse é o grande discurso, o grande debate e grande dificuldades. (E4)

A ausência de envolvimento do setor público foi uma dificuldade em destaque, pois relataram e confirmaram algumas das observações registradas pela autora no capítulo de visita em campo. Por exemplo, o fato de haver acúmulo de lixo nas coletoras e sacos de lixo dispersos dentro do espaço da praça é devido ao fato de a empresa de limpeza pública contratada pela Prefeitura não entrar na praça para coletar, demandando de algum morador voluntário ir pessoalmente à praça, coletar e deixar na calçada para a Prefeitura realizar a coleta. Ou então a Prefeitura não ter um calendário organizando as capinas na praça, que também demanda dos participantes das iniciativas realizarem ligações telefônicas ou canal *web* do 156 para solicitar a capina em massa. Neste caso foi relatado que denominam entre eles de “mutirão 156”. Isto é, demanda tempo maior de dedicação das iniciativas de moradores sendo que seriam obrigações básicas da própria Prefeitura. Como também relatado, todos já pagam impostos e o serviço básico de limpeza pública já deveria estar contemplado de forma básica para a manutenção do espaço público.

Os interesses do setor privado foi a segunda dificuldade mais relatada, principalmente tendo em vista a elevada especulação imobiliária do bairro e a força

do mercado imobiliário no município de São Paulo, os quais nem sempre levam em conta os interesses comuns de proteção das nascentes e de áreas verdes importantes para a qualidade de vida e o bem-estar de todos, valores de vida que deveriam estar acima do capital. Isto é, deveria ser um acordo coletivo respeitar o que é previsto nas leis de preservação ambiental. Devido a esta questão, nos últimos oito anos, houve uma mudança na estratégia de mobilização das iniciativas presentes na PN e sua rede de apoio podendo ser caracterizada como uma prática mais forte das ferramentas de *advocacy*, para que pudessem juntos proteger as duas nascentes no terreno adquirido para novos empreendimentos ao lado da praça. Por isso, Hori (2018) em seu estudo percebeu como um desafio o fato de a ação ativista ser apropriada pelo mercado.

A terceira dificuldade relatada foi a mobilização das pessoas ao longo destes últimos anos, pois é necessária a manutenção da atenção ao espaço como também nas atividades demandadas, que precisam de tempo e energia de dedicação, algo que pode ser cíclico dependendo da fase de vida da pessoa participante. O que faz, às vezes, ter voluntários mais permanentes e ativos do que outros. Conforme relatado por E13:

> Eu acho que as dificuldades elas estão ligadas à manutenção dessa atenção do bairro. (...) **Como manter o bairro atento àquele espaço, porque exatamente é isso que mantém o lugar, né?** As pessoas atentas, quero dizer, presentes, tendo apreço pelo lugar. Como manter essa chama acesa no bairro? (...) as dificuldades estão ligadas à dinâmica da nossa vida, né? (...) dificuldade é como mobilizar as pessoas, como conquistar essas energias em direção ao foco comum. (Destaque da autora)

Neste sentido, também relatado por E8:

> As dificuldades é que não tem nenhum patrocínio. **É tudo feito na raça e tudo depende então das pessoas.** (...) Por isso, que é um **trabalho de arte relacional**, eu tenho que convencer as pessoas de que isso que eu estou falando é importante, que vale a pena me ajudar. (Destaque da autora)

Já por outro lado do desafio de mobilização das pessoas é a dificuldade das relações interpessoais e de convívio social, ainda de acordo com o último relatante:

> (...) E também atrapalham. Tem gente que arranca plantas. Então, assim, as dificuldades é conviver com as pessoas e a oportunidade é conviver com as pessoas. As duas coisas estão ligadas, entendeu? Qualquer dinâmica, seja do cerrado, da nascente (...) **Afinal de contas, qualquer ato ativista depende de pessoas se relacionando e da comunicação entre elas**. (Destaque da autora)

Em alguns casos há relatos que podem resultar em uma oportunidade e um desafio ao mesmo tempo, como é o caso das relações humanas, que podem ter

conflitos, mas sem elas não é possível realizar a manutenção do espaço ou mesmo criar laços afetivos com o espaço e com os outros frequentadores.

Com sinergia a dificuldade de relações interpessoais, outra percepção foi a existência de conflitos de interesses entre os atores envolvidos para o uso e conservação do espaço público e a dificuldade em dialogar entre os setores, público e privado, versus o tempo de cada um e sua burocracia, que são tempos diferentes daquele que a realidade exige. Por exemplo, foi relatado que no desenvolvimento do projeto de revitalização da praça houve apoio do setor acadêmico trazendo a teoria para prática com base nas necessidades do espaço e da sua comunidade no entorno, por isso foi optado por seguir o projeto utilizando soluções de infraestrutura verde. Mas na prática não foi viável aplicar todas as soluções mais ecológicas, devido aos custos operacionais mais elevados ou recursos mais inovadores, que inviabilizaram a sua aplicação via Subprefeitura regional por não ter à disposição os recursos necessários.

7.1.3.3. Estes desejos estão alinhados com as iniciativas que representam?

A maioria dos entrevistados representantes de iniciativas relataram seus desejos estarem alinhados com as respectivas iniciativas: "Sim, tá bem alinhado, a gente pensa muito parecido e, por isso, que a gente está junto até hoje. A gente se ama muito e a gente tem esse mesmo pensamento sim. Está bem alinhado." (E12)

Outro desejo trazido foi de que as iniciativas para o uso e preservação de espaços públicos deveria ser algo básico oferecido pelo setor público sem necessitar demandar dedicação e energia dos moradores do entorno[1] - desejo de ir à praça apenas para desfrutá-la e não para resolver problemas.

> Sonho de que o coletivo seja apenas **um grupo de amigos curtindo a PN**, que a Prefeitura funcione e as pessoas se auto-organizarem sem precisar deles. (E1)

> Então nosso **desejo sempre foi que não precisasse haver um movimento organizado**, que não precisasse haver uma vizinhança mobilizada e que isso acontecesse de algum modo, como acontecem em outras cidades, que o poder público cuide dos espaços que são coletivos e que os mantenha em boas condições, ter canais de comunicação com os moradores e as coisas aconteçam. (...) primeiro que houvesse um Boa Praça entorno de cada praça

[1] Segundo a Lei Municipal nº 16.212, de 10 de junho de 2015, que dispõe sobre a gestão participativa das praças do município de São Paulo, Artigo 9: “O comitê de usuários citado no inciso II do art. 6 desta lei é formado por iniciativa dos munícipes interessados em contribuir voluntariamente na gestão da praça, sendo constituído por, no mínimo, 4 (quatro) moradores do entorno e usuários em geral.”

> e depois que ele **não precisasse existir como movimento organizado**, porque aquilo viraria, o natural, digamos assim. (E6)

> Eu vejo que uma coisa muito boa é a **praça ser apropriada pelas pessoas e que o coletivo nem precisa existir**, esse é o nosso ideal, né? As pessoas se envolver também nos cuidados. (E12)

Outro desejo relatado lado, após um período de isolamento social devido a pandemia COVID-19 foi de voltar ao convívio: "Agora o desejo é de aglomerar, de abraçar e se sentir mais forte para continuar esse trabalho." (E9)

Os trabalhadores dos comércios do entorno da praça possuem interesses e desejos diversos, pois para eles seria interessante haver um prédio residencial que poderá reverter em mais clientes e, consequentemente, alavancar as vendas e lucros dos seus negócios.

> Para que mais pessoas venham para a praça e que quanto mais gente (...) que vem para conhecer a praça e que conheçam nosso estabelecimento também (para consumir). (...) Às vezes, tem uns showzinhos, um evento que as pessoas fazem e muita gente vem para cá (para consumir). Então nosso desejo como comércio é que continue, e venha mais pessoas, e que a praça seja bem conservada. Esse é nosso desejo como comércio. (E15)

> Que fosse um prédio (risos). Seria ótimo (risos)...É mais clientes, né? Para o comércio, seria ótimo. (E16)

Para o pesquisador, seu desejo é fazer a ponte entre a academia e a sociedade civil:

> Eu acho que essa visão, ela é compartilhada com as pessoas que pensam como eu, né? Eu acho assim, **eu me considero um acadêmico ativista**, então assim, eu estou entre a academia e entre os coletivos... e a minha turma, **grupo de estudo** dentro da Escola da Cidade, **se autodenomina de acadêmicos ativistas ou de pesquisadores ativistas**, porque a gente realmente tá com um pé em cada lugar. Eu estou tentando construir uma ponte, entre essas duas instâncias, de um lado como o outro, eu **sou construtor de pontes**. (E4)

Neste último caso, já é possível observar a participação de pesquisadores em iniciativas coletivas para uso e conservação de espaços públicos como no Fórum Verde Permanente.

7.1.3.4. Como você vê a praça daqui para frente?

Nesta pergunta buscou entender o que cada indivíduo imagina de fato como será a PN daqui para frente, tomando como base a análise das oportunidades e desafios do seu desejo. Conforme o relato a seguir:

"(...) eu espero que eu veja a praça como um lugar bom para as pessoas. As pessoas passarem um tempinho para refletir. É um lugar bom para ler. E é um lugar bom para tudo." (E15)

Vários relataram que veem a PN como está, sendo preservada e ocupada:

> Sendo **preservada exatamente como está**. (E2)
>
> Igual como está hoje, porém ampliada tendo as águas naturalizadas e destamponadas até a foz. (E5).
>
> Mas, de qualquer forma, eu acho que ela tá muito agradável, gosto de lá, **eu não acho que tem grandes melhorias a serem feitas ali agora**... Eu acho que **a gente chegou em um ponto de desfrutar daquele lugar** (...) quer dizer **desfrutar e mantê-lo, para não perder aquele espaço, que foi conquistado** (...) pode ser até, por isso, que eu me afastei um pouco, porque eu não vejo muito mais do que a gente pode conquistar. Aliás, a não ser a questão do prédio. (E13)

Também acreditam que para isso acontecer, será preciso manter e ampliar as relações entre as pessoas e instituições como:

> A gente acredita que os espaços públicos possam ser bem mantidos se tiver um **tripé de atuação**, **que são os vizinhos daquele entorno, o poder público e instituições ou comércios ou empresas daquele território.** Então a gente acredita na **união dos atores** daquele território para manter e para ocupar. Enfim, promover uma melhor qualidade de vida nesses lugares. (E6)

Isso também pode ser visto ao relatar sobre a importância da "**Continuidade do Comitê de Usuários na Praça da Nascente**". (E7)

A iniciativa da PN ser referência para multiplicação de cuidados em outros espaços da cidade:

> Ponte com outros projetos de outros territórios. (E7)
>
> (...) eu vejo a praça daqui para frente, cada vez mais, como **um símbolo de uma cidade que a gente pode construir juntos**. Não uma cidade imposta, mas como uma **cidade colaborativa**, e que parte desse seu desempenho parte do **desejo do cidadão**, e do **respeito**, e da **convivência com a natureza na cidade**. (E12)
>
> Proposta de fazer uma composteira comunitária dentro da PN. (...) Ponte **com outros projetos de outros territórios**. (E7)

Para Meadows (2007, p.269), para ocorrer uma revolução sustentável profunda é preciso ter sistemas com "informações relevantes, obrigatórias, selecionadas, convincentes, oportunas e precisas fluindo em novas formas para novos destinatários, carregando novos conteúdos, sugerindo novas regras e metas" e sistemas que "resistem fortemente a mudanças em seus fluxos de informação, particularmente no que diz respeito a regras e metas". Como também ter ferramentas de "*visioning*, rede

de comunicação, sinceridade, aprendizado e amor". "Assim sua aplicação persistente e constante, inicialmente por um grupo relativamente pequeno de pessoas, teria o potencial de gerar enormes mudanças – até mesmo para desafiar o atual sistema, talvez ajudando a produzir uma revolução." (MEADOWS, 2007, p.271).

8. CONCLUSÕES

Por meio das visitas de campo, das entrevistas e da leitura de publicações sobre a PN ficou claro que os moradores do entorno e participantes de inciativas como o O&A foram essenciais para a história de revitalização desta praça, atuando como grandes guardiões do espaço público e das nascentes presentes nele.

Foi possível observar, que ao longo dos últimos anos, este grupo de moradores organizaram festivais, mutirões, mobilizações, reuniões, *workshops*, construção dos lagos e das cacimbas, providenciaram parcerias para a o projeto e execução da reforma necessária para a revitalização do espaço público, participaram de outros projetos em sinergia com a praça como o Programa "Observando o Tietê" em parceria com a SOS Mata Atlântica, apoiaram o Cerrado Infinito no replantio de vegetação nativa, realizaram visitas guiadas de escolas e faculdades, e fazem a gestão participativa da praça ligando para o canal 156 da Prefeitura ou diretamente na Subprefeitura regional da Lapa para solicitar reparos e melhorias na praça, ou seja, fortalecendo assim o diálogo do grupo com o poder público.

O coletivo também atua fortemente com *advocacy*, que neste caso é realizado, principalmente, por meio de intervenção judicial contra a construção de um prédio residencial ao lado da praça e, consequentemente, luta por melhores políticas públicas participando ativamente em audiências públicas para discussão da revisão PDE municipal, articulando e apoiando no desenvolvimento do projeto de lei para a proteção das nascentes - águas urbanas.

Ao desenvolver a linha do tempo com as principais atividades de atuação do coletivo O&A (Figura 12), percebeu-se que ele também recebeu apoio de outras iniciativas com atuação direta ou indireta na PN, podendo ser considerado uma grande rede composta por várias comunidades de prática com trocas de informações e aprendizagens informais. Assim como o inverso também aconteceu, ou seja, os participantes do próprio O&A também apoiaram outras iniciativas em outros espaços públicos, dentro e fora do bairro ou mesmo para além da Zona Oeste, como uma forma de fortalecer uma rede até então quase invisível aos olhos externos.

Quando foi dado um foco maior na história do espaço buscando informações por meio das observações das redes sociais das iniciativas ou mesmo ao longo dos relatos dos indivíduos participantes na fase de entrevistas, ficou mais evidente que há diferentes autodenominações / classificações destas iniciativas de apoio a PN. Por exemplo, algumas não se autodenominam como um coletivo urbano pelo fato de ter apenas uma ou duas pessoas atuando mais ativamente no dia a dia da iniciativa ou por afirmarem não ter uma organização bem definida.

Por isso, percebeu-se que não há uma regra padrão na definição de uso do termo coletivo ou movimento social entre eles. Portanto, não foi possível classificar o O&A e outras iniciativas atuantes na praça em um único tipo de movimento social definido por Gohn (2017), tendo em vista que é algo muito dinâmico e fluido conforme a necessidade do momento vivido nas atividades da PN ou mesmo podendo ser uma mistura das definições de Gohn (2017).

Já sobre a nomenclatura do foco de atuação, não se consideraram ou demonstraram ser unicamente iniciativas de revitalização de espaço público, mas também atuam como iniciativas artísticas, culturais, musicais, políticas e ativistas para além de socioambientais. Tendo como objetivo principal voltado ao direito à cidade, ao bem comum, ao bem-estar, e ao uso e conservação do espaço público.

Assim, a partir da pesquisa desenvolvida, foi possível atingir os 04 objetivos específicos propostos e, consequentemente, o objetivo geral.

No primeiro objetivo específico foi possível levantar os principais aspectos ambientais da PN: a peculiaridade da sua topografia com diferentes níveis, pedras, plantas e suas nascentes aflorando no terreno, que permitem desenvolver serviços ecossistêmicos e uma rica biodiversidade atraente aos frequentadores. Os aspectos socioculturais presentes são voltados para um uso diverso do espaço sendo utilizado para convívio social entre vizinhos, familiares e amigos, com práticas diferentes desde passear com cachorros, realizar exercícios físicos, realizar intervenções artísticas e educativas até ser palco de festas e blocos de carnaval. Os aspectos históricos são voltados para uma fase de insegurança e abandono da praça até uma nova fase a partir de 2013, a qual um grupo de moradores do entorno começaram a realizar ações de revitalização e manutenção do espaço, para que se tornasse um território ocupado por todos e, consequentemente, seguro. Os aspectos socioeconômicos são voltados para um contexto de elevada especulação imobiliária e gentrificação no bairro, que fortalece a gestão participativa do espaço e o envolvimento dos moradores com

órgãos públicos para lutar pela conservação das águas urbanas e áreas verdes locais acima dos interesses do mercado imobiliário, que demostrou semelhança com outros momentos históricos como a luta de movimentos sociais pela implementação do Parque Augusta.

No segundo objetivo específico foram mapeadas as iniciativas e ações existentes no território totalizando duas iniciativas principais denominadas: Ocupe & Abrace e Cerrado Infinito, as quais contribuem para o uso e conservação do espaço da praça. Além delas foram percebidas outras iniciativas presentes como uma rede de apoio, que somam esforços em momentos pontuais de acordo com a necessidade. Além de ações individuais e coletivas de uso do espaço com intenção de serem recreativas, educativas, artísticas, culturais, contemplativas e outras práticas que fortalecem a saúde física e mental dos frequentadores.

No terceiro objetivo específico foi possível identificar as principais características das pessoas que frequentam e atuam no espaço, as quais são em sua maioria moradores do entorno da praça, adultos, classe média-alta, graduados e pós-graduados, profissionais com possibilidade de trabalho remoto e flexível, e usam a praça como uma extensão das suas casas para encontrar com vizinhos e amigos do bairro em um espaço verde e aberto, passear com seus filhos e animais de estimação.

No quarto objetivo específico foi possível identificar as motivações relatadas com mais frequência, que foram: a indignação e incômodo com o modo de vida na cidade, convívio social com os vizinhos do bairro relação afetiva com o meio e o Córrego Água Preta, o trabalho coletivo, preservação e manutenção do espaço público. Já os fatores foram percebidos como sendo fatores internos ao indivíduo e fatores externos a ele, sendo destaque aqueles que envolvem as relações humanas e o sentimento de “fazer juntos”.

Apesar dos objetivos terem sido atingidos, um dos maiores desafios ao longo do processo de pesquisa foi a sua realização durante o contexto limitador de crise sanitária da pandemia COVID-19, que dificultou as visitas de campo e a observação de ações coletivas presentes na praça. Já na fase de entrevistas foi desafiador encontrar proprietários de estabelecimentos comerciais do entorno com disponibilidade de tempo para participar da pesquisa, que demandou mais tempo do que esperado. Devido estes imprevistos e outros, faltou tempo de qualidade para aprofundar em algumas análises dos resultados. Sendo necessário e recomendado estudos futuros com uma análise mais profunda sobre as relações biofílicas entre os

participantes de iniciativas em espaços públicos como praças e seus benefícios no contexto contemporâneo e pandêmico (crises planetárias).

Conclui-se, que as ações coletivas já estão provocando uma revolução gentil e sustentável, que reverberam afetivamente para além da PN e inspiram novas iniciativas em diferentes espaços pelo município, as quais podem ser adaptadas a sua cultura local e replicadas como práticas sociais transformadoras tanto para uma possível revitalização de um espaço, com ou sem nascentes, quanto para a necessária mitigação de um dano ambiental já produzido.

Para tanto, os espaços públicos possuem um grande potencial educativo, sendo ele formal ou informal, e podem tornar-se referências com grande visibilidade em meios nacionais e internacionais como a PN, devido a sua função ecossistêmica, biodiversidade, preservação das nascentes urbanas e resgate da vegetação nativa. Além de propiciar relações interpessoais de diversas ordens e oferecer contato com a natureza, saúde física-mental, lazer gratuito e bem-estar a comunidade do entorno.

Desta forma, esta pesquisa buscou inspirar outros estudos futuros com mais profundidade no tema dando luz ao importante papel do pesquisador como construtor de pontes entre a universidade e sociedade; contribuir com o dados tanto para melhorias de políticas públicas quanto para luta pela defesa dos direitos à cidade e justiça ambiental; como também divulgar as ações coletivas para fortalecimento do uso e conservação de espaços públicos semelhantes ao estudado, com a elaboração de um conjunto de boas práticas aplicadas pelas iniciativas na PN.

9. RECOMENDAÇÕES

A partir deste estudo foi possível indicar que as ações coletivas ocorridas na PN tiveram três fases principais compostas por conjuntos de atividades quase simultâneas, que podem servir de recomendações para situações simulares em outros espaços públicos, os quais também possuem potencial de serviços ecossistêmicos e mobilização social por meio de uma comunidade engajada e atenta as questões socioambientais “glocais” (Figura 57).

A primeira que é composta pelos estímulos necessários para iniciar as ações de uso e ocupação do espaço público como praças por meio da mobilização e empoderamento dos moradores do entorno, sendo importante encontros frequentes - em horários e dias da semana que a maioria tenha disponibilidade - com diálogo para entendimento do cenário, suas prioridades e os desejos comuns. Assim, reconhecer

este primeiro grupo engajado de moradores como uma iniciativa coletiva e afetiva com um objetivo comum, corresponsabilidades e participantes com habilidades diferentes e perfil mão na massa para desenvolvimento de soluções criativas. No caso da iniciativa O&A, a grande motivação de transformar o espaço para reduzir o incômodo de insegurança e o “fazer fazendo” foram combustíveis constantes na realização de atividades aos finais de semana como: mutirões de limpeza, piqueniques colaborativos, festivais com apresentação de grupos musicais-culturais e comes-bebes; além de oficinas diversas em parceria com a rede de apoio. Para isso, as TICs são ferramentas essenciais tanto para a comunicação quanto para a divulgação de conteúdos digitais em redes sociais como Facebook, Instagram e WhatsApp – antes, durante e depois de cada ação.

A segunda busca desenvolver e realizar diferentes intervenções para revitalização do espaço, sendo a sensibilização constante por meio da arte e educação, desenvolvimento de práticas sustentáveis e conviviais como hortas comunitárias, sinalização em plaquinhas de madeira reaproveitadas e pintadas a mão, e conservação das nascentes em pequenos lagos como uma forma de tornar um espaço agradável e de permanência em diferentes horários do dia.

A terceira é composta pelo poder de articulação em rede e diálogo com diferentes setores para promoção de parcerias e melhorias como: desenvolvimento de uma rede de apoio composta por outras iniciativas que podem trocar informações sobre experiências práticas; parceria com universidades para desenvolvimento conjunto de projetos de extensão sendo uma ponte entre a academia e a sociedade; parceria com escolas locais para visitas educativas na praça; diálogo com os órgãos públicos para negociar os direitos à cidade, principalmente, com a Subprefeitura regional para solicitar obras de revitalização da praça; além de participar ativamente de audiências públicas com temas em sinergia as causas de luta, CADES regional e desenvolvimento de um Comitê de Usuários sendo uma forma de apoiar na gestão compartilhada do espaço. Neste contexto as práticas de *advocacy* estão presentes para propor melhorias de políticas públicas para o bem comum. Por fim, a participação de eventos e entrevistas a grande mídia como uma forma de compartilhar experiências vividas e dar visibilidade à PN – espaço histórico. Logo, a comunicação, interna e externa, está apresentada como uma prática constante e transparente em todas as fases aqui representadas sendo muito importante para as ações coletivas.

Figura 57 – Boas práticas do Coletivo Ocupe & Abrace para replicar em outros espaços públicos como praças.

Fonte: Elaborada pela autora, 2022.

Espera-se que esta consolidação da sabedoria coletiva desenvolvida e aplicada pela iniciativa O&A na PN, aqui apresentada por meio dos conjuntos de boas práticas, sirva de inspiração e referência para replicar em outros espaços públicos dentro e fora do município de São Paulo.

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACSELRAD, H., MELLO, C. C. A., BEZERRA, G. N., **O que é justiça ambiental**. – Rio de Janeiro: Garamond, 2009. 160p.
ADVOCACY HUB. Sobre a organização. Disponível em: https://www.advocacyhub.org/. Acessado em: Ago. 2022.
AGENDA 2030. **Objetivos De Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: http://www.agenda2030.com.br/os_ods/. Acessado em: Mar. 2020.

A NASCENTE MORA AQUI. Perfil Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/anascentemoraaqui/. Acessado em: 27 set. 2021.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. EDIÇÕES 70, LDA, Portugal, 1977, 226p.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo** / Laurence Bardin; tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016. 279p.

BONZI, R. S.; **Andar sobre Água Preta: a aplicação da infraestrutura verde em áreas densamente urbanizadas.** 2015, 159p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.

BRAGA, E. O. Gentrificação. In: GRIECO, B; TEIXEIRA, L; THOMPSON, Analucia (Orgs.). Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural, 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete). ISBN 978-85-7334-299-4. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/78/gentrificacao. Acessado em: Abril 2022.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acessado em: 19 abr. 2022.

BRASIL. [Estatuto da Cidade]. **Estatuto da Cidade**. – 3. ed. – Brasilia : Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2008. 102 p.

BRASIL. Lei N.12.852/2013**. Estatuto da Juventude**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm. Acessado em: Abr. 2022.

BRASIL. Lei N. 8842/1994. **Política Nacional do Idoso**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8842.htm. Acessado em: Abr. 2022.

BRELÀZ, G. Advocacy das Organizações da Sociedade Civil: Principais descobertas de um estudo comparativo entre Brasil e Estados Unidos. XXXI Encontro da ANPAD 2007. Rio de Janeiro / RJ – 22 a 26 de setembro de 2007.

BURCHARD-LEVINE, A. Spaces of everyday resistance: the right to the city. In: **Voices of Latin America: Social Movements and the New Activism**. GATEHOUSE, Tom (2019), Rugby, UK: Practical Action Publishing. Disponível em: https://lab.org.uk/voices/vola-ch-09/. Acessado em: Abr. 2022.

CABALLERO, D. **Guia de campo dos Campos de Piratininga, ou, O que sobrou do cerrado paulistano, ou, Como fazer seu próprio Cerrado Infinito**, vol. 1 / Daniel Caballero. 1. Ed. São Paulo: Ed do Autor, 2016, 181 p.

CAEX MPSP. Parecer Técnico nº 0186727 sobre a análise dos documentos inseridos no processo visando instruir a IC nº 652/14 da PJMAC. Processo n º 10068089420208260004. Disponível em: https://esaj.tjsp.jus.br/pastadigital/pg/abrirConferenciaDocumento.do. Acessado em: 02 Ago. 2022.

CAILLÉ, A.; VANDENBERGHE, F.; VÉRAN, J.F. **Manifesto Convivialista: declaração de interdependência**. Editora Annablume, São Paulo, 2016, 292p.

CALDEIRA, T. P. R. **Cidade de muros**. São Paulo: Editora 34, 2011.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. / Manuel Castells; tradução: Carlos Alberto Medeiros. - 2 ed. rev. e atual – Rio de Janeiro, 2017.

CERRADO INFINITO. Sobre Guia de Campo. Disponível em: https://www.cerradoinfinito.com.br/guia-de-campo. Acessado em: Fev. 2022.

CERRADO INFINITO. Perfil Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/cerradoinfinito/ . Acessado em: 27 set. 2021.

CÉSAR, V. A. B., JUNIOR, S. C., OLIVEIRA, V. M., Cidades Afetivas uma via ecológica para o bem-viver. In: **E-metropolis**, n. 31, ano 9, março 2018, p. 40-48. Disponível em: http://emetropolis.net/system/artigos/arquivo_pdfs/000/000/243/original/emetropolis32_art3.pdf?1522280850. Acessado em: Mar. 2022.

CHANGE.ORG. Essa vitória é nossa!. Disponível em: https://www.change.org/p/prefeitura-de-s%C3%A3o-paulo-mantenham-o-per%C3%ADmetro-da-pra%C3%A7a-da-nascente-sem-pr%C3%A9dios/u/29453083 Acessado em: Ago. 2021.

CHANGE.ORG. Pela ampliação da Praça da Nascente até a Av. Pompeia. Disponível em: https://www.change.org/p/prefeitura-de-s%C3%A3o-paulo-pela-amplia%C3%A7%C3%A3o-da-pra%C3%A7a-da-nascente-at%C3%A9-a-av-pompeia?redirect=false. Acesso em: 12 set. 2021.

CHRISTOPOULOS, T. P., DINIZ, E. H., A colaboração como fator diferenciador das comunidades de prática virtuais. **Gestão & Regionalidade**, ano XXI, n. 61, jan./jun.2005.

COMITÊ DA NASCENTE. Perfil Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/comitedanascente/. Acessado em: 27 set. 2021.

DOS SANTOS, K. M. O.; KATO, V. R. C.; **Coletivos urbanos e transformações do espaço público: o caso da praça da nascente e do coletivo Ocupe e Abrace em São Paulo.** XVI Jornada de Iniciação Científica e X Mostra de Iniciação Tecnológica – 2020.

DOSSIÊ OCUPE E ABRACE. História do coletivo. 2013-2016.

EARTH CHARTER. A Carta da Terra. 2021. Disponível em: https://earthcharter.org/wp-content/uploads/2021/02/Carta-da-Terra-em-portugues.pdf. Acessado em: Abril 2022.

ECOBAIRRO BRASIL. Sobre Ecobairro. Disponível em: https://www.ecobairro.org.br/. Acessado: Acessado em: 27 set. 2021.

EXISTE ÁGUA EM SP. Sobre. Perfil Facebook Existe Água em SP. Disponível em: https://pt-br.facebook.com/existeaguaemsp/. Acessado em: 27 set. 2021.

FARAHANI, L. M., MALLER, C. **Perceptions and Preferences of Urban Greenspaces**: A Literature Review and Framework for Policy and Practice. Landscape Online 61:1-22 (2018), DOI 10.3097/LO.201861

FEDERIZZI, C. L.; **Design para inovação social: a cidade feita pelas pessoas**. 2014, 128p. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, RS.

FESTIVAL PRAÇA DA NASCENTE. Facebook Festival Praça da Nascente. Disponível em: https://www.facebook.com/PracaDaNascente. Acessado em: 12 set. 2021.

FREIRE, P., 1921-1997, **Pedagogia do oprimido** / Paulo Freire - 66 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018, 246 pp.

FRÚGOLI JR, H. **Ativismos urbanos em São Paulo**. Cad. CRH vol.31 no.82 Salvador Jan./Apr. 2018.

GARCIA, V. A. A educação não-formal como acontecimento. **Tese de Doutorado em Educação**. Faculdade de Educação – Universidade Estadual de Campinas. 2009.

GATEHOUSE, M. The Spring versus The Buildings. **Latin America Bureau**, UK, 2019. Disponível em: https://lab.org.uk/the-spring-versus-the-buildings/. Acessado em: Abril 2022.

GEHL, J., 1936 – **Cidades Para Pessoas** / Jan Gehl; tradução Anita Di Marco. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2015, 262 pp.

GEOSAMPA. Mapa da representação da área pesquisada com destaque para as ruas do entorno da Praça da Nascente, Ortofoto 2017 - PMSP, Escala 1:2.000. Disponível em: http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx?id=99242. Acessado em: 03 Ago. 2022.

GEOSAMPA. Mapa da Subprefeitura da Lapa com destaque para o Distrito de Perdizes. Disponível em: http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx?id=2346. Acessado em: 07 Ago. 2022.

GEOSAMPA. Mapa digital da Área Verde presente na Praça da Nascente, no Município de São Paulo, Ortofoto 2017 - PMSP, Escala 1:2.000. Disponível em: http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx?id=73094. Acessado em: 03 Ago. 2022.

GEOSAMPA. Mapa Digital da Cobertura Vegetal no Município de São Paulo em 1988. Disponível em: http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx?id=77280. Acessado em: 02 Ago. 2022.

GEOSAMPA. Mapa digital da Hidrografia presente na Subprefeitura da Lapa com destaque para a Bacia Hidrográfica do Córrego Água Preta e a localização da Praça da Nascente. Disponível em: http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx?id=91237. Acessado em: 07 Ago. 2022.

GEOSAMPA. Mapa digital Político Administrativo do Município de São Paulo sobrepondo a Carta Geotécnica e o Mapeamento da Cobertura Vegetal 2020 com destaque para a Praça da Nascente e seu entorno. Disponível em: http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx?id=56320. Acessado em: 07 Ago. 2022.

GIARETTA, J. B. Z**., TIC e movimentos sociais no urbano do século 21**: interfaces e possibilidades na busca pelo direito à cidade. 2018. Tese (Doutorado em Saúde Global e Sustentabilidade) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, 2018. doi:10.11606/T.6.2018.tde-28062018-125528. Acesso em: 2022-05-24.

GIARETTA, J. B.Z; DI GIULIO, G. M. O papel das tecnologias de comunicação e informação (TIC) no urbano do século XXI e na emergência dos novos movimentos sociais: reflexões a partir de experiências na megacidade de São Paulo. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais [online]**. 2018, vol. 20, n 01. São Paulo. pp. 161-179. Jan.-Abr. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22296/2317-1529.2018v20n1p161>. ISSN 2317-1529. Acessado em: Maio 2022.

GOHN, M. G. **Educação não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. Cortez Editora, 127p, 2011.

GOHN, M.G. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. V.16; n.47, p.333-552, maio-ago.2011.

GOHN, M.G; **Manifestações e protestos no Brasil: Correntes e contracorrentes na atualidade**. Cortez Editora, 19p, 2017.

GRANDISOLI, E.; DE SOUZA, D. T. P.; MONTEIRO; R.A.A.; JACOBI, P. R. Participação, Cocriação e Corresponsabilidade: um modelo de tripé da educação para

a sustentabilidade. In: **Educar para a sustentabilidade: visões de presente e futuros**. GRANDISOLI, Edson; DE SOUZA, Daniele T. P.; MONTEIRO; Rafael de A.A.; JACOBI, Pedro R. São Paulo: IEE-USP: Reconectta : Editora Na Raiz,189p., 2020.

HARDER, I. C. F. et al. Índices de área verde e cobertura vegetal para as praças do Município de Vinhedo, SP. **Revista Árvore**, Viçosa, v. 30, n. 2, p. 277-282, 2006.

HARVEY, D. "**Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**". São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HERZOG, C. P. **Cidades para todos: (re) aprendendo a conviver com a natureza**. 1 ed. Rio de Janeiro: Mauad X, Inverde, 2013, 312p.

HERZOG, C. P., ROZADO, C. A., São Paulo: Praça da Nascente – cuidar das águas urbanas. In: **Diálogo Setorial UE-Brasil sobre soluções baseadas na natureza** – Contribuição para um roteiro brasileiro de soluções baseadas na natureza para cidades resilientes. Comissão Europeia. Bruxelas, 2019. 136p. Disponível em: https://op.europa.eu/en/publication-detail/-/publication/12818f2c-f545-11e9-8c1f-01aa75ed71a1/language-pt/format-PDF. Acessado em: Fev. 2021.

HORI, P. **Práticas urbanas inovadoras, insurgentes, democráticas**. In: XI Colóquio QUAPÁ-SEL, 2016, Salvador. Anais. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, QUAPÁ, 2016. Disponível em: http://quapa.fau.usp.br/wordpress/wp-content/uploads/2016/08/PR%C3%81TICAS-URBANAS-INOVADORAS-INSURGENTES-DEMOCR%C3%81TICAS.pdf. Acessado em: Ago 2020.

HORI, P. **A cidade ocupada e abraçada**. In: **ICHT 2017** – Imaginaire: construire et habiter la terre, 2017a, Lyon. Anais. Lyon: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; Université Jean Moulin, Lyon 3, 2017a, p. 124-131.

HORI, P. Os Coletivos Urbanos da cidade de São Paulo: ações e reações. In: **XVII ENANPUR São Paulo 2017**. Anais. São Paulo: ANPUR, 2017b. Sessão temática 6: Espaço, Identidade e práticas sócio-culturais. 17p., 2017.

HORI, P. **Práticas urbanas transformadoras: o ativismo urbano na disputa por espaços públicos na cidade de São Paulo**. 2018. 228 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

IBGE. Cidades. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-paulo/panorama. Acessado em: Maio 2020.

IBGE. Contas Nacionais Trimestrais Indicadores de Volume e Valores Correntes Out.-Dez. 2021, 4º tri/2021. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2121/cnt_2021_4tri.pdf. Acessado em: 16 Ago. 2022.

IBGE. População. Disponível em: https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18313-populacao-rural-e-urbana.html. Acessado em: Maio 2020.

IGC. Ortoimagem 2007. Disponível em: https://datageo.ambiente.sp.gov.br/app/?ctx=IGC#. Acessado em: Março 2021.

INATURALIST. Observações Praça da Nascente. Disponível em: https://www.inaturalist.org/observations?place_id=any&user_id=pracadanascente. Acessado em: Abril 2022.

JACOBI, P., Educação Ambiental, Cidadania e Sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, n. 118, março/ 2003, n. 118, p. 189-205, março. 2003.

JACOBS, J., 1916-2006. **Morte e vida de grandes cidades** / Jane Jacobs; tradução Carlos S. Mendes Rosa; revisão da tradução Maria Estela Heider Cavalheiro; revisão técnica Cheila Aparecida Gomes Bailão. 3 ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. 510 p. (Coleção cidades).

JARDIM AGROECOLÓGICO. Perfil Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/jardimagroecologico/. Acessado em: 27 set. 2021.

JUNIOR, S. C; CESAR, V. A. B. S. S; **Cidades Afetivas: vias convivialistas para o futuro de uma vida em comum**. Espiral, Rio de Janeiro, v. 4, p. 107-115, 2020.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade** / Henri Lefebvre; tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 3ª reimpressão, 2011.

LEGISLAÇÃO PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Decreto nº 59.290, de 19 de março de 2020**. Determina o fechamento dos parques municipais, sob a gestão da Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente, bem como do Parque das Bicicletas e do Centro Esportivo, Recreativo e Educativo do Trabalhador - CERET. Diário Oficial Eletrônico do Estado de São Paulo: São Paulo, 20 mar. 2020. Disponível em: http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/decreto-59290-de-19-de-marco-de-2020/consolidado. Acesso em: 27 out. 2021.

LEGISLAÇÃO PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Decreto nº 60.396, de 23 de julho de 2021**. Autoriza a realização de feiras, convenções, congressos e outros eventos, altera as disposições para expedição de novos alvarás de autorização para eventos públicos e temporários durante a situação de emergência decorrente do coronavírus, autoriza o funcionamento dos parques e equipamentos esportivos municipais, autoriza a retomada dos Termos de Permissão de Uso para a ocupação de mesas, cadeiras e toldos nos passeios públicos, de que trata o Decreto nº 58.832, de 1º de julho de 2019 e revoga o artigo 13 do Decreto nº 59.283, de 16 de março de 2020. Diário Oficial Eletrônico do Estado de São Paulo: São Paulo, 24 jul. 2021. Disponível em: https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/decreto-60396-de-23-de-julho-de-2021. Acesso em: 27 out. 2021.

LOTUFO, J. O. Ocupe & Abrace. In: **REVISTA LABVERDE/Universidade de São Paulo**. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Departamento de Projeto. LABVERDE – Laboratório Verde – v.1, n.7 (2013) –. São Paulo: FAUUSP, dez. 2013. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revistalabverde/issue/view/6139/60. Acesso em: Abr. 2020.

LOTUFO, J. O. Eventos – 2o Encontro do LABVERDE com o Ocupe & Abrace. In: **REVISTA LABVERDE/Universidade de São Paulo**. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Departamento de Projeto. LABVERDE – Laboratório Verde – v.1, n.8 (2014) –. São Paulo: FAUUSP, jun. 2014. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revistalabverde/issue/view/6387/88. Acesso em: Abr. 2020.

LOTUFO, J. O.; **Projeto sustentável: resiliência urbana para o Bairro da Pompéia**. 2016. 175p. Tese (Doutorado – Área de Concentração: Projeto de Arquitetura) – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

MARIA FARINHA FILMES. Filme documentário. O começo da vida 2: Lá fora. 2020. Disponível em: https://ocomecodavida2.com.br/. Acessado em: Dez, 2020.

MEADOWS, D. H., **Limites do crescimento: a atualização de 30 anos** / Donella Meadows, Jorgen Randers, Dennis Meadows. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2007, 364 pp.

MEYER, R. M. P., O urbanismo: entre a cidade e o território. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 58, n. 1, p. 38-41, Mar. 2006. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000100016. Acessado em: Maio, 2022.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÕES. Tecnologia Social. Disponível em: https://antigo.mctic.gov.br/mctic/opencms/ciencia/politica_nacional/_social/Tecnologia_Social.html. Acessado em: Abril 2022.

MINHA SAMPA. Precisamos agir agora: Nossas nascentes estão ameaçadas!. Disponível em: https://www.pracadanascente.minhasampa.org.br/. Acessado em: Abril, 2020.

MOREIRA, T. C. L.; POLIZEL, J.L; SANTOS, I.S; FILHO, D.F.S; BENSENOR, I; LOTUFO, P.A; MAUAD, T. Green Spaces, Land Cover, Street Trees and Hypertension in the Megacity of São Paulo. **Int. J. Environ. Res. Public Health** 2020, 17, 725.
Nações Unidas Brasil. Disponível em: https://nacoesunidas.org/pos2015/. Acessado em: Março, 2020.

NASCAR, G., Documentário A Nascente Mora Aqui, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1TreGrojtJ8&t=2s. Acessado em: Jul. 2020.

NEIMAN, Z., **Meio ambiente, educação e ecoturismo**. 1 ed. – Barueri, SP: Manole, 2002.

NOSSA SENHORA DA COMPOSTEIRA. Perfil Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/nossasenhoradacomposteira/. Acessado em: 27 set. 2021.

OCUPE E ABRACE. Perfil Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/ocupeeabrace/. Acessado em: 12 set. 2021.

ONU. The World´s Cities 2018 – Data Booklet. Disponível em: https://www.un.org/en/events/citiesday/assets/pdf/the_worlds_cities_in_2018_data_booklet.pdf. Acessado em: Maio, 2020.

ONU-HABITAT. NOVA AGENDA URBANA 2016. Disponível em: https://habitat3.org/wp-content/uploads/NUA-Portuguese.pdf. Acessado em 10 Ago. 2022.

ONU News. **ONU prevê que cidades abriguem 70% da população mundial até 2050**. Disponível em: https://news.un.org/pt/story/2019/02/1660701. Acessado em: Maio 2020.

PHILIPPI JR, A; VASCONCELLOS, M. P; COUTINHO; S.M.V. Cidades em movimento e os movimentos na cidade. **Jornal da USP**. Jul. 2017. Disponível em: https://jornal.usp.br/artigos/cidades-em-movimento-e-os-movimentos-na-cidade/. Acessado em: Abril 2020.

PLEYERS, G. Internet y las plazas: Activismo y movimentos de la década 2010. In: M.A. Ramírez Zaragoza, Movimientos socialies em México. Apuntes teóricos y estúdios de caso. México, DF: p.132-144, Colofón : Ciudad de México 2016.

PNAD - PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIO, 2015. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf. Acessado em: Maio 2020.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Editais Redes e Ruas SP**. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/fomentos/redes_e_ruas/index.php?p=18367. Acessado em: Maio 2020.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. Resultado primeira edição. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/Redes%20e%20Ruas_%20primeira%20edicao_1470695131.pdf. Acessado em: Maio 2020.

PROJETO TSGA – UFSC. Disponível em: https://tsga.ufsc.br/index.php/2014-12-29-16-35-59. Acessado em: Abril 2022.
RIOS E RUAS. Sobre a iniciativa Rios e Ruas. Disponível em: http://www.mostrarioseruas.com.br/iniciativa-nova.php. Acessado em: 27 set. 2021.

ROCHA, J.C.S.; COSTA, F.C.; COLCHETE FILHO, A.F**. O espaço público e a pandemia de Coronavírus: o Parque Halfeld em Juiz de Fora/MG**. *In*: IV SIMPÓSIO BRASILEIRO ONLINE DE GESTÃO URBANA, 4., 2020, Bauru, **Anais**. ISBN 978-65-86753-13-4. P.724-734.

TARROW, S. **O poder em movimento: movimentos sociais e confronto político**. / Sidney Tarrow: tradução de Ana Maria Sallum – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

TRANSITION BRASIL. O que é o Transition Towns? Disponível em: http://transitionbrasil.ning.com/page/o-que-1?xg_source=activity. Acessado em 10 Ago. 2022.

SÁNCHEZ, G.G. Factores que influyen sobre la Acción Colectiva. Estudio de caso de los vecinos de la calle Elsa en el barrio Sierra de los Padres, 2016, 121f.**Tesis de Grado de Licenciatura en Economía**. Universidad Nacional de Mar del Plata.

SÃO PAULO (Cidade). **Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente**. Cobertura Vegetal-Ranking Relativo, São Paulo, 2020.

SÃO PAULO SÃO. **Na Pompeia, a Praça da Nascente é um laboratório de cidadania.** Disponível em: https://saopaulosao.com.br/causas/3000-praca-da-nascente-laboratorio-de-cidadania.html# .Acessado em: Mai. 2020.

SÃO PAULO (Cidade). **Lei nº 16.212, de 10 de junho de 2015**. Dispõe sobre a gestão participativa das praças do município de São Paulo, e dá outras providências. Diário Oficial da Cidade de São Paulo, 11 jun. 2015, p. 1.

SÃO PAULO (Cidade). **Lei nº 16.817, de 02 de fevereiro de 2018**. Adota a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas (ONU) como diretriz de políticas públicas em âmbito municipal, institui o Programa de sua implementação, autoriza a criação da Comissão Municipal para o Desenvolvimento Sustentável (Agenda 2030) e dá outras providências. Diário Oficial da Cidade de São Paulo, 03 fev. 2018, p. 1, c.1-3.

SÃO PAULO (Cidade). **Projeto de Lei 01-00719/2021 do Vereador Professor Toninho Vespoli (PSOL)**. Dispõe sobre o cadastramento, monitoramento, proteção, conservação e recuperação das nascentes existentes no município de São Paulo, cria o "Programa Adote uma Nascente", e dá outras providências. Disponível em: http://www.docidadesp.imprensaoficial.com.br/NavegaEdicao.aspx?ClipID=14b354dd5c90531e4782b0dbaae3454c&PalavraChave=PROJETO%20DE%20LEI%2001-00719/2021. Acessado em: Nov. 2021.

SÃO PAULO (Cidade), **Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente** / Coordenação de Planejamento Ambiental. Mapeamento Digital da Cobertura Vegetal do Município de São Paulo. Relatório Final / Coordenação: OLIVEIRA, Vivian Prado de. São Paulo: SVMA, 2020. 112 pp.

SECOVI SP. Mercado imobiliário residencial de São Paulo mantém desempenho positivo.2021. Disponível em: https://www.secovi.com.br/noticias/mercado-imobiliario-residencial-de-sao-paulomantem-desempenho-positivo/15428. Acessado em: Abril 2022.

(SE)CURA HUMANA. Fotos das intervenções realizadas. Disponível em: https://www.securahumana.com/fotos . Acessado em: Abril 2022.

(SE)CURA HUMANA. Perfil Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/securahumana/. Acessado em: 27 set. 2021.

SESC SP. Ideias e ações para um novo tempo: Território em transformação - Mostra de iniciativas socioambientais 2017 / **Serviço Social do Comércio. – São Paulo: SESC, 2017**, p.116. Disponível em: https://issuu.com/sescsp/docs/catalogo_final_23-05?issuu_product=document_page&issuu_context=action&issuu_cta=save_publication. Acessado em: Abril 2020.

SIMIONATTO, I. **Classes subalternas, lutas de classe e hegemonia: uma abordagem gramsciana**. Rev. Katál. Florianópolis v. 12 n. 1 p. 41-49 jan./jun. 2009.

SPIRN, A. W. **O Jardim de Granito: A Natureza no Desenho da Cidade**. / Anne Whiston Spirn: tradução de Paulo Renato Mesquita Pellegrino. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995. 345p.

THE HIGH LINE ORG. Disponível em: https://www.thehighline.org/about/. Acessado em: Maio 2022.

UNEP. United Nations Environment Programme (2021). Becoming #GenerationRestoration: Ecosystem restoration for people, nature and climate. Nairobi. Disponível em: https://wedocs.unep.org/bitstream/handle/20.500.11822/36251/ERPNC.pdf. Acessado em: Março 2022.

WILSON, Edward Osborne, 1929 – **Biophilia**. President and Fellows of Harvard College. United States of America, 1984.

WRI BRASIL. Placemaking x gentrificação: a diferença entre revitalizar e elitizar um espaço público. 2016. Disponível em: https://wribrasil.org.br/pt/blog/2019/07/placemaking-x-gentrificacao-diferenca-entre-revitalizar-e-elitizar-um-espaco-publico. Acessado em: Abril 2022.

XIMENES, D.S; SILVA, G.M; MAGLIO, I.C.; CHIQUETTO, J. B; AMATO-LOURENCO, L. F; VASCONCELLOS, M.P; JACOBI, P.R; COUTINHO, S.M.V; CÉSAR, V.B. A importância dos espaços públicos e áreas verdes pós-pandemia na cidade de São Paulo (SP). **Revista LABVERDE. FAUUSP**. São Paulo, v. 10, n. 01, e172291, 2020.

11. ANEXOS E APÊNDICES

APÊNDICE A – Quadro de iniciativas mapeadas no Catálogo Territórios em Transformação - Sesc São Paulo, 2017.

Iniciativas	Organizações	Cidades
Região Oeste e Centro		
Sementes de consciência	AAMA - Associação Amigos dos Mananciais	São José do Rio Preto
Tempero a gosto	Grupo de Cestas Agroecológicas Mário Lago	Ribeirão Preto
Pesquisa e prática	NUPEDOR e Assentamentos Monte Alegre e Boa Vista	Araraquara
Jogos Ambientais	Projeto Ponte	Piracicaba
Economia Mais Justa	Rede Guandu	Piracicaba
Trilhas Preservadas	Veredas - Caminho das Nascentes	São Carlos
Um Novo Horizonte	Veracidade	São Carlos
Campinas e Arredores		
Mistura Familiar	Cooperacra	Americana
Sorocaba e Arredores		
Cadeia Alimentar	Amaranto Orgânicos	Sorocaba
Sustento Por Um Ano	CSA Sorocaba	Sorocaba
Vale do Paraíba		
Museu itinerante	Centro de Estudos da Cultura Popular	São José do Rio Preto
Saberes Valorizados	Instituto H&H Fauser	Paraibuna
Alicerces Sustentáveis	Coletivo Pupa Permacultura	São José dos Campos
Litoral de São Paulo		
Guardião das Matas	Coletivo Educador de Bertioga	Bertioga
Orgânicos em Santos	Secretaria Municipal do Meio Ambiente	Santos
Vale do Ribeira		
Biofertilizantes com perfil local	Biofábrica - Produção de Biofertilizantes especiais	Sete Barros
Resgate de Sementes	Paiol de Sementes Crioulas	Eldorado
Adaptação de tradições	Sistemas agroalimentares adaptados - Colhendo aromas e sabores	Cananéia
Região Metropolitana (RMSP)		
Consumidor Co-produtor	CSA ABC	Santo André
A força da comunidade	Nossas Vilas, Vielas e Quintais	Santo André
Sem Fronteiras	Quintal Itinerante	São Caetano do Sul
Do Isolamento para o compartilhamento	Rede Verde Sustentável	Cotia
Abelha Rainha	Sítio Floradas da Serra	Embu-Guaçu
Proteção Natural	Assentamento Dom Tomás Balduíno	Franco da Rocha

Capital Paulista		
Coletivo Transformador	Ângela de Cara Limpa - ACL	São Paulo
Um Quintal para Plantar	Associação de Agricultores da Zona Leste	São Paulo
Cultura Emação	Casa Ecoativa	São Paulo
Contra as Convenções	Cooperapas	São Paulo
Poder Orgânico	Horta Cores e Sabores	São Paulo
Diversidade na Lata	Imargem	São Paulo
Tecnologias disponíveis	Sempre Sustentável	São Paulo
Colheita Farta	Instituto NUA	São Paulo
Verde Comunitário	Ocupe & Abrace	São Paulo
Volta por Cima	Projeto Reviravolta	São Paulo
Educação e Diversão	Instituto GEA - Projeto Trianon Ambiental	São Paulo
Força de Vontade	Vila Nova Esperança	São Paulo

Fonte: Elaborada pela autora com base no Catálogo Sesc 2017, 2020.

APÊNDICE B – Quadro dos critérios selecionados para escolha da iniciativa do estudo com base no mapeamento acima realizado pelo SESC SP 2017.

No	Iniciativa	Bairro/Município	Subprefeitura	Valor m²/hab.	Objeto das ações	ODS
1	Ângela de Cara Limpa - ACL	Jardim Ângela/SP	M´Boi Mirim	6,68	Negócios Sociais	6
2	Associação de Agricultures da Zona Leste	São Mateus/SP	São Mateus	3,04	Hortas	6
3	Casa Ecoativa	Ilha do Bororé/SP	Capela do Socorro	13,62	Centro de ecoturismo	4
4	Cooperapas	Parelheiros/SP	Parelheiros	505,06	Cooperativa de orgânicos	4
5	Horta Cores e Sabores	Capão Redondo/SP	Campo Limpo	1,89	Hortas (Fechado)	0
6	Imargem	Grajaú/SP	Capela do Socorro	13,62	Intervenção Artística Represa	2
7	Sempre Sustentável	Ipiranga/SP	Ipiranga	10,72	Educação Ambiental	5
8	Instituto NUA	União de Vila Nova/SP	São Miguel	5,75	Desenvolvimento Social	5
9	Ocupe & Abrace	Pompéia/SP	Lapa	4,54	Praça Homero Silva	8
10	Projeto Reviravolta	Luz/SP	Sé	2,53	Moradores de Rua	6
11	Instituto GEA - Projeto Trianon Ambiental	Paraíso/SP	Vila Mariana	2,84	Educação Ambiental	3
12	Vila Nova Esperança	Jardim Esmeralda/SP	Butantã	5,65	Lixo e Horta	7

Fonte: Elaborada pela autora com base no Catálogo Sesc 2017, 2020.

APÊNDICE C – Protocolo Operacional Padrão utilizado nas visitas a campo.

Protocolo de Observações em Visitas de Campo	
Local visitado:	Nome da Praça: Bairro:
Data:	__/__/____
Dia da Semana:	( ) Segunda ( ) Terça ( ) Quarta ( ) Quinta ( ) Sexta ( ) Sábado ( ) Domingo
Horário Inic./Fim:	___horas ___minutos
Período:	( ) Manhã ( ) Tarde ( ) Noite
Clima:	( ) Sol ( ) Nublado ( ) Chuvoso ( ) Frio ( ) Calor
Estação do ano:	( ) Verão ( ) Primavera ( ) Outono ( ) Inverno
Observações:	

Fonte: Elaborada pela autora, 2020.

APÊNDICE D – Roteiros aplicados nas entrevistas semiestruturadas

Roteiro de referência para realização das entrevistas semiestruturadas. Apenas foram realizadas pequenas variações de acordo com o perfil do entrevistado (representantes de iniciativas, pesquisador e comerciantes).

Bloco 01: Relação com o bairro, a Praça da Nascente e seu entorno

- Conte mais sobre você e o local onde mora.
- Quanto tempo mora no local?
- Você trabalha próximo a praça? Há quanto tempo? Possui horário flexível?
- Você é casado(a)? Tem filhos? Animais de estimação?
- Você usa com frequência a Praça?
- Para você, qual é a importância da Praça?
- Qual foi a sua motivação para participar do coletivo?

- Quais as suas causas de luta?

Bloco 02: Transformações percebidas no território

- Quais transformações você tem observado no decorrer dos anos?
- Ocorreram transformações no local? Se sim, quais?
- Estas transformações têm alguma relação com os moradores, os coletivos e comerciantes locais? Se sim, quais?
- Para você, quais os fatores que influenciam as ações coletivas sobre o espaço público verde?
- Quais os aspectos que fortalecem este percurso?
- O que faz as pessoas participarem destas ações? Quais são os principais interesses?
- Com a pandemia, o que mudou? Alterou o espaço?

Bloco 03: Desejo para o futuro da Praça

- Qual é o seu desejo para o futuro da Praça da Nascente?
- Para você, quais as oportunidades e dificuldades para seu desejo ser realizado? E para o coletivo?
- O que o coletivo deseja para a praça?
- Quais as suas propostas?
- Como você vê a Praça daqui para frente?

Extra:

- Há algum outro aspecto que gostaria de acrescentar?

APÊNDICE E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Link de acesso do formulário digital realizado pela ferramenta do Google com o TCLE, para que o entrevistado acessasse antes da entrevista para poder analisar a sua participação de forma remota: https://forms.gle/jybQB2q6Ycq9XLzy9

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - FACULDADE DE SAÚDE PÚBLICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(A) Sr(a) está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa: “Territórios em transformação: fatores que influenciam ações coletivas de uso e conservação de um espaço verde público”.

Trata-se de um projeto de pesquisa para a obtenção do título de Mestre em Ciências, no Programa de Mestrado Profissional em Ambiente, Saúde e Sustentabilidade da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP-USP).

Este estudo é importante para diagnosticar os fatores que influenciam as ações coletivas sobre as áreas verdes urbanas, como praças e parques. Além de diagnosticar a importância destas ações coletivas para a conservação e o uso sustentável destes espaços, podendo contribuir com alguns dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Agenda 2030 (ONU, 2015) como o ODS 11 – Cidades e Comunidades Sustentáveis, que em sua meta 11.7 afirma “Até 2030, proporcionar o acesso universal a espaços públicos seguros, inclusivos, acessíveis e verdes, particularmente para as mulheres e crianças, pessoas idosas e pessoas com deficiência.” e ODS 12 – Consumo e Produção Responsáveis, que em sua meta 12.8 afirma “ Até 2030, garantir que as pessoas, em todos os lugares, tenham informação relevante e conscientização para o desenvolvimento sustentável e estilos de vida em harmonia com a natureza.”.

O objetivo geral da pesquisa é identificar e analisar os fatores que possam impulsionar ações coletivas ou individuais, visando o uso e a conservação de espaços públicos urbanos. Tendo como objetivos específicos: descrever aspectos ambientais, socioculturais, históricos, econômicos e políticos que estão presentes nos espaços públicos como praças; identificar as principais características das pessoas que frequentam o espaço; identificar e analisar os principais fatores que fortalecem ou desafiam a participação coletiva ou individual para uso e conservação do espaço.

A partir da seleção do *locus* de estudo, Praça Homero Silva - São Paulo (SP), serão identificados e analisados os fatores que podem influenciar as ações coletivas sobre espaços verdes públicos urbanos, tais como parques e praças, utilizando como ferramentas de coleta de dados a observação participante, o registro fotográfico e a realização de entrevistas semiestruturadas. A análise dos dados será realizada por triangulação dos resultados das entrevistas, dos dados observacionais e da literatura. A partir da literatura e da observação serão propostas algumas categorias de análise para elaboração das entrevistas, mas outras poderão surgir com o resultado destas.

A análise dos resultados das entrevistas será realizada por meio de análise de conteúdo, segundo Bardin.

Os participantes da pesquisa serão convidados a fornecer informações a respeito dos aspectos citados anteriormente. Ressalta-se que as entrevistas poderão ser gravadas. O material coletado será de uso exclusivo da pesquisadora, com a única finalidade de fornecer elementos para a realização da dissertação e dos artigos e comunicações que dela resultarem. Durante o processo em curso e mesmo na escrita da dissertação, será assegurada a confidencialidade dos dados e das informações que possibilitem a identificação dos participantes da pesquisa. Também é importante dizer que a pesquisa não é voltada diretamente a saúde e, por isso, ela oferece riscos mínimos, que podem ser relacionados ao desconforto do(a) entrevistado(a) ao responder como se sente em relação a praça, ou ao ser solicitado(a) a rememorar fatos durante a entrevista semiestruturada. Se, no decorrer do procedimento o/a participante vier a manifestar sua vontade de que a entrevista seja interrompida e/ou seu conteúdo não seja divulgado, a pesquisadora atenderá a sua vontade, garantindo ao participante da pesquisa o direito de abandono da mesma sem prejuízo para si. Será assegurado o direito de resposta a qualquer pergunta a respeito da pesquisa e seus objetivos. A análise das entrevistas poderá contribuir para o aperfeiçoamento de projetos e de políticas públicas voltadas ao uso e conservação de áreas verdes urbanas, de modo a proporcionar mais qualidade de vida aos presentes e futuros moradores desses locais. O material coletado não será objeto de comercialização e/ou divulgação que possa prejudicar os(as) entrevistados(as). É um compromisso desta pesquisadora, ao final da realização da pesquisa, comunicar-lhe(s) os resultados e/ou devolver-lhe(s), de alguma forma, o produto alcançado.

Sr(a) será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. O(A) Sr(a) é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a sua recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de qualquer benefício, você possui garantia ao direito à indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa que absorverá qualquer gasto relacionado garantindo assim não oneração de serviços de saúde. Os pesquisadores irão tratar a sua identidade com respeito e seguirão padrões profissionais de sigilo, assegurando e garantindo o sigilo e confidencialidade dos dados pessoais dos participantes de pesquisa. Seu nome, ou

qualquer material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. O(A) Sr(a) não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma **cópia** assinada deste termo de consentimento livre e esclarecido será enviada eletronicamente ao Sr(a), caso aceite participar dessa pesquisa. O estudo poderá ser interrompido mediante aprovação prévia do CEP quanto à interrupção ou quando for necessário, para que seja salvaguardado o participante da pesquisa.

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA

Eu,_____ _____, RG._____ , e-mail _____ fui informada(o) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações para motivar minha decisão, se assim o desejar. A pesquisadora Natalia Zafra Goettlicher certificou-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais e somente os pesquisadores terão acesso. Também sei que caso existam gastos, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa. Em caso de dúvidas poderei chamar a pesquisadora Natalia Zafra Goettlicher no telefone (14) 99722-4254 ou e-mail nataliazafra@usp.br e/ou a sua orientadora professora Dra. Sonia Maria Viggiani Coutinho pelo e-mail scoutinho@usp.br.

O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo também poderá ser consultado para dúvidas/denúncias relacionadas à Ética da Pesquisa e localiza-se na Av. Dr. Arnaldo, 715, Cerqueira César – São Paulo, SP, horário de atendimento: de segunda a sexta-feira, das 9h às 12h e das 13h às 15h telefone, (11) 3061-7779, e-mail: coep@fsp.usp.br, que tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho Nacional de Saúde.

Ao clicar no botão abaixo, o(a) Senhor(a) concorda em participar da pesquisa nos termos deste TCLE. Caso não concorde em participar, apenas feche essa página no seu navegador".

☐ Li, compreendi e concordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, aceitando assim participar desta pesquisa.

Por favor, informar sua autorização referente a gravação de áudio e imagem da sua participação na pesquisa.

☐ Sim, eu autorizo. ☐ Não, eu não autorizo.

APÊNDICE F – Protocolo Operacional Padrão realizado nas transcrições de cada entrevistado.

Protocolo de Transcrição - Entrevista No____	
Nome do Entrevistado:	
Data:	__/__/____
Dia da Semana:	( ) Segunda ( ) Terça ( ) Quarta ( ) Quinta ( ) Sexta ( ) Sábado ( ) Domingo
Horário:	___horas ___minutos
Período:	( ) Manhã ( ) Tarde ( ) Noite
Duração:	___horas ___minutos___segundos
Perfil do Roteiro:	( ) Iniciativas - Moradores ( ) Pesquisador ( ) Comércio
Entrevistado por:	
Link da gravação:	
Início da transcrição:	

Fonte: Elaborada pela autora, 2021.

APÊNDICE G – Quadro com a descrição e período da realização das entrevistas semiestruturadas por perfil de roteiro.

Sigla	Roteiro - Perfil	Data	Dia	Período	Horário	Duração	Realização
E1	Iniciativa	21/06/2021	Segunda	Tarde	14h00	01:43:43	*On-line*
E2	Iniciativa	22/06/2021	Terça	Noite	18h00	00:58:32	*On-line*
E3	Iniciativa	23/06/2021	Quarta	Manhã	10h00	00:53:09	*On-line*

E4	Pesquisador	24/06/2021	Quinta	Tarde	14h00	00:51:28	*On-line*
E5	Iniciativa	25/06/2021	Sexta	Manhã	10h00	01:13:11	*On-line*
E6	Iniciativa	25/06/2021	Sexta	Tarde	14h00	00:33:55	*On-line*
E7	Iniciativa	28/06/2021	Segunda	Tarde	14h00	01:01:47	*On-line*
E8	Iniciativa	29/06/2021	Terça	Manhã	09h00	00:43:29	*On-line*
E9	Iniciativa	30/06/2021	Quarta	Manhã	10h00	01:22:50	*On-line*
E10	Iniciativa	30/06/2021	Quarta	Tarde	15h00	00:57:45	*On-line*
E11	Iniciativa	02/07/2021	Sexta	Tarde	15h00	01:05:36	*On-line*
E12	Iniciativa	21/07/2021	Quarta	Tarde	14h00	00:31:21	*On-line*
E13	Iniciativa	22/07/2021	Quinta	Manhã	09h00	01:16:52	*On-line*
E14	Iniciativa	26/07/2021	Segunda	Tarde	17h00	01:03:02	*On-line*
E15	Comércio local	29/07/2021	Quinta	Tarde	15h00	00:17:20	*On-line*
E16	Comércio local	30/07/2021	Sexta	Tarde	17h00	00:10:12	Presencial
					Total	**14:44:12**	

Fonte: Elaborada pela autora, 2021.

APÊNDICE H - Quadro com o resumo do perfil dos entrevistados na fase de entrevistas semiestruturadas.

Quadro - Resumo do Perfil dos entrevistados													
N	**Perfil**	**Idade**	**Naturalidade**	**Bairro**	**Gênero**	**Status Civil**	**Filhos(as)**	**Animal de estimação**	**Formação**	**Profissão**	**Vínculo MA**	***Home office***	**H.F.**
E1	I	N.I.	Assis, SP	Pompeia	Fem.	União estável	Não	Sim	Graduação Arquitetura e Urbanismo, Mestrado Design	Designer Gráfica	Sim	Sim	Sim
E2	I	58	São Paulo, SP	Vila Beatriz	Masc.	N.I.	Sim	Sim	Comércio Exterior	Broker	Não	Sim	Sim
E3	I	N.I.	São Paulo, SP	Vila Beatriz	Fem.	N.I.	Não	N.I.	Matemática e Administração	Gestora de Projetos	Não	Sim	Sim
E4	P	N.I.	São Paulo, SP	Vila Madalena	Masc.	Casado	Sim	Sim	Graduação, Mestrado e Doutorado em Arquitetura e Urbanismo.	Arquiteto e pesquisador	Sim	Sim	Sim
E5	I	N.I.	São Paulo, SP	Butantã	Masc.	N.I.	N.I.	N.I.	Geografia	Educador e Geólogo	Sim	Sim	Sim
E6	I	N.I.	Buenos Aires, Argentina.	Vila Anglo Brasileira	Fem.	Casada	Sim	N.I.	Comunicação	Área de Comunicação	Sim	Sim	Sim
E7	I	N.I.	N.I.	Pompeia	Masc.	N.I.	Sim	Sim	Artes Cênicas	Educador	Não	Sim	Sim
E8	I	N.I.	São Paulo, SP	Sumarezinho	Masc.	Casado	Sim	Sim	Artes Plásticas	Artista Plástico	Sim	Não. Ateliê - Próximo a PN	Sim
E9	I	60 +	Rio de Janeiro, RJ	Pompeia	Feminino	Divorciada	Sim	Sim	Farmácia	Consultora	Não	Sim	Sim

E10	I	50 +	Rio de Janeiro, RJ	Ipiranga	Masc.	Casado	Sim	Sim	Administração	Administrador	Não	Não. Externo - N.I.	Sim
E11	I	N.I.	São José do Rio Preto, SP	Vila Leopoldina	Fem.	Casada	Não	Não	Graduação e Mestrado em Arquitetura e Urbanismo	Consultora e Professora	Sim	Sim	Sim
E12	I	56	São Paulo, SP	Carapicuíba-Granja Viana	Fem.	Casada	Sim	Sim	Arquitetura e Urbanismo	Consultora independente	Não	Sim	Sim
E13	I	50 -	São Paulo, SP	Vila Anglo Brasileira	Masc.	União estável	Sim	Não	Graduação em Geografia e Mestrado em Educação.	Professor de Geografia	Sim	Não. Escola de Ensino Médio - Centro de São Paulo.	Sim, porém com restrições
E14	I	N.I.	São Paulo, SP	Vila Pirituba	Masc.	União estável	Sim	Sim	N.I.	Consultor independente	Não	Não. Em aldeias e em diversos locais da cidade	Sim
E15	C	N.I.	N.I.	Freguesia	Masc.	Casada	Sim	Não	N.I.	Garçom	Não	Não. Bar na Av. Pompeia.	Não
E16	C	N.I.	São Paulo, SP	N.I.	Masc.	Solteiro	Sim	N.I.	N.I.	Gerente de mercado	Não	Não. Mercado na Av. Pompeia.	Não

Notas:
I - Iniciativa / P - Pesquisador / C - Comércio;
Fem. - Feminino / Masc. - Masculino;
H.F. - Horário Flexível;
N.I. - Não Identificado.

Fonte: Elaborada pela autora, 2022.

APÊNDICE I - Quadro com o resumo dos resultados das entrevistas semiestruturadas.

Quadro - Resumo dos resultados das entrevistas			
Quantidade de entrevistados			16
Blocos - Perguntas	**Resultados**	**Respondentes**	**Quantidade**
Bloco 01 - Relação com o bairro, a Praça da Nascente e seu entorno.			
Perfil dos entrevistados	Vide apêndice H		
Frequência a PN	Sim, diariamente ou semanalmente.	E7, E8, E9, E13 e E16	5
	Não com frequência, pois tem outra praça mais perto.	E2, E3, E4 e E6	4
	Mudou-se de bairro.	E5, E12 e E14	3
	Isolou-se durante a pandemia.	E1 e E10	2
	Não.	E11 e E15	2
Importância da Praça da Nascente para os entrevistados.	Lugar de encontro / Convívio social	E1, E2, E7, E13, E15 e E16.	6
	Riqueza hídrica / Preservação das nascentes / serve de recarga e reservatório de água	E4, E5, E6, E8, E11 e E12.	6
	Espaço de lazer / Espaço prazeroso de estar / Espaço de brincar	E7, E9, E13, E15 e E16.	5
	Preservação da área verde	E6, E9 e E10.	3
	Extensão da sua casa como um quintal / Espaço Livre	E3 e E15.	2
	Contemplação da natureza	E7 e E15.	2
	Preservação da biodiversidade local	E10 e E15.	2
	Preservação da sua topografia típica do Cerrado / Morros	E08 e E11.	2
	Ajuda na nossa saúde (física e mental) e qualidade de vida para se viver na cidade	E11 e E13.	2
	Preservação da vegetação nativa do Cerrado	E8	1

	Visão privilegiada da cidade	E11	1
	Inspiração para outras iniciativas e movimentos	E12	1
	Experiências importantes vividas na praça / Relação afetiva	E14	1
Motivações para apoiar e/ou participar do coletivo e outras iniciativas na praça	Indignação e incômodo com o modo de vida na capital vs o estilo de vida da cidade de origem.	E1 e E6.	2
	Incentivo ao convívio social com vizinhos do bairro.	E2 e E9.	2
	Relação pessoal com o Córrego Água Preta (ex-morador da região) / Relação afetiva com o meio.	E5 e E13.	2
	Trabalho coletivo "são pessoas trabalhando juntas e não essa formalização/organização".	E5 e E12.	2
	Preservação e manutenção do espaço público.	E6 e E7.	2
	Nenhuma. Não participa por falta de tempo.	E15 e E16.	2
	Surgiu por meio de um convite externo.	E2	1
	A motivação não tem relação direta / Externa a PN.	E3	1
	Desenvolver pesquisa e apoiar na transformação do território por meio dos conhecimentos arquitetônicos - planejamento e resiliência urbana.	E4	1
	Processo de cura pessoal / Promover a saúde emocional e afetiva das relações humanas.	E7	1
	Ativismo por meio da arte relacional.	E8	1
	Preservação e educação sobre as abelhas nativas.	E10	1
	Transformação local para cidades melhores.	E11	1
	A potência das pessoas atuando em coletivo junto a natureza, fonte de aprendizado, transformação, regeneração e prazer.	E12	1
	Preservação das águas urbanas.	E14	1
Causas de luta para os respondentes	Uso e Ocupação do espaço público - livre/aberto.	E1, E3, E6, E7, E9 e E13.	6

	Preservação das águas urbanas.	E2, E5, E9, E12, E13 e E14.	6
	Entender a situação urbana e sua relação histórica com o meio / Luta pelos direitos.	E8 e E12	2
	Nenhuma.	E15 e E16.	2
	Manutenção do estilo de vida do bairro como vilas de casas residenciais.	E2	1
	Alimentação	E3	1
	Mobilidade urbana.	E3	1
	Estudo do meio ambiente urbano e as relações com as águas e o verde dentro do projeto arquitetônico e urbanístico.	E4	1
	Relação humana com o meio ambiente urbano / Relação entre o comunitário e o ambiental.	E4	1
	Revitalização dos espaços públicos.	E6	1
	Educação	E7	1
	Preservação do espaço público.	E9	1
	Preservação das áreas verdes.	E9	1
	Preservação da Biodiversidade.	E10	1
	Sustentabilidade e regeneração urbana	E11	1
	Preservação dos indígenas / povos originários	E14	1
Bloco 02 - Transformações percebidas no território.			
Transformações observadas no território da Praça da Nascente	Ocupação do Espaço Público	E4, E5, E7, E10, E12, E13 e E14	7
	Intervenção em Infraestrutura	E4, E6, E9, E13, E15 e E16	6
	Restauração das nascentes	E8, E12 e E14	3
	Visibilidade x Referência	E8, E13 e E14	3

	Intervenção Cultural	E7 e E12	2
	Especulação Imobiliária	E14 e E15	2
	Segurança no local	E2	1
	Relações humanas	E7	1
	Intervenções de Arte	E4	1
	Intervenção Educativa	E1	1
	Biodiversidade	E7	1
	Comunicação	E10	1
Relação das iniciativas nas transformações executadas e percebidas	Sim	Todos	16
Fatores percebidos que influenciam as ações coletivas sobre o espaço público verde	Interno ao indivíduo	E1, E3, E5, E6, E9, E10, E10 e E14	8
	Externo ao indivíduo	E1, E2, E4, E10 e E11	5
	Relações humanas	E4, E7, E8, E12, E13, E14 e E16	5
	"Fazer juntos"	E2 e E5	2
	Felicidade	E5	1
O que faz as pessoas participarem destas ações? Quais os principais interesses?	Interno ao indivíduo	E1, E2, E6, E9, E11 e E14	6
	Externo ao indivíduo	E8, E10 e E14	3
	Relações humanas	E3, E4, E7 e E13	4
	Felicidade	E5 e E11	2

	Segurança	E2 e E3	2
	Relação humana com a Natureza x Saúde / Cura	E13 e E14	2
Com a pandemia, o que mudou?	Redução das atividades coletivas; intensificação da comunicação e encontros remotos via internet (TIC); percepção de elevação da especulação imobiliária na região e certo abandono da praça.		
Alterou o espaço?	Sim, alterou.	E1, E2, E4, E5, E7, E8, E9, E10, E12 e E13	10
	Não soube responder, pois não a frequentou.	E3, E6, E11 e E14	4
	Não, alterou.	E15 e E16	2
Bloco 03 - Desejo para o futuro da Praça da Nascente.			
Qual é o seu desejo para o futuro da Praça da Nascente?	Praça ocupada, segura e bem cuidada	E1, E3, E6, E9, E15 e E16	7
	Ampliação da PN e não construção do prédio ao lado. Visibilidade pela Av. Pompeia	E5, E9, E11, E12, E13 e E16	6
	Mais apoio de indivíduos engajados e inspiração	E3, E7, E11 e E13	4
	PN mantida igual como está	E2, E5 e E10	3
	Preservação da fauna e flora	E8, E11 e E15	3
	Preservação hídrica	E5, E9 e E14	3
	Outras demandas diversas	E2, E9 e E11	3
Quais as oportunidades para o seu desejo ser realizado?	Recursos e Relações Humanos (Mobilização e Engajamento)	E2, E4, E5, E7, E11, E13, E14 e E15	8
	Investimento em Educação (Sensibilização)	E1, E3, E6, E9, E10 e E14	6
	Recursos Ambientais	E8 e E16	2

	Ampliação de Hortas urbanas	E3	1
	Construções sustentáveis	E12	1
	Lazer	E16	1
	Preservação do contexto histórico, cultural e ambiental	E2	1
Quais as dificuldades para o seu desejo ser realizado?	Ausência de envolvimento do Setor Público	E1, E2, E6, E11, E13, E10, E14 e E16	8
	Relação e interesses do Setor Privado	E2, E3, E5, E7 e E12	5
	Mobilização de pessoas	E8, E13 e E15	3
	Problemas de Assistência Social	E6 e E9	2
	Relações Sociais	E7 e E8	2
	Falta de acesso a informação e educação de todos	E3 e E12	2
	Relação dos setores: Público, Econômico e Acadêmico	E4	1
	Falta valorização do Espaço Público	E6	1
	Conflitos	E9	1
Estes desejos estão alinhados com as iniciativas que representam?	Sim	Todos, exceto E14	15
	N.I.	E14	1
Como você vê a praça daqui para frente?	Ocupada	E1, E3, E9, E10, E11, E14, E15 e E16	8
	Preservada/ Manter como está	E2, E5, E13 e E14	4
	Manutenção básica sem necessidade de o coletivo demandar	E1, E12	2
	Praça ampliada até Av. Pompeia	E5 e E16	2

	Segura	E1	1
	Parque Linear	E4	1
	Águas naturalizadas e destamponadas até a foz	E5	1
	Proposta de composteira comunitária dentro da PN	E7	1
	Continuidade do Comitê PN	E7	1
	Ponte com outros projetos e outros territórios	E7	1
	Um grande Cerrado Infinito	E8	1
	PN como símbolo de uma cidade colaborativa	E12	1

Fonte: Elaborada pela autora, 2022.

APÊNDICE J – Quadro com a descrição do foco dos movimentos, subcategorias, iniciativas representadas, descrição das iniciativas nas redes sociais e forma de atuação na Praça da Nascente.

Movimento	Subcategoria	Iniciativas representadas	Descrição nas Redes Sociais	Atuação na PN
Espaços públicos (Praças)	Revitalização	Coletivo Ocupe & Abrace	Grupo de moradores que atua na #PraçadaNascente de forma amorosa e criativa.	Direta e contínua.
		Coletivo das Vilas Beatriz, Ida e Jataí	Coletivo de moradores e amigos das Vilas Beatriz, Ida e Jataí. Três bairros juntos por um mundo melhor!	Apoio como rede - pontual
		Movimento Boa Praça	O Movimento Boa Praça é uma iniciativa de pessoas que querem viver em uma cidade mais humana. Trabalhamos, desde 2008, por melhores espaços públicos.	Apoio como rede - pontual
	Desenvolvimento local comunitário	Ecobairro	Cooperar para que as cidades e as comunidades sejam sustentáveis e pacíficas.	Apoio como rede - pontual
	Defesa das Águas Urbanas	Existe Água em São Paulo	Realizo expedições pela cidade de São Paulo para mostrar através de vídeos e fotos, rios e nascentes esquecidos, que devem ser recuperados e protegidos.	Apoio como rede - pontual
		Rios e Ruas	Rios Urbanos - #riosurbanos #riosinvisíveis #riosdescobertos #rioslivres #rioslimpos	Apoio como rede - pontual
		(se)cura humana	Guerrilhas artísticas urbanas e aquáticas.	Apoio como rede - pontual
	Composteira Comunitária	Nossa Senhora da Composteira	Compostagem, sustentabilidade, agrofloresta urbana, regeneração, biodiversidade, coletividade e algo mais.	Apoio como rede - pontual
	Preservação da Biodiversidade	SOS Abelhas Sem Ferrão	Um Projeto destinado a preservar as abelhas nativas. Só se preserva o que se conhece	Apoio como rede - pontual
	Arte Visual	Cerrado Infinito	Cerrado Infinito convida para um passeio nos Campos de Piratininga.	Direta e contínua.
	Arte Musical	Bloco da Água Preta	O Bloco do Água Preta é um bloco pós carnaval e percorre o caminho do Córrego da Água Preta	Apoio como rede - pontual
Hortas Urbanas	Hortas Urbanas	Horta das Corujas	Horta comunitária em praça pública na Av das Corujas, 39, São Paulo - SP.	Apoio como rede - pontual

Fonte: Elaborada pela autora, 2022.

APÊNDICE K - Resumo dos Currículos Lattes

Abaixo seguem um breve resumo do meu Currículo Lattes e o de minha orientadora:

Mestranda Natalia Zafra Goettlicher

Resumo CV Lattes: Graduação em Administração pela Universidade Estadual de Campinas, pós-graduada em Gestão Estratégica da Sustentabilidade pela FIA e mestranda no Programa de Mestrado Profissional em Ambiente, Saúde e Sustentabilidade na Faculdade de Saúde Pública - USP. No período da faculdade atuou em organizações estudantis como Empresa Júnior e Atlética e foi bolsista da AUGM na Universidad Nacional de Córdoba (Argentina). Atualmente é empreendedora, palestrante, oficineira socioambiental, idealizadora do Mundo SEM Bitucas, cofundadora do Instituto ReNative e pesquisadora tendo como linha de pesquisa os "Estudos urbanos e regionais para a sustentabilidade" e dissertação intitulada "Territórios em transformação: fatores que influenciam ações coletivas de uso e conservação de um espaço público".

Link CV Lattes: http://lattes.cnpq.br/6296269886124126

Orientadora Profa. Dra. Sonia Maria Viggiani Coutinho

Resumo CV Lattes: Graduação em Direito, mestrado em Saúde Pública e doutorado em Ciências, linha de pesquisa Políticas Públicas e Gestão Ambiental, todos pela Universidade de São Paulo. Pós-doutorado pela FSP/USP, com Bolsa Fapesp e junto à Escola Politécnica/USP, com bolsa CEST/USP. Pesquisadora colaboradora do Instituto de Estudos Avançados/USP - Centro de Síntese USP Cidades Globais. Orientadora pontual do Programa de Pós-Graduação Ambiente, Saúde e Sustentabilidade. Participa dos Grupos de Pesquisa Gestão de Riscos e Planejamento Territorial (UFABC); Modos de Vida, Sustentabilidade e Dinâmicas Contemporâneas (FSP/USP); Núcleo de Apoio à Pesquisa em Mudanças Climáticas (IAG/USP); e SIADES - Sistema de Informações Ambientais para o Desenvolvimento Sustentável (FSP/USP).

Link CV Lattes: http://lattes.cnpq.br/8890287717199406